



Programa de Pós-Graduação em
LINGUÍSTICA

**TOPONÍMIA E TECNOLOGIA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA ABORDAGEM A PARTIR DE INDICADORES DA CULTURA
DE BELÉM DO PARÁ**

São Carlos
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

**TOPONÍMIA E TECNOLOGIA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA: uma abordagem a partir de indicadores da cultura de Belém do Pará**

Denise Ramos Cardoso
Bolsista: UEPA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Linguística da Universidade Federal de São
Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção
do Título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Joceli Catarina Stassi Se
Coorientador: Prof. Dr. Bruno Pereira Gomes

São Carlos
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

Folha de Aprovação

Defesa de Tese de Doutorado da candidata Denise Ramos Cardoso, realizada em 11/07/2025.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Joceli Catarina Stassi Sé (UFSCar)

Profa. Dra. Mara Silvia Jucá Acácio (UEPA)

Prof. Dr. Marcos Jaime Araújo (UEPA)

Prof. Dr. Dirceu Cleber Conde (UFSCar)

Prof. Dr. Renato Miguel Basso (UFSCar)

À minha mãe (*in memoriam*), que sempre esteve ao meu lado, incentivando-me para que eu tivesse sucesso na minha vida pessoal e profissional.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me permitido alcançar mais um degrau na minha vida profissional, realizando assim, o meu desejo pessoal de concluir um doutorado.

Quero aqui também deixar os meus agradecimentos aos órgãos que abriram suas portas para que eu coletasse as informações da minha pesquisa, são eles: SESAN – Secretaria Municipal de Saneamento/PA, CODEM – Companhia de Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém; IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e SEURB – Secretaria Municipal de Urbanismo.

Não deixando de agradecer os funcionários José Francisco de Souza (Coordenador do Núcleo de Projetos Especiais), Rosa Mesquita (Assessora DSG) desses respectivos órgãos que, com toda atenção e profissionalismo, passaram as informações referente a minha pesquisa.

Agradeço ao Estado do Pará pela concessão de apoio financeiro durante todo o período de doutorado através de uma Bolsa Estadual.

À minha orientadora Profa. Dra. Joceli Catarina Stassi Se, que, gentilmente, aceitou embarcar comigo na criação de um aplicativo como ferramenta tecnológica para o ensino da Língua Materna e pelo tanto que me ensinou e incentivou nessa jornada chamada doutorado. Obrigada por compartilhar comigo sua admiração pela área da Toponímia. Agradeço imensamente sua dedicação, cuidado, generosidade e, sobretudo, por sempre confiar no meu trabalho e acreditar no meu potencial.

Quero também fazer os meus agradecimentos ao meu coorientador Prof. Dr. Bruno Gomes Pereira pelas orientações e sugestões na caminha desta pesquisa, mostrando-se sempre disposto a tirar quaisquer dúvidas e, acima de tudo, acreditar e confiar no meu potencial.

Muito obrigada a todos os meus amigos da turma do doutorado, que cursaram comigo algumas disciplinas. Um agradecimento especial à amiga Fernandinha e ao amigo Mamadú, que foram parceiros fundamentais, nas orientações quanto a questão do uso da tecnologia, sempre procurando sanar minhas dúvidas.

À Universidade Federal de São Carlos - SP, juntamente com todo o seu corpo docente, que me receberam e acreditaram em meu Projeto de Pesquisa. Em especial aos professores que desenvolveram o Projeto E-zine nas disciplinas Leitura e Produção de Textos e Comunicação e Expressão de cuja equipe fiz parte como tutora, em momentos que me proporcionaram grande aprendizado. Agradeço especialmente aos professores Dirceu Cleber, Lígia Menossi, Luciana Nogueira e Pedro Varoni pela amizade, acolhimento, parceria e companheirismo.

Aos professores e colegas de profissão da Universidade Estadual do Pará – UEPA, que muito me incentivaram em dar continuidade ao meu Projeto de Pesquisa para o ingresso numa

pós-graduação de doutorado. Aqui gostaria de ressaltar o grandioso apoio da minha amiga prof^ª. Dra. Eliete Solano, Waldinett Torre e da minha coordenadora Prof^ª. Dra. Rosana do Vale pelas orientações.

Às minhas amigas Cristina Beckmann, Erica Johnston, Shirley Veloso, Andréa Abraham, Élide Moreira e Oneli Gonçalves pelas palavras de força nos momentos difíceis que passei quando perdi minha mãe, onde pensei até desistir do doutorado e elas com todo carinho me passando palavras de conforto e estímulo.

Quero aqui fazer um agradecimento muito especial à minha amiga e companheira Cláudia Moura, pelo acolhimento, companheirismo diário, por viver comigo momentos memoráveis e por ser o suporte fundamental em ocasiões de angústia e insegurança.

As minhas irmãs Dayse e Dylmar, meus sobrinhos Glondys Neto, Roberta e Jéssica e a minha princesa Ana Luíza por serem meu suporte, pelo amor incondicional, por acreditarem em mim, pela compreensão durante minhas ausências e por serem meus melhores amigos.

“A Toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras...”.

Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo geral apresentar a toponímia dos 71 bairros que compõem a metrópole Belém, para fins educativos, por meio de uma ferramenta digital. Para que possamos responder ao objetivo geral, elencamos os seguintes objetivos específicos: (i) mapear os topônimos; (ii) identificar as motivações para a criação dos topônimos; (iii) e desenvolver a ferramenta digital como aplicativo para o ensino da Língua Portuguesa. A fundamentação teórica está alojada no campo interdisciplinar dos estudos linguísticos toponímicos, a partir da interface com pesquisas sobre Linguística Geossocial, Sociolinguística e Letramento Escolar, tendo como base os autores Andrade, K. dos S (2012); Cagliari, L. C. (2003); Dick, M. V. de P. do A (1990); Kleiman, A. B (2014), entre outros. Como metodologia da pesquisa, apropriamo-nos de um estudo do tipo descritivo-documental e bibliográfico com base nas teorias de Dick (1986, 1990, 1992), para assim, encontrarmos a provável motivação toponímica presente nos designativos dos bairros da área pesquisada. Neste estudo, apresentamos um aplicativo, como ferramenta tecnológica, criado para trabalhar a toponímia no Ensino da Língua Portuguesa nas escolas das redes estaduais e municipais, em uma perspectiva interdisciplinar e intercultural, contando com o apoio e parceria do grupo de pesquisadores da Interceleri, que fazem parte do departamento de tecnologia da Universidade Federal do Pará.

Palavras-chave: Tecnologia; Toponímia; Ensino; Língua Portuguesa.

ABSTRACT

The main objective of the present research is to present the toponymy of the neighborhoods that make up the Belém metropolis, for educational purposes, through a digital tool. To respond to the realce objective, we have listed the following specific objectives: to (i) map the toponyms; (ii) identify the motivations for the creation of toponyms and (iii) develop the digital tool as an application for the teaching of the Portuguese Language. The theoretical foundation is housed in the interdisciplinary field of toponymic linguistic studies, from the interface with research on Geosocial Linguistics, Sociolinguistics and School Literacy, based on the authors Andrade, K. dos S (2012); Cagliari, L. C. (2003); Dick, M. V. de A P. (1990); Kleiman, A. B (2014), among others. As a research methodology, we appropriated a descriptive-documental and bibliographic study based on the theories of Dick (1986, 1990, 1992), To find the probable toponymic motivation present in the designations of the neighborhoods of the researched area. In this study, we present an application, as a technological tool, created to work on toponymy in the Teaching of the Portuguese Language in state and municipal schools, in an interdisciplinary and intercultural perspective, with the support and partnership of the group of researchers from Interceleri, who are part of the technology department of the Federal University of Pará.

Keywords: Technology; Toponymy; Teaching; Portuguese Language.

LISTA DE ABREVIATURAS

A.G	Acidente Geográfico
APA	Área de Proteção Ambiental de Belém
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAN	Centro Arquitetônico de Nazaré
CEASA	Centro de Abastecimento do Pará
CIABA	Centro de Instrução Almirante Brás de Aguiar
CODEM	Companhia de Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém
COHAB	Companhia de Habitação do Estado do Pará
COMAR	Comando Aéreo Regional
CPATU	Centro de Pesquisa Agropecuária do Tópico Úmido
DABEL	Distrito Administrativo de Belém
DABEN	Distrito Administrativo do Benguí
DAENT	Distrito Administrativo do Entroncamento
DAGUA	Distrito Administrativo do Guamá
DAICO	Distrito Administrativo de Icoaraci
DAMOS	Distrito Administrativo de Mosqueiro
DAOUT	Distrito Administrativo de Outeiro
DASAC	Distrito Administrativo da Sacramenta
DETRAN	Departamento de Trânsito do Estado do Pará
ELETRONORTE	Centrais Elétrica do Norte do Brasil S.A
FACEPA	Fundação de Atendimento Socioeducativo do Pará
FCAP	Faculdade de Ciência Agrária do Pará
FEAPA	Faculdade de Estudos Avançados do Pará
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INPE	Instituto Nacional de Pesquisa Espaciais da Amazônia
INSS	Instituto Nacional de Seguridade Social
IPAMB	Instituto de Previdência do Município de Belém
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
SERPRO	Serviço Federal de Processamento de Dados
SENAT	Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte
SESAN	Secretaria Municipal de Saneamento
SEST	Serviço Social do Transporte

SEURB	Secretaria Municipal de Urbanismo
TIC's	Tecnologia de Informação e Comunicação
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFRA	Universidade Rural da Amazônia

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Geração Z.....	25
Figura 2	Modelo da Ficha Lexicográfica-Toponímica	38
Figura 3	Modelos de Letramento	44
Figura 4	Toponímia e Ensino	45
Figura 5	Capa do Protótipo	117
Figura 6	Menu Distrital.....	117
Figura 7	Menu de Opções	118
Figura 8	Visão Mapa.....	118
Figura 9	Arquivo de desenvolvimento Inicial.....	119
Figura 10	Menu de Tópicos	120
Figura 11	Capa do Aplicativo	121
Figura 12	Tela Inicial.....	122
Figura 13	Tutorial	122
Figura 14	Menu DABEL.....	123
Figura 15	Mapa DABEL.....	124
Figura 16	Informações do Bairro Umarizal	124
Figura 17	Quiz Lexicográfico DABEL.....	125
Figura 18	Menu de Taxonomias	126

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Taxonomia de Natureza Física	33
Quadro 2	Taxonomia de Natureza Antropocultural	34
Quadro 3	Taxonomias de Natureza Física dos bairros de Belém.....	40
Quadro 4	Taxonomias de Natureza Antropocultural dos bairros de Belém.....	41
Quadro 5	Taxonomias de Natureza Mista dos bairros de Belém (Criação).....	42
Quadro 6	Distritos administrativos dos bairros de Belém	56

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	Estado do Pará	50
Mapa 2	Mesorregiões do Pará	51
Mapa 3	Microrregiões do Pará.....	52
Mapa 4	Bairros de Belém	53
Mapa 5	Distritos Administrativos.....	55
Mapa 6	Distrito Administrativo – DABEL.....	66
Mapa 7	Distrito Administrativo do Bengui – DABEN.....	71
Mapa 8	Distrito Administrativo do Entroncamento – DAENT.....	76
Mapa 9	Distrito Administrativo do Guamá – DAGUA.....	82
Mapa 10	Distrito Administrativo do Icoaraci – DAICO	86
Mapa 11	Distrito Administrativo de Mosqueiro – DAMOS	92
Mapa 12	Distrito Administrativo do Outeiro – DAOUT.....	103
Mapa 13	Distrito Administrativo – DASAC	106

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I	22
TOPONÍMIA E CULTURA: PERCEPÇÕES TEÓRICAS SOBRE OS TOPÔNIMOS...	22
1.1 Língua, linguagem e cultura	22
1.2 Toponímia: noções elementares	23
1.3 Toponímia e suas interfaces interdisciplinares	24
1.4 Toponímia e interações sociais	27
1.5 Toponímia e sociolinguística	28
CAPÍTULO II	30
UMA ABORDAGEM HISTÓRICA DA TOPONÍMIA NA LÍNGUA PORTUGUESA	30
2.1 Estudos toponímicos	30
2.2 Método de investigação da toponímia	31
2.3 O estudo das taxonomias toponímicas	32
2.3.1 Taxonomias de Natureza Física	33
2.3.2 Taxonomias de Natureza Antropocultural.....	34
2.4 Influência toponímica dos bairros de Belém	39
2.4.1 Motivações Toponímicas na escolha dos nomes dos bairros.....	39
2.4.2 Toponímia, Ensino e Letramento Escolar.....	43
2.5 BNCC: o uso da tecnologia nos estudos de Língua Portuguesa	46
CAPÍTULO III	49
PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	49
3.1 Contextualização da Pesquisa: identificação sociodemográfica do Estado do Pará	49
3.2 Lócus da pesquisa	52
3.2.1 Cidade de Belém	54
3.2.2 Breve Histórico da Formação Distrital dos Bairros de Belém.....	54
3.2.2.1 Distrito Administrativo de Belém – DABEL.....	56
3.2.2.2 Distrito Administrativo do Bengui – DABEN.....	57
3.2.2.3 Distrito Administrativo do Entroncamento - DAENT.....	58
3.2.2.4 Distrito Administrativo do Guamá - DAGUA.....	58
3.2.2.5 Distrito Administrativo de Icoaraci - DAICO	59

3.2.2.6	Distrito Administrativo de Mosqueiro - DAMOS	60
3.2.2.7	Distrito Administrativo de Outeiro – DAOUT	60
3.2.2.8	Distrito Administrativo da Sacramenta – DASAC	61
3.3	Procedimentos Metodológicos	62
CAPÍTULO IV		66
UMA ANÁLISE TOPONÍMICA DOS BAIRROS DE BELÉM		66
4.1	Breve histórico dos bairros selecionados	66
4.1.1	Bairros que compõem o Distrito Administrativo de Belém – DABEL	66
4.1.2	Bairros que compõem o Distrito Administrativo do Bengui – DABEN	71
4.1.3	Bairros que compõem o Distrito Administrativo do Entroncamento – DAENT	75
4.1.4	Bairros que compõem o Distrito Administrativo do Guamá – DAGUA.....	82
4.1.5	Bairros que compõem o Distrito Administrativo de Icoaraci – DAICO	86
4.1.6	Bairros que compõem o Distrito Administrativo de Mosqueiro – DAMOS .	91
4.1.7	Bairros que compõem o Distrito Administrativo de Outeiro – DAOUT.....	102
4.1.8	Bairros que compõem o Distrito Administrativo da Sacramenta – DASAC.	105
CAPÍTULO V		111
BNCC APLICADA AO TECNOLÓGICO		111
5.1	A Tecnologia na BNCC: Cultura Digital e Inovação na Educação Contemporânea	111
5.2	A importância da tecnologia para a educação	113
5.3	Material didático em interface com a tecnologia: o letramento escolar como prática mediadora	113
5.3.1	Materiais didáticos (ferramenta tecnológica).....	114
5.3.2	Construção de Materiais Didáticos para o Ensino de Língua Materna.....	115
5.3.3	Toponímia em Materiais Didáticos: aplicativo tecnológico	116
5.4	Desenvolvimento e criação do aplicativo digital	116
5.4.1	Programação do aplicativo digital	118
5.4.2	Utilização do aplicativo digital	120
5.4.3	Manual de Utilização	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS		127
REFERÊNCIAS		132
ANEXO A – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 01-04		136
ANEXO B – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 05-08		138
ANEXO C – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 09-12		140

ANEXO D – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 13-16	142
ANEXO E – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 17-20	144
ANEXO F – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 21-24	146
ANEXO G – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 25-28	148
ANEXO H – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 29-32	150
ANEXO I – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 33-36	152
ANEXO J – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 37-40	154
ANEXO K – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 41-44	156
ANEXO L – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 45-48	158
ANEXO M – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 49-52	160
ANEXO N – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 53-56	162
ANEXO O – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 57-60	164
ANEXO P – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 61-64	166
ANEXO Q – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 65-68	168
ANEXO R – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 69-71	170

INTRODUÇÃO

[...]
 Belém, Belém acordou a feira
 Que é bem na beira do Guajará
 Belém, Belém, menina morena
 Vem Ver-o-Peso do meu cantar
 Belém, Belém és minha bandeira
 És a flor que cheira do Grão-Pará.
 [...]

(Chico Senna, Flor do Grão-Pará)

Nada melhor do que usar a música para homenagear a cidade de cujos bairros se vai falar neste trabalho. Belém, a capital do 2^a maior Estado da União – Pará, topônimo proveniente do nome do rio Pará, derivado do termo *pa'ra*, que na língua tupi-guarani significa *rio-mar* ou *rio do tamanho do mar* ou *grande rio que corre*.

Para o trabalho sobre a toponímia dos bairros de Belém, é importante conhecer a história da cidade desde a sua fundação, os dados históricos, as pessoas notáveis, os fatos marcantes, os povos que a formaram e, principalmente, a relação entre passado e presente que continua forjando as características dos habitantes de Belém, cidade que continua se desenvolvendo, por isso, novos bairros hão de surgir e precisarão de nomes que os caracterizem e os diferenciem dos outros tantos que a cidade já possui.

Nomear lugares é uma atividade humana importante, e, provavelmente, muito antiga, pois desde o início dos tempos, o homem vem dominando povos e ocupando espaços e, neste mister, desenvolveu uma peculiaridade: dar nomes a tudo ao seu redor, principalmente, a lugares, numa ação simbólica surgida como forma de obter singularidade na ocupação do espaço-físico dominado.

O estudo da toponímia, dentro de um aspecto pluridisciplinar, mostra-se como um itinerário até o conhecimento sobre os povos e suas conquistas e modo de vida dos que viviam, então, nos espaços conquistados. Nesse caminhar, sabe-se que os seres humanos foram se desenvolvendo em todos os aspectos, principalmente, no que tange ao intelecto e, conseqüentemente, ao uso da linguagem que permitiu as comunicações interpessoais, denominar seres, coisas, fenômenos, sentimentos e lugares, revelando, assim, suas tendências culturais, sociopolíticas e religiosas. Com o tempo, esses aspectos se mostraram importantes elementos para a identificação de grupos étnicos, sua história, seus saberes e sua cultura. E pensar que tudo iniciou com o ato de dar nomes.

As palavras gregas *τοπικός* “local” e *ὄνομα* “nome” dão origem ao termo “Toponímia”,

ciência que estuda os nomes de lugares e designativos geográficos sejam eles de ordem cultural, física ou humana. A Toponímia faz parte da toponomástica, a onomástica dos lugares, que pesquisa a origem dos nomes próprios. A toponímica é uma ferramenta que pode mostrar o espaço analisado como uma interação sociedade/natureza e estudar o espaço nesse viés é uma forma sensível de entender como ocorrem as mudanças culturais ao longo do tempo. Dar nome a um determinado lugar implica na manutenção de um grupo em um território em determinado tempo. A denominação dos lugares propicia o conhecimento das relações que ali se estabeleceram.

Para compreender a ligação, entre a toponímia e a cultura, histórica e local, pode-se fazer estudos sobre o processo de nomeação dos lugares, no entanto, há de se observar as particularidades desses lugares, e dessa maneira, os nomes de bairros se apresentam como testemunhas históricas do povoamento dele, desde o descobrimento, a ocupação e tudo mais que permeia o desenvolvimento do local, inclusive a língua do seu povoamento, uma vez que língua, história e cultura são indissociáveis e, para que se conheça cada um desses aspectos, é preciso aprender sobre eles em conjunto, pois juntos formam uma unidade coesa. Portanto, estudar a toponímia de lugares onde grupos de pessoas habitam significa mergulhar na história, na cultura, na sabedoria, na língua e na linguagem desses habitantes.

Dentro do território nacional, a variação tipológica da toponímia está estritamente ligada a fatores de ordem social e a processos espontâneos de nomeação, podendo ser percebida tanto nas diferentes regiões culturais do país como na expressividade do topônimo local, com isso podemos perceber as motivações toponímicas que levaram os 71 bairros que constituem a Metrópole de Belém a terem suas denominações.

A Toponímia é uma vertente dos estudos linguísticos responsável por problematizar a presença de nomes de pessoas e lugares dentro de um determinado contexto, partindo do pressuposto de que sua intenção é, na verdade, uma sobrecarga ideológica responsável por explicar diversos pontos. Nesse sentido, os topônimos são nomes de lugares dentro de uma geografia maior, a qual não se esgota apenas em fronteiras físicas, sendo, certamente, marcas advindas de implicações culturais (cf. Sousa, Martins, 2017; Faggion, Misturini, 2014). A exemplo disso tem-se, em Belém, bairros cujo topônimo é de natureza antropocultural, como Agulha, Cremação, Canudos, entre outros.

Alojada no campo investigativo da Sociolinguística, esta proposta de investigação tem Fundamentação Teórica provinda da Linguística Geossocial, com ênfase na toponímia, sendo esta uma ramificação bastante recente no cenário de pesquisa brasileiro, com forte apelo aos estudos que versam sobre língua indígena (Carvalho, 2012; Alves, 2008).

Ainda na perspectiva teórica, mobilizamos também algumas discussões que versam sobre as práticas de Letramento Escolar, considerando-o pano de fundo das relações interpessoais no contexto da educação básica. Assim, partimos do princípio de que as ações entre atores sociais na escola são mediadas por questões que envolvem poder em todas as esferas, condicionando o desenvolvimento das habilidades e competências dos envolvidos (Signorini, 2007; Silva, 2012)

Diante da contextualização do cenário a servir como *locus* da pesquisa, apresentamos a seguinte questão: Como a criação de um aplicativo toponímico dos bairros do município de Belém (PA) pode viabilizar um ensino de Língua Portuguesa, como língua materna, mais eficiente e eficaz naquela realidade?

Diante disso, consideramos a seguinte hipótese como norteadora deste estudo: um mapeamento toponímico dos bairros de Belém materializando aspectos culturais e sociais que refletem diretamente no funcionamento da língua portuguesa, enquanto língua materna. No entanto, nem sempre, a comunidade docente sabe redimensionar tais informações no contexto de ensino de língua e, com isso, toda a herança cultural passa a ser vista de maneira abstrata para o aluno.

Nesse sentido, elencaram-se o objetivo geral e os específicos dessa pesquisa. Assim, apresentar a toponímia dos bairros que compõem a metrópole Belém, para fins educativos, por meio de uma ferramenta digital constitui o objetivo geral; enquanto os específicos, respondendo ao geral, surgiram da seguinte forma: mapear os topônimos; identificar as motivações dos mesmos e desenvolver um aplicativo como objeto de ensino de língua portuguesa.

Como metodologia, usou-se uma abordagem descritivo-documental e bibliográfica (cf. Lakatos, Marconi, 2003; Bortoni-Ricardo, 2008; Sá-Silva, 2009). Para tanto, a pesquisa gerou dados a partir de intervenções de sentidos em documentos que semiotizam a gênese dos bairros belenenses.

A preocupação com o ensino se dá como forma de estender a proposta investigativa para além do mapeamento toponímico. A proposta é que tal mapeamento possa servir como instrumento semiotizador de práticas educacionais, tendo a língua portuguesa como língua materna. A premissa de identificação toponímica dos bairros da capital do Pará servirá como gerador de dados capazes de repensar o ensino na localidade mencionada, ganhando, assim, *status* de instrumento tecnológico a ser utilizado por professor de várias disciplinas, o que garante a interdisciplinaridade da proposta.

Belém do Pará foi a cidade eleita como *locus* da pesquisa, não só por ser o berço da autora, mas, também, por ser local de confluência de pessoas dos 144 municípios do estado do

Pará e de outros estados do País. É para a capital que essas pessoas vêm ou retornam, chegando via aeroporto ou rodoviária ou hidroviária, com as mais diversas finalidades, trazendo em suas bagagens, além de seus pertences, suas histórias, culturas e sua linguagem. Muitos retornam a seus lugares de origem, mas muitos ficam em Belém e fazem dela a sua cidade, assim, procuram bairros nos quais possam morar ou criam suas próprias comunidades e as denominam segundo as características relativas a seus criadores ou fundadores e todos ligados por uma História comum que se inicia em 1500 com “o Descobrimento do Brasil” e continua na colonização de cada espaço conquistado pelos europeus.

Durante o período da colonização, o Brasil só era visto do Nordeste ao Sul; o Norte parecia importar menos, não fosse por viajantes franceses e espanhóis que já avistavam as grandes possibilidades de enriquecimento do Norte do País, os fatos que ocorriam, na época, teriam caído no esquecimento. Este foi o caso de La Touche que tinha um objetivo final: conquistar a região Norte do Brasil para formar a sua França Equinocial.

O capitão português Castelo Branco chegou em 1580, à região do rio Guamá (*gua* ‘enseada’ e *ma* ‘oxalá’) e igarapé do *Piry* (*pi* ‘pé’ –*r*– *y* ‘água’, o junco, vegetal abundante em pântanos, para onde os indígenas iam a remo, para Mairi, aldeamento bastante movimentado, pensando: “oxalá seja a enseada”. O capitão estava vindo da capitania de Pernambuco e deveria implantar na nova região um posto militar de controle, por ordem de Dom Manoel, rei de Portugal. A principal presença em Mairi eram os Tupinambás e Pacajá, cujo cacique se chamava *Guaimiaba*, de *guay* ‘água do porto’, *mi* ‘pé’ e *aba* ‘pessoa’, pois ele era quem mandava nas águas de Mairi, uma federação de povos originários do Marajó e indígenas da região ou que vinham para cá. (Neves, 2006).

Almeida (2020, p. 78), em seu artigo “Das origens da Belém Seiscentista e sua herança Tupinambá” diz:

Mairi era um entreposto indígena com intensa movimentação de etnias em processo de migração entra a Região de Marajó e o baixo amazonas (Tupuliçu e Pauxis, mais tardes mudados para Santarém e Óbidos, a mando do português Marquês de Pombal), como mostra Friel (1970), que aplicou técnica etno-histórica na análise do povo Caxyuana na região de Óbidos, para os quais os pajés diziam que “seu povo era composto de povos vindos de altas montanhas ao norte da lí” e povos que “vinham de kampixi, no nascente, onde foi feito Bere (Belém). [...]

Belém está localizada sobre Mairi de Maery, do tupinambá *maen* ‘visão’ e *ryry* ‘tremida’ (Syymoes, 2020), vista ao longe como uma miragem que ainda se move pelo bairro do Jurunas e por ruas de nome indígenas, tais como: Tamoios, Pariquis, Tupinambá, Mundurucus,

Timbiras, Tambés, Caiapós, Caripunas, Apinagés e outros bairros como Paracuri. Belém vive sua ancestralidade indígena, sem esquecer os colonizadores no bairro da Cidade Velha e suas ruas de nome português como Breves e Monte Alegre; outros bairros cujo topônimo remete a fatos históricos e pessoas ilustres que aqui viveram ou vivem.

A Capital do Pará é uma cidade que tende a crescer como toda metrópole e a tendência é que sejam criados outros bairros para abrigar quantos mais chegarem por aqui e, certamente, respeitando a história, as etnias, a cultura do povo, há de dar nomes aos próximos bairros sem fugir aos processos de denominação usados para os que a cidade já possui. Belém tem 408 anos, mas, aos olhos de seus habitantes, sempre será” menina morena ... a flor que cheira do Grão-Pará”.

Procurou-se, nesta pesquisa, vincular o estudo toponímico ao resgate da identidade e da memória cultural de uma sociedade. Sendo assim, o texto recebeu a seguinte estrutura.

No primeiro capítulo, intitulado “Toponímia e Cultura: Percepções Teóricas sobre os Topônimos”, o conteúdo foi organizado no sentido de apresentar o papel que a linguagem desempenha na divulgação da cultura como fator marcante para o estudo da toponímia através da interação social. Além disso, nesse capítulo, também se resalta a importância da linguagem na construção das identidades culturais e na formação das categorizações dos elementos da cultura material e espiritual de uma sociedade. Esses são assuntos de grande relevância nos estudos toponímicos, uma vez que os topônimos são elementos linguísticos de identificação e resgate cultural.

Estando os topônimos inseridos num contexto social e cultural, justifica-se a elaboração do segundo capítulo, “Uma Abordagem Histórica da Toponímia na Língua Portuguesa”, o qual apresenta os estudos toponímicos, seus métodos de investigação; a classificação das taxonomias; a influência e as motivações para a escolha dos bairros de Belém, que subsidiaram a relação entre toponímia, ensino e letramento escolar e a construção de um material didático em interface com a tecnologia.

O terceiro capítulo, “Contextualização Metodológica da Pesquisa”, apresenta a identificação sociodemográfica do Estado do Pará, o locus da pesquisa: a cidade de Belém e seus oito distritos administrativos.

No capítulo quatro, “Uma Análise Toponímica dos Bairros de Belém”, tece-se um breve histórico dos bairros que compõem cada um dos oito distritos administrativos de Belém.

“Criação do Aplicativo Tecnológico Toponímico” é o título do capítulo quinto, nele, disserta-se sobre a importância da tecnologia para educação; o desenvolvimento e a criação do aplicativo digital; a programação do referido aplicativo e o manual de orientação para como

utilizá-lo. Fechamos esta tese com a sequência Considerações Finais e Referências Bibliográficas.

CAPÍTULO I

TOPONÍMIA E CULTURA: PERCEPÇÕES TEÓRICAS SOBRE OS TOPÔNIMOS

1.1 Língua, linguagem e cultura

Aristóteles afirmou que o homem é o único “animal político”, por sua capacidade de sociabilidade e civilidade e, principalmente, de linguagem, pois ele é possuidor da palavra que imprime um poder de caráter político e ideológico sobre o indivíduo. A palavra toma proporções consideráveis quando se torna discurso, quando se transforma em conceitos e uma delas é “cultura” que tem na raiz latina *colere* com significados variados, que podem ir desde cultivar, habitar a adorar e proteger, gerando o termo "culto", usado no sentido religioso. Desse modo, a cultura chega ao domínio das artes sacras, além de significar as tradições de um povo que precisam ser veneradas e protegidas, pois a cultura é um conjunto de símbolos, significados e valores de um grupo social que precisa ser compartilhada e preservada.

Quando se compreende a cultura como “o complexo de costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico” (Eagleton, 2005, p. 55), percebe-se que se trata de um modo de vida que é regido pela língua que é um dos principais mecanismos de comunicação no convívio humano que possibilita as relações afetivas e ideológicas dentro de um grupo ou fora dele. A língua não é um código isento da cultura, desvinculado da maneira de pensar e agir das pessoas e tem um papel de grande importância na eternização da cultura, pois uma comunidade vê e compreende a realidade que a cerca por meio das categorias gramaticais e semânticas de sua língua; já a linguagem é compreendida como formalmente análoga à cultura, daí se poder dizer que há uma interdependência entre língua, linguagem e cultura.

Língua, linguagem e cultura é uma tríade que acompanha o homem enquanto ser social, desde o seu nascimento. E, dada a pluralidade da sua constituição e da sociedade e, mais, de todos os conhecimentos adquiridos no dia a dia. A cultura é um conjunto de conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes e outros hábitos adquiridos pelos membros de uma sociedade. Ela molda nossas percepções, valores e comportamentos, e é expressa através de práticas sociais, arte, literatura, música e muito mais; a língua é um sistema de comunicação estruturado que consiste em sons (no caso de línguas orais), palavras e gramática. Ela é um componente essencial da cultura, pois permite a transmissão de conhecimento, tradições e valores de geração em geração. Cada língua possui suas próprias regras e estruturas, refletindo a identidade única do grupo que a utiliza e a linguagem é a capacidade humana de adquirir e

usar sistemas de comunicação complexos, seja por meio da fala, escrita, sinais ou outros métodos. Ela é uma habilidade inata que permite aos seres humanos comunicarem pensamentos, sentimentos e informações de maneira eficaz.

Esses três elementos se entrelaçam de várias maneiras. A cultura influencia a forma como uma língua é usada e evolui ao longo do tempo. Por sua vez, a língua serve como veículo para a cultura, preservando e transmitindo tradições e conhecimentos. A linguagem, sendo a base de todas as formas de comunicação, desempenha um papel crucial nesse processo. A cultura, a língua e a linguagem vão se transformando, construindo a identidade do homem e de seu grupo social, permitindo-lhe criar palavras e reutilizar, por vezes, as caídas em desuso, para, assim dar conta de nomear tudo ao seu redor, inclusive, o lugar onde habita, fazendo surgir, entre outros, os topônimos que identificará o espaço no qual vive junto com a comunidade da qual faz parte.

1.2 Toponímia: noções elementares

A ciência que estuda a linguagem é a Linguística e, nela, podem-se encontrar as ciências do léxico, subdivididas em lexicografia, terminologia e lexicologia. Enquanto a lexicografia é utilizada na construção de dicionários; a terminologia estuda termos específicos das ciências em determinada língua e a lexicologia estuda as palavras da língua. Na lexicologia, estão inseridas a onomástica, que estuda os nomes próprios e está dividida em antroponímia, o estudo dos nomes de pessoas e a toponímia, o estudo dos nomes de lugares. Entende-se, pois, por topônimo o nome próprio de um lugar, sítio, povoação, rua, bairro, cidade, praça, curso d'água, acidente geográfico, qualquer lugar que precisa ser nomeado.

A toponímia estuda os nomes de cidades, vilas, ruas, montanhas, rios, entre outros e procura conhecer a etimologia e a morfologia desses nomes, desempenhando um importante papel na identificação no que se refere à localização de lugares. Muitos desses nomes, no Brasil, são heranças muito antigas proveniente dos romanos, dos gregos, dos árabes; ou da época da colonização europeia ou mesmo de origem indígena etc. No caso da cidade de Belém, essa toponímia traz todos os elementos supracitados, no entanto, a contribuição indígena é relevante para o estudo dos topônimos dos bairros que nos propusemos a pesquisar.

Uma das principais pesquisadoras dos estudos toponímicos no Brasil, Dick (1990) diz que:

A história dos nomes de lugares, em qualquer espaço físico considerado,

apresenta-se como um repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes. Diante desse quadro considerável dos elementos atenuantes, que se inter cruzam sob formas as mais diversas, descortina-se a própria panorâmica regional, seja em seus aspectos naturais ou antropoculturais (Dick, 1990, p. 19).

A autora mostra que, por meio dos topônimos, se podem identificar fatores culturais de uma região que nos fazem perceber os diferentes tipos de topônimos que denominam os bairros de Belém, classificados segundo suas características transmitidas ao habitante local. Esses topônimos se prendem à origem do próprio povo, trazem à tona a sua história, a definição linguística que caracteriza as pessoas da região Norte, ora por meio de arcaísmos, ora com viés moderno, usando vocábulos portugueses, às vezes indígenas, ou mesmo de origem africana ou fazendo a junção desses vários étimos. A beleza dos topônimos utilizados nos 71 bairros de Belém reside na surpresa que cada nome traz e como se atou à cultura dos espaços, mostrando quão rico é o vocabulário paraense e trabalhar este tema como centro da pesquisa, encheu-nos de gratidão.

1.3 Toponímia e suas interfaces interdisciplinares

A toponímia é a disciplina que estuda os nomes próprios de lugares, ou seja, os topônimos, parte da linguística que se relaciona intrinsecamente com a antropologia, a história, a geografia, e outras áreas do saber, principalmente a Língua, no caso do Brasil, a Portuguesa que rege toda a produção escrita e falada dos brasileiros. Sendo a Toponímia uma disciplina de conteúdo interdisciplinar, está presente na grande área dos estudos lexicais, permitindo ao educador desenvolver trabalhos variados endereçados ao aprendizado dos educandos das gerações que convivem com a mais nova tecnológica do momento, a geração Z ou nativos digitais como são chamadas as crianças que nasceram na primeira década do século XXI, imersas na tecnologia digital e com novos hábitos em relação às gerações anteriores.

Antes de percorrer sobre os topônimos, é importante deixar registrado que o termo “Nativos Digitais” ou “Geração Z” foi criado por sociólogos e publicitários a partir de um concurso online do jornal USA Today que propunha nomes para a geração que sucederia aos Millennials. Surgiu, assim, o termo Geração Z, que ganhou força ao longo dos anos seguintes, principalmente depois de uma apresentação desenvolvida e difundida pela Sparks & Honey (24 de agosto de 2016) e passou a denominar pessoas nascidas a partir da segunda metade da década de 1990.

Os nativos digitais, de acordo com alguns especialistas, seriam totalmente

familiarizados com as últimas tecnologias digitais e não teriam dificuldades para lidar com as novidades tecnológicas que surgem a todo o momento. O “Z” vem de “zapear” que significa usar o controle da televisão para trocar rapidamente os canais, à procura de algo interessante de ver e ouvir. “Zap”, em inglês, significa “fazer algo muito rapidamente”.

Figura 1 – Geração Z



Fonte: Campeiz *et al.* 2017

Hoje, a era digital intervém, diretamente, na escola, principalmente, quando os educandos mantêm convivência constante com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's). Desse período surgiram os chamados Nativos Digitais, crianças nascidas depois de 1990 e, os adolescentes que usufruem, com frequência, de dispositivos tecnológicos de comunicação e entretenimento (Prenski, 2001). Essas pessoas nasceram no período em que a tecnologia estava diversificando o modo de viver e interagir na sociedade, pois, para elas o uso de ferramentas digitais acontece desde a infância (Linne, 2014). Assim, esse grupo é classificado em duas gerações: Geração “Y” – nascidos entre 1980 e 1990; e Geração “Z” – nascidos a partir de 1990 (Campeiz *et al.*, 2017).

Para esse estudo, consideram-se os nascidos na década de 1990, integrantes do grupo chamado Geração Z, retratados como especialmente familiarizados com as novas tecnologias de informação e comunicação. Segundo Jacques *et al.* (2015), os mais velhos desta geração têm atualmente, cerca de vinte e cinco anos de idade e integram um grupo de pessoas de ritmo fragmentado, equivalente às diferentes tarefas que desempenham simultaneamente, tais como

navegar na internet, escutar música, falar ao celular e assistir a filmes, ações que estabelecem comportamentos, instituem demandas e conferem traços peculiares a esses indivíduos. Assim como a Geração Z tem suas características definidoras, a toponímia, que não está restrita apenas à denominação de locais, também apresenta uma complexidade própria. O trabalho toponímico é mais extenso, pois é preciso situar cada nome no tempo e no espaço, o que demanda conhecimentos relacionados a outras disciplinas, inclusive à tecnologia – domínio da Geração Z.

Voltando, especificamente, para a toponímia, notamos que o estudo dos topônimos permite agrupar fatores linguísticos, históricos, geográficos, sociais, culturais entre outros, por isso tal estudo não pode ser visto como isolado. Assim, a toponímia se apresenta interdisciplinar, por estabelecer um campo de interação com outras áreas, “é uma disciplina que se volta para a História, a Geografia, a Linguística, a Antropologia, a Psicologia Social e, até mesmo, à Zoologia, à Botânica, à Arqueologia, de acordo com a formação intelectual do pesquisador” (Dick, 1990, p. 2).

Nessa perspectiva, nomear é uma ação importante, uma vez que, por meio da nomeação, o homem imprime suas pegadas no solo em que habita, deixando para os demais uma herança histórica, linguística e cultural. Daí afirmarmos que o estudo de topônimos deve ser realizado a partir dos múltiplos olhares, percorrendo substancialmente pelas diversas áreas do saber, ampliando conhecimentos e ajudando a manter traços culturais e históricos de um povo, aspectos este que não possibilita a fragmentação do processo de toponimizar, mas o vê a partir de múltiplas possibilidades. Um exemplo é que esse estudo, sob a perspectiva do ensino, que ora apresentamos, pode levar o educando a melhor compreender o espaço por ele habitado e participar da construção de uma memória identitária dos lugares que conhece.

Surgiu então a ideia de um produto que servirá não só para ensinar Língua Portuguesa, mas, também, outras disciplinas, tais como História, Geografia, Antropologia, entre outras; cuja finalidade é instigar a participação do educando na construção do conhecimento sobre o local em que nasceu e no qual está inserido – o bairro do qual faz parte. É uma proposta para aulas mais dinâmicas, uma vez que proporciona o contato com um aplicativo digital, certamente mais interessante ao aluno que faz parte da geração Z, fugindo, dessa maneira, do tradicionalismo da sala de aula.

Discute-se, neste trabalho, uma proposta de ampliação semântica e conceitual da noção de lugar nos estudos toponímicos por meio de um diálogo interdisciplinar da toponímia com as disciplinas das várias áreas do conhecimento tendo como fator principal a língua portuguesa. A história, a geografia, o panorama socioeconômico, a cultura local e a língua praticada no país

se unem para que a compreensão do lugar seja estabelecida e redimensionada e passe a ser entendido como um espaço vivido e uma construção socioespacial, estabelecendo uma relação identitária entre o indivíduo e o lugar, tendo como base as noções de pertencimento e de identidade as quais consideram os laços existentes entre o lugar, o seu nome e os indivíduos que interagem nesse espaço.

1.4 Toponímia e interações sociais

O lugar usado como espaço, segundo Santos (2008), não é apenas um palco para os acontecimentos, o lugar é sinônimo de espaço social, multidimensional, é o abrigo do homem, por isso permeado de vivências.

[...] o papel do lugar é determinante. Ele não é apenas um quadro de vida, mas um espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo, a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro. A existência naquele espaço exerce um papel revelador sobre o mundo (Santos, 2008, p. 114).

O espaço social é onde as relações sociais se efetivam por meio da interação entre os seres humanos, os atores sociais que, durante sua existência, participam de diversos espaços sociais: casa, escola, trabalho, igreja etc., nos quais interagem com seus iguais, por meio da linguagem.

Segundo Pierre Bourdieu (1930-2002), sociólogo francês, o campo social determina um espaço simbólico (local de socialização) onde são realizadas trocas entre os agentes. No espaço social, os indivíduos desenvolvem as identidades nas quais são percebidas as diferenças e as posições sociais. Dentre os lugares de grande importância, a escola é um dos principais, pois, nele, aprende-se o conceito e a prática de pertencimento, identidade e interação social, uma vez que a escola é um espaço frequentado por indivíduos que travam, entre eles, as mais diversas relações sejam negativas ou positivas; na escola, é estabelecido um vínculo entre o espaço e, devido ao vínculo, aquele espaço se torna um lugar.

A escola é uma instituição que fornece o processo de ensino para discentes (alunos), com o objetivo de formar e desenvolver cada indivíduo em seus aspectos cultural, social e cognitivo; ela tem suas diretrizes moldadas em função da estrutura social que integra e se propõe a atender aos interesses do contexto histórico que percorre a existência dela. A escola é uma instância que transforma o indivíduo ao lhe dar oportunidades de adquirir, além dos conhecimentos, normas, valores e consciência coletiva necessária para que haja harmonia

social, dessa forma, o indivíduo é transformado e pode também ser agente transformador dentro daquele espaço social.

Assim, é possível estabelecer outro tipo de relação: a existente entre a escola e o nome que lhe foi atribuído, ao se considerar tal nome ligado ao contexto sociopolítico cultural da comunidade em que está inserida, pois é ele um registro temporal do conjunto de ideias que construíram a visão de mundo de cada indivíduo que compõe um determinado grupo social, posto que os vestígios da identidade e da história desse grupo são incorporados ao nome dado à escola.

Moreira e Hespanhol (2007, p. 8) dizem que “quando se propõe contextualizar sobre o lugar, vem à tona abordar a memória do indivíduo em relação ao lugar. Isso porque a memória traz a possibilidade de resgatar o lugar”. Partindo dessa premissa, resgata-se a história social do lugar, permitindo a ligação da memória com o objetivo dos estudos onomásticos no que tange à antroponímia e à toponímia, visto que se dá nome a uma determinada escola que, por sua vez está localizada em um bairro de uma cidade, dentro de um estado pertencente a um país e todos possuem um topônimo para identificá-los e diferenciá-los dos demais.

1.5 Toponímia e sociolinguística

A toponímia (do gregos τόπος, "lugar", e ὄνομα, "nome", significando, portanto, "nome de lugar") é a área da onomástica que estuda os topônimos, nomes geográficos, ou melhor, nomes próprios de lugares, sua origem e evolução.

Considera-se a onomástica como parte da Linguística, parte essa que se entrelaça com a geografia, a história e a arqueologia, já a sociolinguística se preocupa com a relação existente entre língua e sociedade e com o estudo da estrutura e mudanças linguísticas dentro da conjuntura social em que é formada uma comunidade de fala. Ainda que toponímia e linguística sejam áreas distintas, é possível estudar a toponímia sob o olhar da sociolinguística, pelo fato de os falantes de uma língua criarem nomes para os lugares e utilizá-los em um determinado contexto, seja ele histórico, cultural ou mesmo social.

A onomástica é o estudo dos nomes próprios de todos os gêneros, o que envolve uma pesquisa em torno de sua origem e dos processos de denominação sofridos com o passar do tempo em relação a línguas ou dialetos. A onomástica, uma ciência do século XIX, é considerada uma parte da linguística. E se divide em estudo de nomes próprios de pessoas, os antopônimos e o estudo de nomes de lugares, os topônimos, sua origem, significado e evolução, usando métodos peculiares à linguística e pesquisas de cunho histórico e antropológico.

Por vezes, olham-se os topônimos pelo viés da Sociolinguística, quando variações fonéticas - fonológicas são observadas no decorrer da história do vocábulo que foi toponimizado, como no caso do bairro belenense “Bengui”, em que se pronunciam todos os fonemas da sílaba -gui [ˈgwi], quando, historicamente, este topônimo surgiu a partir da junção das sílabas iniciais dos antopônimos Benjamim e Guilherme, logo, no nome do Bairro, o -u da sequência -gui [ˈgi]. não deveria ser pronunciado.

Este primeiro capítulo lança os alicerces teóricos da pesquisa ao discutir a íntima relação entre língua, linguagem e cultura como pano de fundo essencial para compreender os topônimos. Parte-se de noções elementares da toponímia e avança para suas interfaces interdisciplinares, revelando como esse campo dialoga com áreas como geografia, história, sociologia e linguística.

O capítulo destaca como os nomes de lugares são mais do que simples referências espaciais — são manifestações culturais carregadas de significado. Ao abordar as interações sociais e a sociolinguística, ganha destaque a forma como variações fonético-fonológicas refletem processos históricos e sociais, como exemplificado no caso do bairro "Bengui" em Belém. A etimologia popular e as modificações de pronúncia evidenciam a complexidade e a vivacidade dos nomes toponímicos na experiência coletiva.

Ao encerrar com uma análise sociolinguística que expõe transformações fonológicas ocorridas ao longo do tempo, o capítulo prepara o terreno para uma abordagem mais histórica. Assim, o próximo capítulo aprofundará como a toponímia se desenvolveu ao longo dos séculos na língua portuguesa, revelando raízes etimológicas, influências culturais e processos históricos que moldaram a nomeação de lugares.

CAPÍTULO II

UMA ABORDAGEM HISTÓRICA DA TOPONÍMIA NA LÍNGUA PORTUGUESA

2.1 Estudos toponímicos

Os estudos toponímicos estão ligados ao espaço físico de uma certa comunidade, à história e à cultura partilhadas por seus habitantes. A escolha do nome para um lugar consiste na inter-relação de um topônimo com o conjunto língua – cultura – história - geografia e outros fatores que tornam um nome comum em próprio por ações determinadas e incentivadas pela cultura dos populares, resultando na escolha do topônimo adequado e específico para um lugar também específico.

A toponímia, ramo da onomástica que estuda os nomes geográficos, é fundamental para compreender a história, a cultura e os aspectos linguísticos de um território. Na Língua Portuguesa, os estudos toponímicos revelam padrões de nomenclatura que refletem influências indígenas, africanas, europeias e outras que marcaram a formação dos países lusófonos. Analisar os topônimos permite acessar registros históricos, sociais e culturais que ajudam a entender a evolução dos espaços habitados.

Os nomes de lugares carregam vestígios de processos históricos, desde a colonização até as transformações sociais e políticas. No Brasil, por exemplo, muitos nomes de cidades e rios têm origem tupi-guarani, como Paraná e Pindorama, demonstrando a influência das línguas indígenas na configuração da toponímica nacional. Em Portugal, por outro lado, observa-se uma forte presença de nomes derivados do latim, devido à longa ocupação romana. Esse contraste evidencia o impacto das diferentes civilizações na formação dos topônimos lusófonos.

Belém, capital do Pará, é um exemplo rico para estudos toponímicos dentro da Língua Portuguesa. Os nomes de seus bairros refletem a diversidade cultural da região e os processos históricos que moldaram a cidade. Muitos topônimos têm origem indígena, como Guamá, Jurunas e Icoaraci, evidenciando a forte presença das línguas nativas na construção do espaço geográfico. Outros bairros apresentam nomes ligados a tradições religiosas, como Nazaré e Sacramento, reforçando a influência católica na configuração urbana. Há também nomes que homenageiam figuras importantes, como Batista Campos e situações marcantes, como Marco e Cabanagem, além daqueles resultantes de transformações urbanas ao longo do tempo.

Além da etimologia, à toponímia também dialoga com aspectos culturais e identitários. Muitas cidades carregam nomes que homenageiam figuras históricas, santos ou eventos

marcantes, contribuindo para a memória coletiva. Em certas regiões, há mudanças toponímicas impulsionadas por razões políticas ou econômicas, como ocorreu na alteração de nomes em períodos de regime autoritário ou independência nacional. Assim, o estudo toponímico não se limita apenas à origem das palavras, mas também examina os motivos que levam a sua permanência ou transformação ao longo do tempo.

Por fim, o estudo da toponímia dos bairros de Belém, assim como o da Língua Portuguesa de modo geral, permite compreender não apenas a origem dos nomes, mas também a relação entre linguagem, identidade e território. A análise dos topônimos revela camadas de história que dialogam com a cultura amazônica e as interações entre diferentes povos e culturas. Por meio desses estudos, abre-se um campo vasto de pesquisa sobre a memória coletiva e as transformações linguísticas e sociais que moldaram o mundo lusófono ao longo dos séculos.

2.2 Método de investigação da toponímia

O “pormenor tópico-nominal” é o método que se usa no estudo dos topônimos, a partir do qual o nome é recolhido em documentos, cartas geográficas e outros registros escritos e seguindo a observação do pesquisador em seu trabalho de campo, quando analisa os topônimos em base à geografia e à história do local, verificando sua lexicologia e anotando em qual modelo taxionômico pode estar inserido o topônimo em questão, para, então, estabelecer a sua classificação que estará presa à etnolinguística.

A investigação toponímica, contudo, não se limita à coleta documental e observação em campo. É fundamental que o pesquisador realize um levantamento histórico aprofundado para identificar transformações nos nomes ao longo das gerações. Essas variações podem ocorrer por razões políticas, sociais ou fonéticas, revelando influências externas e adaptações linguísticas. Em algumas regiões, topônimos foram modificados devido à colonização, urbanização ou até mesmo à imposição de novas formas de escrita e pronúncia pelos poderes públicos. Esse aspecto histórico é crucial para compreender o papel da toponímia na preservação da memória e identidade de um território.

Outro ponto essencial no método de investigação da toponímia é a categorização dos topônimos com base em suas características estruturais e funcionais. Os nomes geográficos podem ser classificados segundo diferentes critérios, como origem etimológica, relação com o meio ambiente ou influência de grupos socioculturais. Alguns topônimos derivam de elementos naturais, como rios, montanhas e vegetação, como os hidrotopônimos “Águas Lindas, Baía do Sol e Guamá”; enquanto outros estão ligados a atividades econômicas, religiosas ou

homenagens a figuras históricas, como os de natureza antropocultural, a exemplo dos historiotoponímicos “Cabanagem, Cremação e Reduto; e há aqueles de natureza mista, formados por duas categorias, como o zootofitotopônimo “Curió-Utinga”; o Historiocardinotopônimo ”Marco” e “Farol”. Essa abordagem taxionômica permite que os pesquisadores estabeleçam padrões e relações entre os nomes, fornecendo um panorama mais amplo sobre sua formação e uso.

Por fim, a metodologia toponímica deve considerar aspectos interdisciplinares, combinando estudos linguísticos, históricos, antropológicos e geográficos para alcançar uma análise precisa e abrangente. A interação entre esses campos possibilita uma compreensão mais profunda da identidade local e da construção dos espaços geográficos por meio da linguagem. Ao aplicar essa metodologia, é possível não apenas classificar os topônimos, mas também compreender os impactos culturais e sociais que influenciaram sua origem e permanência ao longo dos séculos.

2.3 O estudo das taxonomias toponímicas

Os topônimos podem ser classificados como simples, os que não necessitam de complementos para sua compreensão; podem ser compostos de dois ou mais elementos ou por serem formados a partir da aglutinação de dois ou mais elementos independentes. Na classificação quanto à sua composição lexical, os primeiros são chamados de topônimos simples, os segundos, topônimos complexos e os terceiros, topônimos complexos híbridos. Os topônimos ainda podem se diferenciar taxonomicamente pelo idioma de origem, pela estrutura de formação e pelo batismo oficial.

O primeiro quadro proposto por Dick (1990b) foi complementado e ampliado para vinte e sete taxes, em 1980, ano em que sua tese de doutorado, intitulada “*A motivação toponímica. Princípios teóricos e modelos taxonômicos*”, foi defendida junto à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Realmente, era tarefa difícil abranger, de plano, nas 19 taxes primitivas, todas as possibilidades contidas na nomenclatura geográfica brasileira. Muitas seguramente [...] estariam fora do ordenamento, enquanto que outras categorias necessitavam de uma melhor reformulação, no sentido de serem isoladas algumas partes do restante do item em apreço, indistintamente, muitas vezes sem uma pertinência adequada (Dick, 1990b, p. 27).

Dessa forma, as vinte e sete taxonomias dividem-se em onze de natureza física e

dezesseis de natureza antropocultural. As categorias apresentam-se da seguinte forma (Dick, 1990b, p. 31-34):

2.3.1 Taxonomias de Natureza Física

Quadro 1 - Taxonomia de Natureza Física

TAXONOMIA	DEFINIÇÃO	EXEMPLOS
Antrotopônimos	Relativos aos corpos celestes em geral.	Estrela (AH-BA) ; Saturno (AH – ES)
Cardinotopônimos	Relativos às posições geográficas em geral.	Serra do Norte (MT), Praia do Leste (PR)
Cromotopônimos	Relativo à escala cromática.	Rio Branco (AM); Serra Azul (SP)
Dimensiotopônimos	Relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura etc.	Ilha Comprida (AM); Serra Curta (BA); Larga (AH – GO); Morro Alto (GO); Córrego Fundo (MT)
Fitotopônimos	Relativos à índole vegetal.	Serra da Caatinga (RN); Arroio Pinheiro (RS)
Geomorfotopônimo	Relativo às formas topográficas.	Costa Rica (AH – MT); Montanhas (AH – RN)
Hidrotopônimo	Resultante de acidentes hidrográficos em geral.	Água Boa (AH – MG); Córrego Novo (AH – MG)
Litotopônimo	Topônimo de índole mineral, relativo também à constituição do solo.	Córrego do Barreiro (AM); Pedreiras (AH – MG)
Meteorotopônimo	Relativo a fenômenos atmosféricos.	Serra do Vento (PB); Trovão (AH – AM); Ventania (AH -SP), (PB)
Morfotopônimo	Reflete o sentido de forma geométrica.	Curva Grande (AH – AM); Lagoa Redonda (BA)
Zootopônimo	Relativo à índole animal, representado por indivíduos domésticos ou não domésticos e da mesma espécie em grupos.	Rio do Boi (MG); Lagoa da Onça (RJ); Vacaria (AH – RS)

Fonte: Dick, 1990, p. 31

Com base no quadro acima é notório que a Taxonomia de Natureza Física refere-se à classificação dos bens patrimoniais de acordo com sua constituição material ou forma física. Essa taxonomia é comumente utilizada na contabilidade pública e em inventários patrimoniais, especialmente no contexto da administração pública, para categorizar os bens de maneira organizada e padronizada.

2.3.2 Taxonomias de Natureza Antropocultural

Quadro 2 - Taxonomias de Natureza Antropocultural

TAXONOMIA	DEFINIÇÃO	EXEMPLOS
Animotopônimo	Relativo à vida psíquica, a cultura espiritual, abrangendo a todos os produtos do psiquismo humano, cujo a material prima fundamental e seu aspecto mais importante, como fato cultural, não pertence a cultura física.	Cachoeira da Saudade (MT), Vitória (AH – CE); Belo Campo (AH – BA); Rio Feio (SP)
Antropotopônimo	Relativo aos nomes próprios individuais: prenomes, hipocorístico, prenome + alcunha, apelidos de família e prenome + apelido de família.	Abel (AH – MG); Chiquita (Ilha – MT); Joaquim Preto (Igarapé do – Pa); Tavares (Rio – SP); Francisco Dantas (AH – RN)
Axiotopônimo	Relativo a títulos e dignidade de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais.	Presidente Prudente (AH – SP); Doutor Pedrinho (AH – SC)
Corotopônimo	Relativo aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes.	Brasil (AH – AM); Uruguai (AH – MG); Amazonas (AH – BA)
Cronotopônimo	Encerra indicadores cronológicos através de adjetivos.	Velha Boipeba (AH – BA); Nova Viçosa (AH – BA)
Ecotopônimo	Relativo às habitações de um modo geral	Casa da Telha (AH – BA); Ocaçu (AH – SP)
Etnotopônimo	Referente aos elementos étnicos.	Guarani (AH – PE); Ilha do Francês (RJ)
Dirrematopônimo	Constituído por frases ou enunciados linguísticos.	Valha – me Deus (AH – MA); Deus me livre (AH – BA); Vai quem quer (Igarapé – AM)

Hieretopônimo	Relativo aos nomes sagrados de diferentes crenças, efemérides religiosas; associações religiosas; locais de culto. Os hieretopônimos subdividem-se em: 1 Hagiopônimos: relativos aos santos e santas do hagiológico romano; 2 Mitotopônimos: relativos às entidades mitológicas.	Cristo Rei (AH – PR); Ala (lago – AM); Natal (AH – AC); Cruz de Malta (AH – SC); Santa Tereza (AH – GO); Santana da Boa Vista (AH – RS); Lago Curupira (AM); Ribeirão Saci (ES)
Historiotopônimo	Relativo aos movimentos de cunho histórico e social.	Independência (AH-AC); rua Vinte e Um de Abril (SP).
Hodotopônimo	Relativo às vias de comunicação rural ou urbana.	Estradas (AH-AM); Rua da Palha (AH-BA); Travessa (AH-BA).
Numerotopônimo	Relativo aos adjetivos numerais.	Duas Barras (AH-BA); Três Coroas (AH-RS).
Poliotopônimo	Formado por vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial.	Rio da Cidade (RJ); Arraial (AH-BA).
Sociotopônimo	Relativo às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade.	Sapateiro (serra do. SP); Pracinha (AH – SP)
Somatopônimo	Usados em relações metafóricas a partes do corpo humano ou do animal.	Mão Esquerda (rio da. AL); Dedo Grosso (AH – SC)

Fonte: Dick, 1990, p. 32-34

O Quadro 2 que faz referências às Taxonomias de Natureza Antropocultural é usada principalmente no campo do patrimônio cultural e da gestão do patrimônio público para classificar bens segundo sua relação com as atividades humanas, a cultura e a sociedade. Essa categoria reconhece que determinados bens têm valor não apenas físico ou econômico, mas histórico, artístico, simbólico ou cultural.

As taxonomias alcançam um grande campo semântico das denominações toponímicas, ainda assim, há condições de ampliação das taxes, se os mesmos princípios de formulação lexical e semântica forem observados. A exemplo disso, Isquierdo (1996 *apud* Moreira, 2008) analisando o vocabulário dos seringueiros, precisou ampliar a categoria dos *animotopônimos* para *animotopônimos eufóricos*, para os topônimos que apresentam uma impressão otimista,

como por exemplo, “Natal do Murubira”, “Parque Verde” e “Paraiso”; *animotopônimos disfóricos*, para topônimos que apresentam uma impressão negativa e desagradável. A exemplo, temos na tese apresentada: “Val de Cans, “Águas Negras” e “Sucurijuquara”. Como se pode ver, a ampliação ou não do quadro taxonômico depende da carga semântica do topônimo.

Neste trabalho, aplicar-se-ão, além das categorias taxonômicas elaboradas por Dick (1990), outras que foram criadas mediante a necessidade de melhor se explicar os topônimos relativos aos bairros de Belém durante a análise dos dados pesquisados. Dick (1990) ressalta a necessidade de ordenação e catalogação dos topônimos, para depois aplicar, neles, um tratamento de caráter científico, daí os topônimos serem catalogados em fichas lexicográfico-toponímicas, compostas dos seguintes itens: nome do topônimo; município; acidente geográfico; taxonomia; natureza do topônimo; origem; histórico; estrutura morfológica; informações enciclopédicas; contexto; fonte; referência; pesquisador(a) e revisor (a).

Para a elaboração desta tese, usaram-se quase todos os itens prescritos por Dick (1990), porém alguns foram suprimidos e outros modificados para que, neles, coubessem as informações obtidas durante a análise dos dados coletados, resultando nos seguintes itens:

- i. O nome do topônimo.
- ii. Município: Preenche-se esse item com o nome do bairro ao qual o topônimo pertence.
- iii. O acidente geográfico (A.G.): essa informação deve conter a natureza do topônimo, se é um acidente do tipo físico (rios, lagos, cachoeiras etc.) ou um acidente do tipo humano (povoados, cidades, fazendas, ruas etc.). Como este trabalho concentrou a pesquisa toponímica dos 71 bairros que compõem a metrópole Belém, todos os topônimos são acidente do tipo humano.
- iv. Taxonomia: a taxonomia utilizada para a classificação dos topônimos corresponde ao modelo elaborado por Dick (1990), acrescidos dos elaborados pela autora, conforme quadro abaixo e fichas lexográficas em anexo.
- v. Natureza do topônimo: identifica-se, nesse item, se o topônimo é de natureza semântica física ou antropocultural;
- vi. Origem: nesse item identifica-se a origem linguística do topônimo, indígena, híbrida, ou ainda, se ocorre um empréstimo linguístico. Vale ressaltar que se considerou topônimo de origem portuguesa apenas aqueles que vieram do latim, dessa forma, topônimos que possuem origem francesa, castelhana, celta e árabe foram considerados como híbridos, quando em composição com elementos de outras línguas, ou como empréstimos linguísticos, quando compõem topônimos simples. Como afirma Isquerdo (2011), o conhecimento da origem do topônimo é muito importante, tanto para depreender a estrutura morfológica, quando para identificar se o topônimo é de natureza híbrida.

vii. Histórico: esse item foi preenchido apenas nos casos em que houve ocorrência de mudança na nomeação do topônimo.

viii. Estrutura morfológica: a estrutura morfológica foi organizada tomando como base a palavra, seja ela de natureza lexical ou gramatical, por isso nos topônimos compostos em que os determinantes são formados por locuções adjetivas, preferiu-se depreender as classes gramaticais que compõem esses termos. Considerou-se também importante ressaltar a presença dos sufixos, a fim de identificar o processo de derivação presente na composição do topônimo. Sendo assim, os topônimos do corpus foram catalogados utilizando a seguinte estrutura morfológica:

- a. Sintagma toponímico formado com termo específico simples feminino:
 - TSfem [Ssing];
 - TSfem [Ssing + suf].

- b. Sintagma toponímico formado com termo específico simples masculino:
 - TSmas [Ssing];
 - TSmas [Ssing + suf].

- c. Sintagma toponímico formado com termo específico composto feminino:
 - TCfem [Ssing + Adjsing];
 - TCfem [Ssing + Ssing];
 - TCfem [Ssing + {Prep +Asing} + Ssing]
 - TCfem [Adjsing + Ssing];
 - TCfem [Ssing + Prep + Ssing];
 - TCfem [Ssing + Prep + Adjsing + Ssing];
 - TCfem [Pro + Ssing + Prep + Ssing]
 - TCfem [Ssing + Ssing + Adjsing]

- d. Sintagma toponímico formado com termo específico composto masculino:
 - TCmas [Ssing +{Prep + Asing }+Adjsing + Ssing];
 - TCmas [Ssing +{Prep + Asing }+ Ssing];
 - TCmas [ADJsing + Ssing];
 - TCmas [Ssing + {suf}+ {Prep + Asing} + Ssing + {suf}];
 - TCmas [Ssing + Adjsing];
 - TCmas [Ssing + {Prep + Aplu} + Splu];
 - TCmas [Ssing + Ssing];
 - TCmas [Ssing +{Prep +Asing} + Ssing + {Prep +Asing}+ Ssing];

- e. Sintagma toponímico formado com termo específico composto por formas verbais:

- TC [V + Ssing];
- TC [Adv + V]

ix. Informações enciclopédicas: nesse item, foram inseridas informações sobre etimologia dos topônimos e outras informações consideradas relevantes para o estudo. Foram utilizadas as seguintes fontes:

ALVES, Isaías. *Matas do sertão de baixo*;

BUENO, Francisco da Silveira. *Grande dicionário etimológico prosódico da língua portuguesa*;

CALDAS, Aulete. *Dicionário digital*;

CUNHA, Antônio Geraldo da; MELLO SOBRINHO, Cláudio. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*;

x. Contexto: esse campo não foi preenchido nas fichas lexicográficas

xi. Fonte: nesse espaço há o esclarecimento sobre a fonte de onde se retirou o topônimo.

Neste trabalho, as fontes utilizadas foram encontradas nos arquivos digitais do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) com mapas de escala 1:100.000 e em outros órgãos públicos, além do resultado da entrevista realizada no Distrito Administrativo de Mosqueiro – DAMOS, por meio de conversa com informante.

xii. Referência: esse item foi preenchido com as referências dos dicionários e livros utilizados no preenchimento das informações enciclopédicas;

xiii. Pesquisador(a);

xiv. Revisor(a) do trabalho de pesquisa.

Abaixo, apresenta-se o modelo da Ficha Lexicográfico-Toponímica utilizada na catalogação dos topônimos que constituem os dados coletados para pesquisa.

Figura 2 – Modelo da Ficha Lexicográfico-Toponímica

MUNICÍPIO:	A.G:
TOPÔNIMO:	
TAXONOMIA:	NATUREZA:
ORIGEM:	
HISTÓRICO:	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA:	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:	
CONTEXTO:	
FONTE:	
REFERÊNCIA:	
PESQUISADOR(A):	
REVISORA:	

Fonte: Dick, 1990

2.4 Influência toponímica dos bairros de Belém

2.4.1 Motivações Toponímicas na escolha dos nomes dos bairros

Dar nome a lugares faz parte da cultura humana, pois o homem precisa desse expediente para se orientar e, principalmente, demarcar território, assim, cria topônimos, signos linguísticos não arbitrários, por serem desenvolvidos a partir de características motivacionais.

O ato de nomear um espaço está repleto de intenções, a escolha não é arbitrária; um topônimo carrega marcas de quem o cria, seja por representar as características do lugar ou por suas subjetividades. Dick, (1992, p. 18) diz “o que era arbitrário em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado, não sendo exagero afirmar ser essa uma das principais características do topônimo” (...).

A escolha dos nomes dos 71 bairros de Belém foi motivada, primeiramente, por questões históricas como “Cabanagem”; por características físicas como “Pedreira”, “Guanabara”; por força religiosa como “Fátima”, Nazaré”, São Brás”; geográfica como “Parque Guajará; pela etnografia como “Tenoné” entre outras razões.

As motivações para a criação dos topônimos que denominam os bairros de Belém são variadas e todas, de alguma forma, recaem em um ponto principal- a etimologia desses nomes. No entanto, ao ser analisado o quadro das taxonomias de Natureza Física e Antropocultural proposto por Dick, para servir de guia aos propósitos deste trabalho, observou-se que dos 71 topônimos denominadores dos bairros de Belém, 8 não eram contemplados no referido quadro. São eles: Marco, Una, Curió-utinga, Souza, Cruzeiro, Farol, São João do Outeiro e Maracangalha, pois, em sua estrutura morfológica, cada um deles apresentavam 2 classificações constantes no quadro das taxonomias, fazendo surgir, assim, novas classificações de acordo com a etimologia dos vocábulos pesquisados, como descritas nos quadros abaixo, trazendo em destaque as que foram criadas pela necessidade de contemplar os 8 (oito) topônimos supracitados.

Quadro 3 – Taxonomia de Natureza Física dos bairros de Belém

TAXONOMIA	DEFINIÇÃO	TOPÔNIMO
Fitotopônimo	Relativo à índole vegetal.	Campinas, Umarizal, Coqueiro, Castanheira, Mangueirão, Campina de Icoaraci, Mangueiras,
Dimensiotopônimo	Relativo às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura etc.	Parque Verde, Marambaia, Parque Guajará, Porto Arthur, Praia Grande,
Hidrotopônimo	Resultante de acidentes hidrográficos em geral.	Águas Lindas, Aurá, Guanabara, Águas Negras, Baía do Sol, Guamá, Água Boa, Miramar,
Zootopônimo	Relativo à índole animal, representado por indivíduos domésticos e da mesma espécie em grupos.	Condor, Ariramba, Maracajá,
Litotopônimo	Topônimo de índole mineral, relativo também à constituição de solo.	Terra Firme, Barreiro, Pedreira,
Meteorotopônimo	Relativo a fenômenos atmosféricos	Chapéu Virado

Fonte: Autora, 2024

O Quadro 3 apresenta a taxonomia de natureza física dos bairros de Belém, evidenciando como os topônimos refletem características naturais e ambientais da cidade. Os nomes dos bairros estão diretamente associados a elementos da flora, dimensões geográficas, corpos d'água, fauna, constituição do solo e fenômenos meteorológicos, demonstrando a forte influência da paisagem no processo de nomeação dos espaços urbanos. Essa categorização revela a íntima relação entre a geografia e a identidade local, onde os habitantes reconhecem nos nomes dos bairros referências ao meio físico que os cerca. Além disso, a diversidade dos topônimos indicados evidencia a riqueza ambiental da região amazônica, proporcionando uma conexão significativa entre linguagem, território e memória coletiva.

Quadro 4 – Taxonomia de Natureza Antropocultural dos bairros de Belém

TAXONOMIA	DEFINIÇÃO	TOPÔNIMO
Hieretopônimo	Relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças, efemérides religiosas; locais de culto. Os hieretopônimos subdividem-se em: Hagiotopônimos – relativos aos santos e santas do hagiológico romano; Mitotopônimo – relativo as entidades mitológicas.	Nazaré, São Brás, São Clemente, Caruará, São Francisco, Fátima
Historiotopônimo	Relativo aos movimentos de cunho histórico e social.	Reduto, Cabanagem, Val de Cans, Canudos, Cremação, Aeroporto, Natal do Murubira, Vila, Telégrafo
Antropotopônimo	Relativo aos nomes próprios individuais: prenomes, hipocorístico, prenome + alcunha, apelidos de família e prenome + apelido de família.	Bengui
Hodotopônimo	Relativo às vias de comunicação rural ou urbana	Pratinha, Tapanã,
Sociotopônimo	Relativo às atividades profissionais aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade.	Universitário
Etnotopônimo	Referente aos elementos étnicos	Jurunas, Paracuri, Tenoné, Carananduba, Marahú, Murubira, Sucurijuquara
Ecotopônimo	Relativos às habitações de um modo geral.	Maracacuera, (origem mitológica)
Animotopônimo	Relativo a vida psíquica, a cultura espiritual, abrangendo a todos os produtos do psiquismo humano, cujo a material prima fundamental e seus aspectos mais importantes, como fato cultural, não pertence a cultura física.	Paraíso, Sacramenta

Cronotopônimo	Encerra indicadores cronológicos através de adjetivos	Cidade Velha
Coronotopônimo	Relativo aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes	Brasília

Fonte: Autora, 2024

O Quadro 4 apresenta a taxonomia de natureza antropocultural dos bairros de Belém, destacando a influência das dinâmicas históricas, sociais, religiosas e culturais na nomeação dos espaços urbanos. Esses topônimos refletem aspectos da identidade coletiva da cidade, registrando memórias de eventos, homenagens a figuras e crenças, além de referências a ocupações e grupos sociais. A diversidade categórica demonstrada, no quadro, evidencia como os nomes dos bairros transcendem a mera função geográfica, tornando-se elementos simbólicos de pertencimento e representação. Dessa forma, a nomenclatura dos bairros de Belém constitui uma narrativa viva da trajetória histórica e cultural da cidade, conectando passado e presente por meio da linguagem.

Quadro 5 – Taxonomia de Natureza Mista dos bairros de Belém (Criação)

TAXONOMIA	RELAÇÃO ENTRE:	TOPÔNIMO
Historiocardinotopônimo	Histotiotopônimo + Cardinotopônimo	Marco, Cruzeiro, Farol, São João do Outeiro
Cromocardinotopônimo	Cromotopônimo + Cardinotopônimo	Una
Zootofitotopônimo	Zootopônimo + Fitotopônimo	Curió-Utinga
Antropohistoriotopônimo	Antrotopônimo + Historiotopônimo	Souza
Acuculaergotopônimo	Acuculatopônimo + Ergotopônimo	Agulha ¹
Zooetnotopônimo	Zootopônimo + Etnotopônimo	Maracangalha
Etnolitotopônimo	Etnotopônimo + Litotopônimo	Itaiteua

Fonte: Autora, 2024

O Quadro 5 apresenta a taxonomia de natureza mista dos bairros de Belém, destacando topônimos que resultam da fusão de diferentes categorias linguísticas e culturais. Esses nomes

¹ A palavra “agulha” têm origem no Latim *acus*, que significa "agulha" ou "alfinete". Desse modo, originalmente, a criação da nomenclatura toponímica "Acuculaergotopônimo", pensou-se na relação comparativa entre a ponta da agulha e a ponta do *palum* que significa madeira; depois na relação metonímica de instrumento (agulha) por trabalho.

refletem a complexidade da formação urbana e histórica da cidade, reunindo elementos de geografia, história, fauna, flora e identidade social. A combinação de referências nas nomenclaturas demonstra como os topônimos podem encapsular múltiplos significados, reforçando a memória coletiva e os vínculos entre os habitantes e o território. Assim, os bairros de Belém não apenas carregam traços isolados de sua origem, mas também representam uma interseção de influências, tornando sua toponímia uma rica expressão da diversidade amazônica e urbana.

2.4.2 Toponímia, Ensino e Letramento Escolar

Nesta subseção, discorreremos sobre a relação entre Toponímia, Ensino e Letramento Escolar com vistas a entender como esta articulação pode viabilizar práticas de ensino e aprendizagem positivas no contexto escolar. Nesse sentido, compreender que estes elementos são indissociáveis é fator elementar à compreensão dos dados tratados nesta tese.

Antes de mais nada, é importante esclarecer o que estamos entendendo como letramento. Trata-se de um termo criado por Street (1984) para diferenciar práticas mais reflexivas do uso da linguagem em práticas de alfabetização. Nesse sentido, o autor propôs o ato de letrar como um processo que extrapola os limites da pura decodificação da escrita, até então relacionada ao ato de alfabetizar. Entretanto, neste trabalho, não vamos adentrar à discussão sobre a diferença entre alfabetização e letramento, pois não é nossa intenção. Para maiores informações sobre este assunto, consultar os trabalhos de Cagliari (1998), Soares (2011) e Tayassu (2011).

Nesse sentido, estamos entendendo o letramento como prática social que se estabelece a partir do uso reflexivo da linguagem. Trata-se, portanto, de um exercício contínuo que, por meio do desenvolvimento de percepções interpretativas, colabora para a formação de pessoas mais conscientes do que acontece a sua volta. Em outros termos, opera na ampliação de habilidades e competências que extrapolam o que é visto, recordando, em, um leque da memória social (Fisher; Dionísio, 2011; Kleiman, 2014; Street, 2014; Street, 2012).

A figura abaixo foi utilizada por Pereira (2016) em seu trabalho, tendo sido adaptada dos estudos de Lea e Street (2014), de modo a representar os modelos de letramento mapeados nos eixos sociais.

Figura 3 - Modelos de Letramento



Fonte: Pereira (2016), adaptado de Lea e Street (2014)

De acordo com a Figura 3, os modelos de letramento estabelecem entre si uma relação dialógica, o que ajuda a conferir uma noção de unidade à proposta. Dessa maneira, é possível perceber os seguintes modelos: I) Letramento Acadêmico, que se caracteriza pelo desenvolvimento reflexivo da linguagem no contexto da educação superior; II) Socialização Acadêmica, que nos ajuda a entender os mecanismos de convergência entre o domínio acadêmico e as demais esferas sociais; e III) Habilidades Estudadas, que tem foco no desenvolvimento cognitivo individual a partir da relação estabelecida com o coletivo (Lea; Street, 2014).

Diante disso, ainda entendendo que a referida tríade é constituída por elementos indissociáveis, por questões metodológicas, optamos por utilizar nesta tese o terceiro modelo mencionado, considerando sua relação com a perspectiva da memória enquanto armazenamento, a qual pode colaborar para o desenvolvimento de habilidades e competências individuais a partir do que foi vivido coletivamente.

Este pressuposto, por sua vez, nos ajuda a entender a relação entre Toponímia e ensino, considerando, pois, que os saberes toponímicos discorrem de aspectos da memória cultural de um povo, o que muito pode ajudar o desenvolvimento das práticas de letramento no contexto da educação básica. Isso, por sua vez, esbarra no olhar interdisciplinar dos topônimos, uma vez que dialogam diretamente com saberes históricos e geográficos, além dos saberes linguísticos (Andrade, 2012; Andrade, 2011; Nunes, 2015).

Isso nos ajuda a pensar a Toponímia como recurso pedagógico a partir das associações que estabelece entre os saberes humanos, que podem ser desenvolvidos durante as aulas na

educação básica. Nesse sentido, propomos a seguinte representação:

Figura 4 - Toponímia e Ensino



Fonte: Autoria própria, 2024

De acordo com a figura acima, a Toponímia como objeto de ensino assume posição central na proposta. A partir disso, consegue se estabelecer como instrumento pedagógico ao manter uma relação com os seguintes componentes curriculares: Língua Portuguesa, História, Geografia e Sociologia. Estas disciplinas, por sua vez, são propostas a partir das suas respectivas ofertas no currículo do Ensino Médio.

Dessa forma, entender a Toponímia com ponto de partida para estabelecer situações de ensino e de aprendizagem é compreender sua importância pedagógica a partir das zonas fronteiriças identificadas na figura acima. Assim, o conhecimento toponímico é convertido em saberes, que passam a dialogar diretamente com todos os componentes curriculares. Isso, por sua vez, distancia-se da ideia de conteúdo simples, o que garante diferentes olhares a partir do mesmo objeto (Andrade; Dick, 2012; Dick, 1990; Holzer, 2003).

Esta concepção permeia a proposta de produto final que concebemos nesta tese. Ao produzirmos um material didático a partir dos saberes toponímicos do município de Belém,

estamos partindo do pressuposto da natureza interdisciplinar do topônimo, ao passo que procuramos caracterizar este material como pertinente a um diálogo com qualquer componente curricular.

2.5 BNCC: o uso da tecnologia nos estudos de Língua Portuguesa

O Ministério da Educação define a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como “um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica”⁵.

O documento foi elaborado, essencialmente, à luz da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, da Constituição Federal, estabelecendo:

[...] conhecimentos, competências e habilidades que se espera que todos os estudantes desenvolvam ao longo da escolaridade básica e [...] soma-se aos propósitos que direcionam a educação brasileira para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

A BNCC organiza-se em capítulos, das etapas da educação básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio), bem como, das áreas de conhecimento de cada uma delas. No caso da Língua Portuguesa, a disciplina que a abarca é a Área de Linguagens. Há um capítulo introdutório que faz menção às competências gerais que devem fazer parte do processo de aprendizagem, e “interrelacionam-se e desdobram-se no tratamento didático proposto para as três etapas da Educação [...] articulando-se na construção de conhecimentos, no desenvolvimento de habilidades e na formação de atitudes e valores” (Brasil, 2018, p. 8-9).

Saliente-se que, na BNCC a competência:

[...] é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (Brasil, 2018).

Dentre as competências gerais está inserida a tecnologia, trecho que se repete nas competências específicas de linguagens do Ensino Fundamental. Vejamos:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e

exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018, p. 9 e 65) (grifo nosso).

Somando-se a isso, encontram-se elencadas ações que devem ser incorporadas aos currículos das instituições de ensino. Dentre elas, há a incumbência de “selecionar, produzir, aplicar e avaliar recursos didáticos e tecnológicos para apoiar o processo de ensinar e aprender” (Brasil, 2018, p. 17).

Ademais, no ensino da Língua Portuguesa, a utilização de tecnologias digitais está presente do 6º ao 9º ano, dentro dos objetos de conhecimento e habilidades. Ou seja, a inclusão da tecnologia poderá percorrer, por exemplo, entre a criação de slides para apresentação de um seminário, até a análise do efeito das tecnologias nos gêneros textuais.

O objetivo da BNCC em acompanhar os padrões da sociedade contemporânea, em que a grande maioria dos indivíduos faz uso da tecnologia rotineiramente. A esse respeito:

Superamos o “estar conectado”, alcançando o patamar de “ser conectado”, subordinando grande parte de nossas atividades cotidianas à necessidade da conexão à internet e aos aplicativos e dispositivos móveis. Pesquisas, lazer, socialização, contratação de serviços, produção e disseminação de informações e outras tantas mais das nossas atividades cotidianas são pautadas por nossa nova característica de seres *cíbridos*, produtores e transmissores de conteúdo em tempo real. Vivemos imersos em uma cultura permeada pelo digital e, assim, nos constituímos enquanto sociedade no século XXI (Heinsfeld e Silva, 2018, p. 669).

Isto posto, depreende-se que as tecnologias digitais devem ser tanto apresentadas aos alunos enquanto objeto de ensino, quanto utilizadas pelos professores enquanto recurso didático. Por oportuno, cumpre salientar que esta é a teoria, prevista em um documento normativo, contudo, sua execução será atravessada pelas particularidades da prática e do contexto escolar.

Pelo que, diante do cenário atual da educação e o perfil dos alunos, o alinhamento da tecnologia como metodologia torna-se cada vez mais importante, pois desperta o interesse dos educandos e leva ao desenvolver uma aprendizagem significativa. São ferramentas importantes dentro do processo de ensino-aprendizagem.

Ante o exposto, conclui-se que a implementação de meios digitais no ensino, deve estar presente nos documentos que norteiam a educação, BNCC, mas necessita estar acompanhando o professor, que conhece seus alunos e todas as especificidades da sua sala de aula. Nessa conexão é indispensável que todos andem juntos para garantir a linearidade das ideias e ideais.

Este capítulo amplia o escopo teórico abordado anteriormente, propondo um mergulho na evolução histórica da toponímia dentro da língua portuguesa. Parte dos estudos toponímicos

e do método de investigação, passando pela categorização dos topônimos com base em taxonomias de natureza física e antropocultural. Essa organização mostra como os nomes de lugares se ancoram em aspectos geográficos, sociais, culturais e históricos.

A análise segue com foco nos bairros de Belém, revelando as motivações por trás de suas nomeações, que vão desde homenagens a personalidades até representações simbólicas do território. A toponímia é aqui apresentada como ferramenta didática no processo de ensino e letramento escolar, com destaque para o desenvolvimento de materiais e práticas pedagógicas tecnológicas. O capítulo culmina com a proposta de um aplicativo educacional, que visa tornar o aprendizado da língua portuguesa mais interativo e significativo ao conectar alunos e professores ao conhecimento sobre seus espaços locais, através do uso de tecnologia disposto pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC.

A proposta do aplicativo tecnológico torna indispensável uma explicação cuidadosa sobre os métodos usados na pesquisa. Assim, o próximo capítulo se dedicará à contextualização metodológica, detalhando os procedimentos, escolhas teóricas e práticas aplicadas na construção da investigação. É o momento de entender como os caminhos percorridos foram fundamentados e operacionalizados, garantindo a solidez científica do estudo.

CAPÍTULO III

PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

3.1 Contextualização da Pesquisa: identificação sociodemográfica do Estado do Pará

A origem do nome Pará vem do termo “pa’ra”, o mesmo que “rio-mar” na língua tupi-guarani. Era assim que os nativos denominavam um dos braços – o direito - do rio Amazonas. Este é engrossado com as águas do rio Tocantins, o que o torna tão vasto ao ponto de não se poder ver a outra margem, mais parecendo um mar do que um rio. Ao chegarem à região, os portugueses deram primeiramente o nome à terra de “Feliz Luzitânia”, que foi depois substituído pelo de “Grão-Pará” (grande rio), para finalmente, se tornar apenas Pará.

A região onde se localiza o estado foi diversas vezes invadida por holandeses e ingleses em busca de sementes de urucum, guaraná e pimenta. A ocupação portuguesa só veio a se consolidar em 1616, com a fundação do Forte do Presépio, mais tarde denominado Forte do Castelo, na baía de Guajará, que deu origem à cidade de Belém.

Em 1621, o território passa a fazer parte da província do Maranhão e Grão-Pará, integração criada com o objetivo de melhorar as defesas da costa e os contatos com a metrópole.

No século XVII, a região começou a prosperar com as lavouras de café, arroz, cana-de-açúcar, cacau e tabaco, além de fazendas de gado. Em 1774, a integração do Maranhão e Grão-Pará foi desfeita, coincidindo com certa estagnação da economia local. No final do século XIX, o crescimento econômico foi retomado, a partir da exploração da borracha, que trouxe grande desenvolvimento para a região norte.

Ao longo do século XIX, Pará passou por momentos de insurgência contra Portugal sendo a Cabanagem, o mais conhecido, que ocorreu em 1835, sendo sufocado logo em seguida. Tal movimento chegou a decretar a independência da província e instalar um novo governo em Belém, capital do estado.

Pará fica na região Norte do Brasil e possui 144 municípios, sendo o segundo estado em tamanho, menor que o Amazonas somente, com 1.247.955,238 km². Faz limites com o Suriname e o Amapá, Oceano Atlântico, Maranhão, Tocantins, Mato Grosso, Guiana e Roraima, conforme o mapa abaixo.

Mapa 1 – Estado do Pará

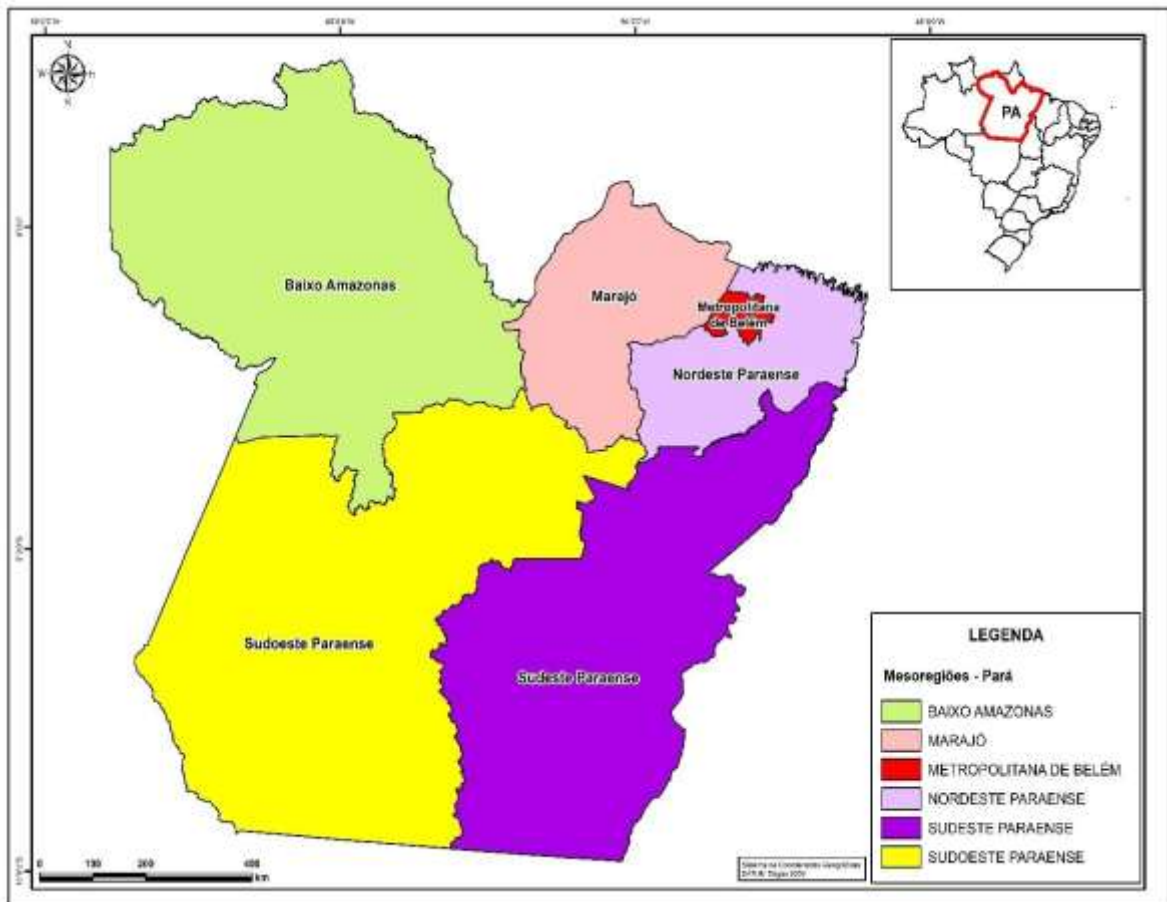


Fonte: Base Cartográfica do IBGE, 2025

Segundo o IBGE (2010), o Estado do Pará, representa, aproximadamente; 15% do território brasileiro. A população total do estado pode ser mensurada levando em conta a relação entre a população e a superfície do território, sendo o resultado expresso em habitantes por quilômetro quadrado. Em 2010, ainda segundo o IBGE, o estado apresentava uma população estimada em 7.969.655 indivíduos, com densidade demográfica de 6,07 habitantes por km².

Em se tratando de sua divisão político-administrativa, o Pará é composto por 144 municípios, organizados em seis mesorregiões: (1) Baixo Amazonas; (2) Marajó; (3) Metropolitana de Belém; (4) Nordeste Paraense; (5) Sudeste Paraense e (6) Sudoeste Paraense. Conforme nos mostra o Mapa 2, a seguir:

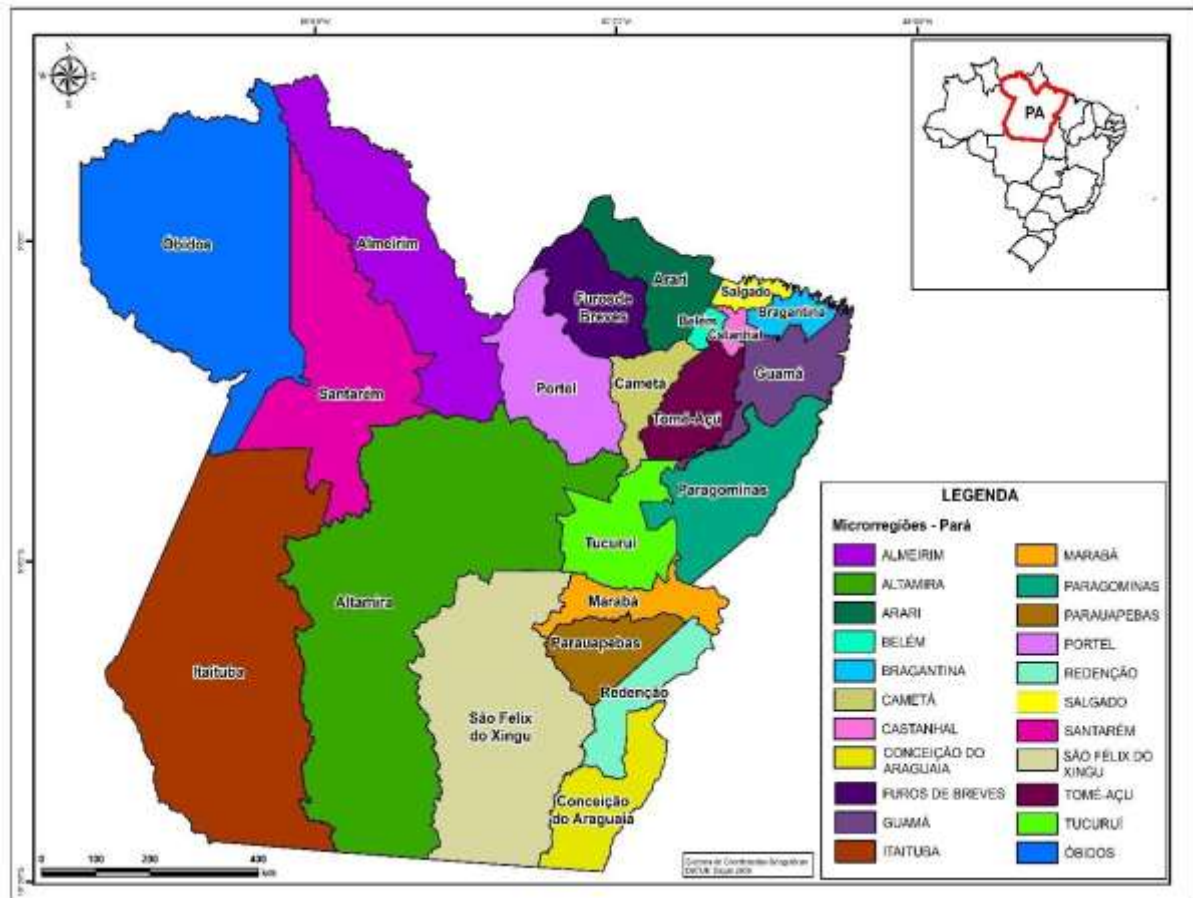
Mapa 2 – Mesorregiões do Pará



Fonte: Base Cartográfica do IBGE, 1989. Projeto Cartográfico: Tabilla Leite, 2025

O estado ainda conta com 22 microrregiões, cuja formação está ligada, principalmente, à estrutura produtiva de cada comunidade econômica. Na mesorregião do Baixo Amazonas, têm-se três microrregiões: Óbidos, Santarém e Almerim. Na do Marajó, também há três: Portel, Furos de Breves e Arari. Na Metropolitana de Belém, duas: Belém e Castanhal. Na do Nordeste Paraense, cinco: Salgado, Bragantina, Cametá, Tomé-Açu e Guamá. Na do Sudoeste Paraense, duas: Itaituba e Altamira. E, por último, na mesorregião do Sudeste Paraense, há sete microrregiões: Tucuruí, Paragominas, São Félix do Xingu, Parauapebas, Redenção e Conceição do Araguaia. As microrregiões apresentadas podem ser observadas no Mapa 3, a seguir:

Mapa 3 – Microrregiões do Pará

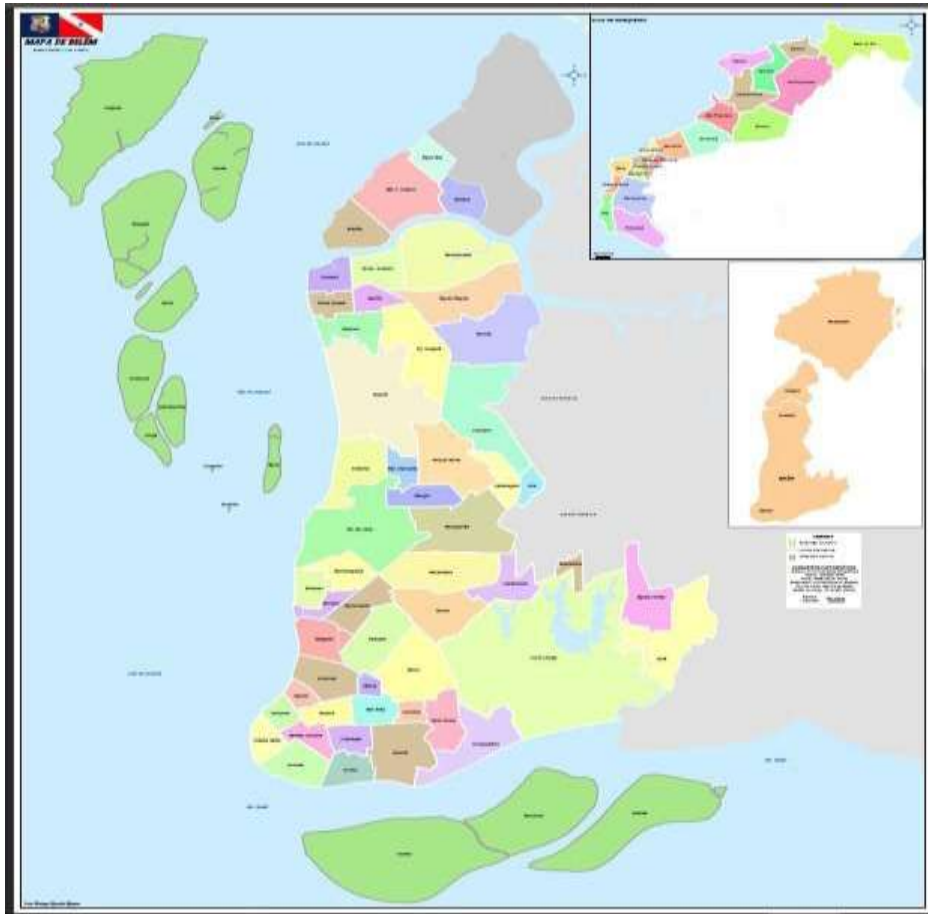


Fonte: Base Cartografica do IBGE, 1989. Projeto Cartográfico: Tabilla Leite, 2025

3.2 Lócus da pesquisa

A pesquisa realizada neste trabalho focaliza os topônimos referentes aos bairros que compõem a Metrópole de Belém, capital do estado do Pará. O município está localizado na região Norte do país às margens da baía do Guajará, é o mais populoso do estado e com expressivo desenvolvimento socioeconômico, assegurando o reconhecimento de metrópole regional. Em vista do elevado desenvolvimento do município e dos objetivos estabelecidos nesse trabalho, a pesquisa restringiu-se aos setenta e um (71) bairros que compõem o Município de Belém. Conforme nos mostra o Mapa seguinte:

Mapa 4 – Bairros de Belém



Fonte: Base Cartográfica do IBGE, 2025

Dentre as razões que nortearam a escolha do tema está a escassez de estudos toponímicos na Região Norte e a possibilidade de os nomes dos bairros de Belém constituírem parte da memória da cidade. Já a escolha da área geográfica para a pesquisa se dá pelo fato de podermos estudar um pouco mais sobre as origens dos nomes dados aos referidos bairros, resgatando assim, as motivações toponímicas, bem como, sua importância histórica e cultural.

Além disso, em relação ao *locus* delimitado na pesquisa, buscaram-se, juntos aos órgãos públicos, arquivos, livros de história, trabalhos acadêmicos e sites que pudessem servir de fonte de informação a respeito da formação, demografia e o desenvolvimento do município e dos bairros. O apanhado histórico está fundamentado nos estudos de Cruz (1973), Penteadó (1998) e em teses de mestrado e doutorado que contemplam as referidas áreas geográficas. Os dados para análise foram cedidos pela Companhia de Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém (CODEM), (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Secretaria Municipal de Urbanismo (SEURB) e Secretaria Municipal de Saneamento (SESAN).

3.2.1 Cidade de Belém

A formação da cidade de Belém coincide com a consolidação do domínio português sobre a região, até então inexplorada. Conforme Cruz (1973), em 1615 foi montada uma armada comandada por Francisco Caldeira Castelo Branco que seguia em direção ao Pará com o intuito de expulsar do território estrangeiros, como os holandeses que ocupavam a região e possuíam lucrativos engenhos de açúcar instalados no local. Castelo Branco, o fundador da cidade de Belém, ao chegar no local ordenou a construção do Forte do Presépio com a intenção de proteger o corpo militar da ação dos indígenas, superiores em números. Foi com a construção da fortificação que o núcleo populacional pôde crescer e se desenvolver. Composto por militares, religiosos e civis, o núcleo populacional foi essencial para a manutenção do domínio português na região.

Durante o século XVII, início da formação da cidade, o núcleo urbano se desenvolveu lentamente; as primeiras construções eram de iniciativa militar ou religiosa, constituindo em igrejas, capelas e fortificações para a defesa do território; nesse período foi instituído o posto fiscal Ver-o- Peso que insinuava um núcleo comercial e o Círio junto a outras festividades de Nossa Senhora de Nazaré. As ruas da cidade eram estreitas e recebiam o nome de pessoas ou edificações importantes da época, transformando-se num vestígio da cultura e memória da cidade de Belém, pois fazem referência a fatos e figuras históricas do Pará ou de Belém, contudo, esse valioso indício não se manteve intacto, pois com a transição de governo – por motivos políticos – alguns dos nomes de bairros foram alterados.

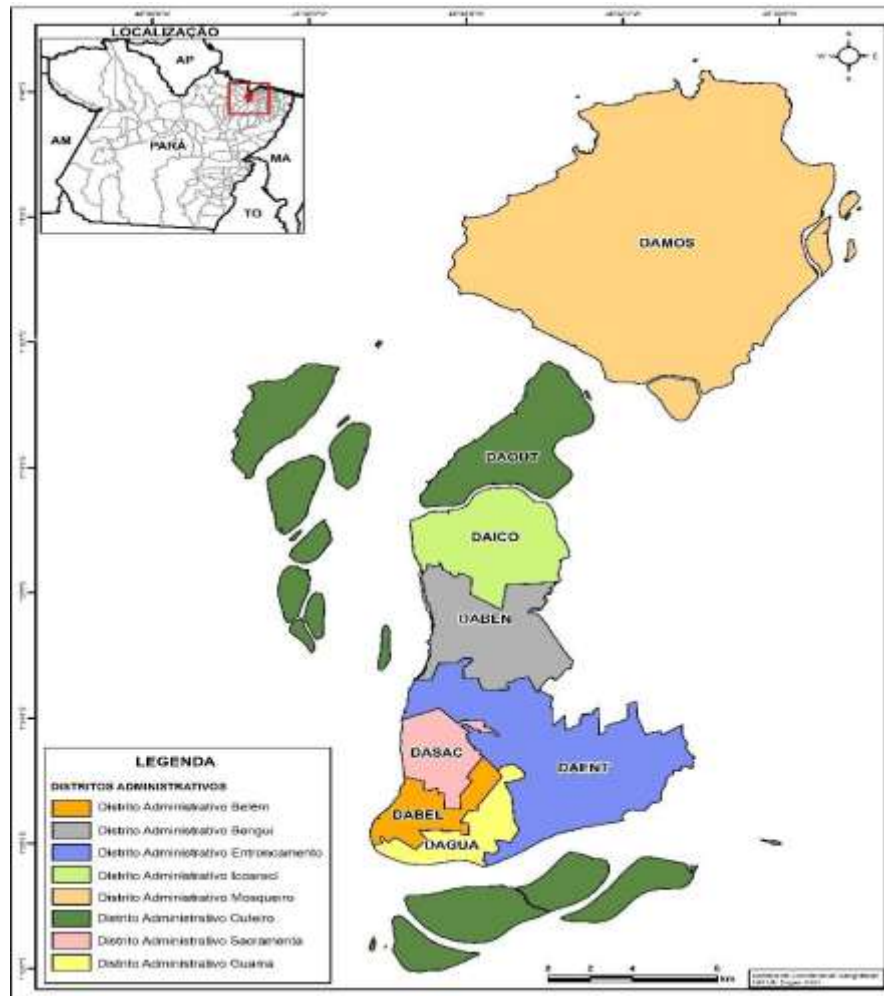
O desenvolvimento urbano ocorreu em torno do centro comercial, a posição geográfica privilegiada para atividades comerciais tornou Belém a cidade mais importante da região, conforme o aumento demográfico a população se expandia cada vez mais para o interior da região, originando, assim, os bairros da Campina, Cidade Velha, Reduto, Jurunas e todos os demais. A religião católica, um dos aspectos mais marcantes, e a presença abundante de povos indígenas encontram-se registrados nos logradouros da cidade. Os bairros da cidade revelam a trajetória histórica e cultural da cidade de Belém, de tardia e diversificada ocupação.

3.2.2 Breve Histórico da Formação Distrital dos Bairros de Belém

Com base no Plano Diretor Urbano de Belém – Lei 8.655 que institui o aumento da autonomia municipal de uma gestão mais democrática de desenvolvimento urbano, configurou-se o município em 71 bairros oficiais, distribuídos assim, em oito unidades básicas de

planejamento, nomeadas Zonas ou Distritos Administrativos, a saber: Belém (DABEL); Bengui (DABEN); Entroncamento (DAENT); Guamá (DAGUA); Icoaraci (DAICO); Mosqueiro (DAMOS); Outeiro (DAOUT), e; Sacramento (DASAC). Conforme podemos ver no mapa abaixo:

Mapa 5 – Distritos Administrativos



Fonte: Base Cartográfica da Prefeitura de Belém, 2008

Cada Distrito Administrativo é formado por um conjunto de bairros, que foram nomeados para homenagear um político, um santo de devoção, uma fazenda, um estabelecimento, um antigo morador, cujas características estão associadas ao processo de formação do local e às pessoas que nele vivem e que formam uma comunidade. Conforme podemos ver no quadro abaixo:

Quadro 6 - Distritos administrativos dos bairros de Belém

Distritos Administrativos	Nº de Bairros	Bairros
Centro – DABEL	8	Batista Campos, Campina, Cidade Velha, Nazaré, Reduto, São Brás, Umarizal, Marco
Bengui – DABEN	8	Bengui, Cabanagem, Coqueiro, Parque Verde, Pratinha, São Clemente, Tapanã, Una
Entroncamento – DAENT	10	Curió-Utinga, Águas Lindas, Aurá, Castanheira, Guanabara, Mangueirão, Marambaia, Souza, Val-de-Cans, Universitário
Guamá – DAGUA	6	Canudos, Condor, Cremação, Guamá, Jurunas, Terra Firme
Icoaraci – DAICO	9	Águas Negras, Agulha, Campina de Icoaraci, Cruzeiro, Maracacuera, Paracuri, Parque Guajará, Ponta Grossa, Tenoné
Mosqueiro – DAMOS	19	Aeroporto, Ariramba, Baía do Sol, Bonfim, Carananduba, Caruará, Chapéu Virado, Farol, Mangueiras, Maracajá, Marahú, Murubira, Natal do Murubira, Paraíso, Porto Arthur, Praia Grande, São Francisco, Sucurijuquara, Vila
Outeiro - DAOUT	4	Água Boa, Brasília, Itaiteua, São João do Outeiro,
Sacramenta - DASAC	7	Barreiro, Fátima, Maracangalha, Miramar, Pedreira, Sacramento, Telégrafo
TOTAL		71

Fonte: Autora, 2024

3.2.2.1 Distrito Administrativo de Belém – DABEL

Tendo em vista as informações contidas no Quadro 01, em que se apresentam os oito Distritos Administrativos de Belém e seus respectivos bairros, vê-se que DABEL corresponde ao núcleo original a partir de onde a cidade foi fundada na *Cidade Velha*, sendo este considerado

o primeiro bairro, e se expandiu, primeiramente para a *Campina* ainda no século XVIII pela rua João Alfredo (antiga rua dos Mercadores) até a avenida Presidente Vargas (antiga 15 de agosto) configurando no atual Centro Financeiro da cidade. Essa expansão ainda seguiria a avenida José Malcher (antiga estrada de São Jerônimo) cortando o bairro de *Nazaré* até chegar no bairro de *São Brás*, onde ficava uma das Estações da Estrada de Ferro Belém – Bragança, hoje Terminal Rodoviária de Belém, essa expansão seguiria a avenida Almirante Barroso (antiga Tito Franco) no mesmo traçado da estrada de ferro até finalmente chegar ao Marco da Légua, hoje simplesmente bairro do *Marco*, que delimitava o fim do núcleo urbano original da cidade.

Em outra direção, a cidade se expandia com a atividade portuária que se encontrava na Estação Central, onde hoje ficam os bairros do *Reduto* com seus armazéns fabris, indo para além, até o bairro do *Umarizal*, por onde cortava a primeira estrada para a Vila Pinheiro (atual Icoaraci).

Hoje, o Distrito Administrativo da Zona Central de Belém abriga o metro quadrado mais valorizado da cidade, pois abrange bairros nobres como *Nazaré* e *Batista Campos*, além de bairros em franca expansão imobiliária de alto valor, na atual chamada Doca que engloba os bairros do *Umarizal* e *Reduto*, entre esses quatro bairros há uma recente concentração de faculdades particulares e existem dois shoppings de grande porte, o que ajuda a valorizar ainda mais os espaços urbanos nessas localidades.

3.2.2.2 Distrito Administrativo do Bengui – DABEN

O DABEN é constituído por sete bairros, estando no noroeste da cidade, conforme podemos ver no (Mapa 06). A maior parte deles são de classe baixa, com grandes extensões de aglomerados subnormais (IBGE, 2010). Porém, dois bairros têm tido destaque no cenário imobiliário e conseqüentemente valorização espacial: *Parque Verde* e *Coqueiro*. Estes representam juntos, a principal área de expansão da cidade, através de instalação de edifícios de médio-alto padrão, condomínios fechados, shopping center, supermercados, farmácias, escolas particulares e de idiomas, faculdades, entre outros, localizados essencialmente na Av. Augusto Montenegro e nas redondezas da Av. Independência.

É um dos distritos onde fica mais evidente as desigualdades socioespaciais, verificado no contraste das moradias precárias convivendo com edifícios e condomínios de alto padrão, ou por exemplo, ruas pavimentadas e sinalizadas com outras sem nenhuma estrutura. É uma área "recém- descoberta" pelos agentes imobiliários que vive em constante crescimento demográfico devido a saturação e encarecimento de terrenos no centro de Belém.

3.2.2.3 Distrito Administrativo do Entroncamento – DAENT

O DAENT engloba dez bairros e está na porção centro-oeste de Belém (Mapa 07). Esta corresponde uma área de expansão da cidade através da avenida Augusto Montenegro e da BR-316, com elevado crescimento demográfico principalmente dos bairros *Águas Lindas, Aurá, Guanabara e Mangueirão*.

A intervenção municipal em obras de expansão e melhoria de vias tem sido constante, visto na Av. Perimetral, Centenário, João Paulo II e Júlio César. O projeto BRT visa minimizar o tempo de deslocamento de passageiros e melhoria a eficiência do transporte público e pessoal, porém se tornado ineficaz e lento, comprometendo o trânsito da principal via desta área.

Entre os distritos da cidade, é detentor da maior área de cobertura vegetal, devido as imensas áreas militares junto a Av. Pedro Álvares Cabral, Júlio César, em pequena parte da Almirante Barroso e na Rua da Marinha; a Área de Proteção Ambiental de Belém (APA do Utinga) e um imenso terreno verde pertencente a Embrapa Amazônia Oriental, justificando as temperaturas mais amenas nesta parte da cidade. É neste distrito que está situado a Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Rural da Amazônia (UFRA) e o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais da Amazônia (INPE).

Nessa área, a maior parte da população tem rendimento mensal mediano, porém há bolsões de pobreza junto aos bairros de *Águas Lindas, Aurá, Guanabara, Curió Utinga e Mangueirão*. Por outro lado, há pequenas áreas nobres vistos em condomínios fechados pelo *Mangueirão e Souza*, porém sendo mais acentuado em *Val-de-Cans* principalmente próximo ao Aeroporto e em condomínios na *Marambaia*.

3.2.2.4 Distrito Administrativo do Guamá – DAGUA

O DAGUA engloba seis bairros da cidade, conforme podemos ver no Mapa 08, sendo estes os mais populosos da cidade. Uma parte significativa da população dessa área é de baixa renda, constituindo diversas áreas de ocupação espontânea ou Aglomerados Subnormais (IBGE, 2010), principalmente ao longo das principais avenidas, como a Bernado Sayão, Perimetral e Cipriano Santos, sendo acompanhada com a carência de saneamento básico (tratamento de esgoto doméstico e água canalizada potável), culminando na frequência de doenças relacionados à transmissão pela água.

Tem alguns dos bairros mais violentos da cidade (Guamá, Terra Firme e Jurunas) e

possui altos índices de pobreza. A maior parte de suas ruas tem um traçado irregular, por causa da ocupação rápida e desordenada durante a década de 60 e 70. As áreas mais próximas do DAGUA estão em crescente valorização imobiliária, sendo cada vez mais comuns, os edifícios de médio-alto padrão e serviços mais sofisticados. É um distrito que concentra diversos órgãos públicos: SERPRO, MUSEU EMÍLIO GOELDI, outra unidade de pesquisa, ELETRONORTE, UFRA, entre outros. Tem sofrido intervenção municipal constante, principalmente na sua orla, através do Projeto Portal da Amazônia que pretende modificar drasticamente a ocupação nas suas margens.

É importante ressaltar que o Norte da *Cremação*, o Oeste de *Canudos*, o Noroeste do *Jurunas* e o Extremo norte do *Guamá* se assemelham mais ao DABEL (Centro de Belém), por não serem áreas suscetíveis aos alagamentos constantes, assim sendo moradia de classes mais abastadas em relação ao restante do distrito.

3.2.2.5 Distrito Administrativo de Icoaraci – DAICO

O Distrito Administrativo de Icoaraci – DAICO, distante aproximadamente 20 quilômetros de Belém e cheio de encantos naturais, é composto de nove bairros, sendo eles: *Aguilha*, *Águas Negras*, *Maracacuera*, *Paracuri*, *Tenoné*, *Cruzeiro*, *Ponta Grossa*, *Parque Guajará* e *Campina de Icoaraci*. Esse distrito é uma área de ocupação humana remota, que busca sua autonomia em relação ao município de Belém. É caracterizado por bairros de classe baixa, com grande concentração de aglomerados subnormais (IBGE, 2010).

O distrito tem aproximadamente 152 mil habitantes (11% do total de Belém). O bairro do Tenoné é o mais populoso (29 mil pessoas) e o Parque Guajará, o menos populoso (8 mil habitantes), afirma estudo da Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA). Além disso, o distrito tem uma gastronomia rica em pescados, é cercado por ilhas, um artesanato com reconhecimento internacional e beleza natural que atrai diversos turistas.

No século XIX, Icoaraci era uma fazenda controlada pela Ordem dos Padres Carmelitas Calçados; possuíam uma olaria às margens do Igarapé Paracuri, produzindo tijolos e outros utensílios semelhantes para construção de casas, que eram levados a Belém por via fluvial.

Icoaraci também é conhecido pelo apelido carinhoso de Vila Sorriso. E, segundo os relatos disponíveis, o apelido foi criado pelo jornalista Aldemyr Feio, em 1969. Para alguns pesquisadores, Icoaraci significa "de frente para o sol", "onde o sol repousa". Mas pesquisas mais aprofundadas, como a do historiador José Valente, na obra intitulada "Sinopse de Icoaraci", apontam que a palavra significa, na língua Tupi-Guarani, "Mãe de todas as águas"

(Icoara=águas e ci=mãe).

3.2.2.6 Distrito Administrativo de Mosqueiro – DAMOS

O Distrito administrativo de Mosqueiro – DAMOS engloba os seguintes bairros: *Vila, Aeroporto, Maracajá, Natal do Murubira, Praia Grande, Farol, Bonfim, Ariramba, Marahu, Mangueiras, São Francisco, Carananduba, Sucurijuquara, Caruará, Baía do Sol, Paraíso, Chapéu Virado, Murubira e Porto Arthur.*

A Ilha de Mosqueiro é uma unidade administrativa da Região Autônoma de Belém (Estado do Pará), Brasil, e uma das 42 ilhas que compõem a Região das Ilhas de Belém (329,9361 km²). Esta ilha é a segunda maior ilha da região (211,7923 km²), possuindo uma extensão de 17 km de praias de água doce e de maré.

É uma ilha fluvial na costa leste da Baía de Marajó, limitada ao norte pelas praias da Baía do Sol; a leste, pelo Furo das Marinhas e, ao sul, pela Baía de Santo Antônio, fica a 32 km, em linha reta, ao norte da cidade e ao norte da cidade e a 75 km por estrada do centro de Belém.

A palavra "mosqueiro" é uma corruptela da antiga tradição do peixe "moka'e"(moqueio) do povo indígena Tupinambá que vivia na ilha. Esta informação é confirmada na Grande Enciclopédia da Amazônia:

Em Mosqueiro, os colonizadores se estabelecem nos terrenos altos, os "caris" na língua indígena, próximo da enseada, onde dispunham de segurança para suas embarcações. Quando chegaram à ilha, os portugueses já encontraram os índios Tupinambás (os "filhos de Tupã"), que fugiram do Nordeste após as invasões estrangeiras no litoral brasileiro. Bastante evoluídos para a época, esses indígenas sabiam falar a língua geral, o Nheengatu, devido ao contato mantido com os europeus. Mas foi a partir do ciclo da borracha que a vila entrou num processo de grandes mudanças. Junto com Belém, Mosqueiro passou a conviver com a riqueza e o luxo e a usufruir as benesses trazidas pelo acelerado desenvolvimento registrado na capital. Chegaram os ingleses da *Pará Electric Railways Company*, responsáveis pela instalação de energia elétrica e de meios de transportes interno. Vieram também alemães, franceses e norte-americanos, funcionários de companhias estrangeiras, como a *Port of Pará* e a *Amazon River*.

3.2.2.7 Distrito Administrativo de Outeiro – DAOUT

É um dos oito distritos administrativos de Belém: sua parte insular é composta por 26 ilhas, sendo a mais povoada com cerca de 80.000 habitantes, distribuídas em quatro bairros: *Água Boa, Itaiteua, Brasília e São José do Outeiro*, que estão na Ilha de Caratateua, onde fica

a sede do Distrito de Outeiro, distante cerca de 25km do centro de Belém, ligada pelo Distrito de Icoaraci através de uma ponte construída nos anos 80 do século XX. Assim como Icoaraci e Mosqueiro, Outeiro é uma região balneária muito procurada, em especial devido à proximidade com o centro da Capital, por pessoas que vão lá em busca de suas sete praias de água doce.

A ilha é banhada por águas doces, turvas, de característica barrenta, provenientes da baía do Guajará. Tem como principais atrativos turísticos suas praias, entre as quais a Praia do Amor, Praia Grande e Praia da Brasília. Sua orla é em sua maior parte urbanizada, contando com várias barracas que servem frutos do mar em geral e bebidas diversas.

Possui ligação com Belém por vans de transporte alternativo, que fazem linha Outeiro-Icoaraci e Outeiro-Belém, linhas de ônibus que passam pelo Terminal Rodoviário de Belém a cada 30 minutos. O tempo de viagem é de aproximadamente 45 minutos.

3.2.2.8 Distrito Administrativo da Sacramento – DASAC

O DASAC engloba sete bairros e está no Sudoeste de Belém, conforme nos mostra o Mapa 12. A maior parte destes está na microbacia hidrográfica do Una, sendo entrecortado por diversos afluentes da Baía de Guajará. É uma área que também possui um índice de violência relativamente alto, mais acentuado nos bairros do *Barreiro* e *Sacramento*. A área mais próxima do DABEL, são os respectivos bairros: *Telégrafo*, *Fátima*, *Sacramento* e *Pedreira*, começou a experimentar uma intervenção mais acentuada pela Prefeitura nos anos 80, através do Projeto Macrodrenagem, proporcionando uma redução dos alagamentos, mas que não contemplou todos os bairros.

O encarecimento dos terrenos no centro da cidade vem contribuindo no processo de verticalização desta área, principalmente no bairro da *Pedreira* e em pontos isolados dos bairros do *Telégrafo* e da *Sacramento*. Os bairros do *Telégrafo*, *Sacramento*, *Pedreira* e *Fátima* estão em crescente expansão imobiliária e sofisticação de serviços de comércio nas principais avenidas. Por outro lado, o bairro do *Barreiro* e da *Maracangalha* permanecem em situação marginalizada, sem o vigor do comércio formal e valorização espacial.

Ainda é forte a presença de palafitas e casas de madeira, característicos de uma população com baixos rendimentos, essencialmente nas margens do Canal do Galo, São Joaquim e da Baía de Guajará, com destaque para os bairros do *Barreiro*, *Sacramento*, *Pedreira*, *Telégrafo* e *Maracangalha*.

3.3 Procedimentos Metodológicos

A metodologia adotada nesta tese foi cuidadosamente delineada para permitir uma abordagem ampla e profunda sobre a formação histórico-geográfica dos 71 bairros da metrópole de Belém, com foco na análise toponímica. O percurso metodológico foi construído em etapas articuladas, que integraram pesquisa documental, bibliográfica, de campo e análise linguística, visando à sistematização e interpretação dos dados coletados.

A **pesquisa documental** consistiu na análise de fontes primárias e secundárias, como registros oficiais, mapas históricos, legislações urbanas, arquivos administrativos e documentos institucionais que contribuíram para a reconstrução da trajetória dos bairros. Essa etapa permitiu identificar os marcos históricos e as transformações espaciais que influenciaram a configuração atual da cidade.

A **pesquisa bibliográfica** envolveu o levantamento e estudo de obras acadêmicas, artigos científicos, dissertações e teses que abordam temas relacionados à toponímia, urbanização, história regional e geografia urbana. Essa etapa foi essencial para fundamentar teoricamente a investigação, situando-a no campo interdisciplinar entre a geografia, a linguística e a história.

A **pesquisa de campo** ocorreu apenas no Distrito Administrativo de Mosqueiro – DAMOS, onde houve entrevista com um informante nascido e criado no local e que mostrou que conhecia Mosqueiro não só por seu olhar de Mosqueirense, mas, também, pelos relatos ouvidos do avô na época em que o informante era criança. Essa etapa teve como objetivo captar as percepções, memórias e narrativas que envolvem os nomes dos bairros, bem como verificar *in loco* os elementos que compõem a paisagem urbana e que dialogam com a toponímia.

A **análise linguística** concentrou-se na interpretação dos nomes dos bairros, considerando aspectos etimológicos, semânticos, morfológicos e sociolinguísticos. Essa abordagem permitiu compreender os significados atribuídos aos topônimos, suas origens e os processos de nomeação que refletem práticas culturais, identitárias e históricas da população belenense.

Essas quatro dimensões metodológicas foram articuladas de forma complementar, permitindo uma leitura multifacetada da realidade urbana de Belém. A integração entre os dados documentais, bibliográficos, empíricos e linguísticos possibilitou uma compreensão mais profunda da dinâmica toponímica da cidade, revelando como os nomes dos bairros expressam relações de poder, memória coletiva e territorialidade.

Etapa 1: Levantamento inicial dos dados através da pesquisa documental:

O processo teve início com o levantamento de todos os distritos administrativos e seus respectivos bairros, que constituem a Metrópole de Belém, utilizando mapas oficiais disponíveis nos arquivos de órgãos públicos como a Companhia de Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém (CODEM), a Secretaria Municipal de Urbanismo (SEURB), a Secretaria Municipal de Saneamento (SESAN), bem como os arquivos digitais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE-PA). Essa etapa foi essencial para garantir a confiabilidade das informações e estabelecer uma base sólida para as análises subsequentes.

Etapa 2: Pesquisa bibliográfica e referencial teórico:

Em seguida, realizou-se uma pesquisa bibliográfica criteriosa, com o objetivo de reunir material teórico que fundamentasse a investigação. Foram selecionadas obras que abordam a toponímia, tais como: *A motivação toponímica e a realidade brasileira*, da autora Dick, M.V. de P. do A.; *Toponímia e ensino: estudo dos nomes de lugares de origem indígena no livro didático de Geografia*, Nunes, V.R. de (Dissertação de Mestrado); e *Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimo e hidrotopônimo na onomástica brasileira*, dos autores Isquierdo, A.N. e Krieger, M. da G.

No que se refere à história urbana de Belém, foram utilizadas como base teórica as obras *Belém: estudo de geografia urbana*, do autor Penteado, A.R., e *Das origens de Belém seiscentista e sua herança Tupinambá*. Complementarmente, recorreu-se à *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, que contribuiu com artigos voltados à análise territorial e cultural da cidade. Para os aspectos socioculturais envolvidos na formação dos bairros, foi adotada como referência a obra *Os nomes de lugares em rede: um estudo em foco na interdisciplinaridade*, da autora Andrade, K. dos S.

O conjunto dessas obras constituiu o referencial teórico que sustentou a interpretação dos dados e subsidiou o levantamento histórico-geográfico, permitindo compreender os processos de ocupação, permanência e transformação do espaço urbano ao longo do tempo. Nesse percurso, foram também consultados autores latinos, cujas contribuições, ainda que em língua original, revelaram afinidades conceituais com os objetivos da pesquisa. As traduções literais e parciais desses textos foram realizadas pela autora desta tese, com o intuito de preservar a fidelidade terminológica e ampliar o diálogo interdisciplinar entre os campos da toponímia, da história urbana e da linguística.

Etapa 3: Pesquisa de campo e entrevista:

A pesquisa de campo incluiu entrevista com informante local e visitas aos órgãos públicos mencionados anteriormente. Essas ações foram fundamentais para coletar dados complementares sobre a história dos bairros e as motivações por trás de suas denominações. Também foram analisadas matérias jornalísticas produzidas por veículos locais, que contribuíram para a compreensão das narrativas urbanas e das dinâmicas socioculturais envolvidas na nomeação dos espaços.

Etapa 4: Análise etimológica e morfológica dos topônimos:

A análise etimológica dos topônimos constituiu uma etapa central da metodologia. Foram consultados os respectivos dicionários etimológicos: Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa de Antenor Nascente, Dicionário Etimológico de Cunha, A. G, Dicionário Tupinambá Português de Symões, C. e por último o Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi de Tibiriça, L. C. . Essa investigação revelou influências indígenas, portuguesas, religiosas, naturais e outras que compõem o mosaico toponímico da cidade. Complementarmente, foi realizada a descrição morfológica dos topônimos, com apoio de dicionários especializados, Dicionário de Latim – Português do autor Farias, E. e o Dicionário de Nomes Próprios do autor Cunha, A. G. da, visando compreender a estrutura e formação dos nomes.

Etapa 5: Sistematização em fichas lexicográfico-toponímicas:

Com os dados consolidados, os topônimos foram catalogados em fichas lexicográfico-toponímicas, preenchidas com informações detalhadas referente a cada topônimo. Optou-se pelo modelo proposto por Dick, já testado em projetos de outras regiões, por sua sistematização clara e eficaz. Sendo preenchido todos os campos existentes na ficha. Sendo eles: localização geográfica (com referência cartográfica), classificação da taxonomia, natureza, origem, histórico, estrutura morfológica identificação do topônimo, tipo de acidente humano (A.G.), etimologia, histórico legal e social, e informações enciclopédicas que relacionam o nome a pessoas, lugares ou fatos relevantes.

Etapa 6: Classificação temática dos topônimos:

Posteriormente, os dados foram submetidos a uma classificação dos topônimos, agrupando-os conforme suas características etimológicas, temáticas e funcionais. Essa análise revelou padrões recorrentes, como nomes ligados à natureza, à religiosidade, a figuras históricas e a eventos marcantes, evidenciando a riqueza simbólica presente na nomeação dos bairros.

Etapa 7: Síntese e elaboração final:

Por fim, procedeu-se à elaboração do texto com as devidas reelaborações e adequações que se mostraram necessárias. A metodologia, portanto, não apenas possibilitou o mapeamento toponímico da cidade, mas também contribuiu para a valorização da memória urbana e da identidade cultural de Belém, revelando os múltiplos sentidos que atravessam a nomeação dos espaços e a construção simbólica da metrópole

Como pode ser observado pelas etapas da pesquisa, o arcabouço metodológico que sustenta a investigação busca providenciar um retrato sociodemográfico do Estado do Pará, com foco especial na Metrópole de Belém como *locus* da pesquisa. A descrição da cidade e a contextualização dos Distritos Administrativos fornecem as bases territoriais e históricas necessárias para a análise dos topônimos.

O estudo mostra um panorama urbano, revelando desigualdades socioespaciais ainda marcantes — como a permanência de palafitas em áreas periféricas e a fragilidade das condições de habitação em bairros como Barreiro, Sacramento, Pedreira, Telégrafo e Maracangalha. Essa abordagem metodológica evidencia que a toponímia urbana não pode ser dissociada da realidade social e histórica que a molda.

Ao revelar as transformações urbanas e os recortes sociais presentes nos bairros de Belém, bem como os passos da pesquisa, o capítulo prepara o terreno para uma análise toponímica mais aprofundada. O próximo capítulo entra no cerne da investigação ao examinar os nomes dos bairros em sua dimensão cultural, histórica e simbólica — revelando como os topônimos funcionam como espelhos da identidade belenense, marcados por motivações diversas e camadas de significação construídas ao longo do tempo.

CAPÍTULO IV

UMA ANÁLISE TOPONÍMICA DOS BAIRROS DE BELÉM

4.1 Breve histórico dos bairros selecionados

Os Distritos administrativos trazem bairros cujo histórico foi, relativamente, fácil de encontrar, por estar descrito nos seguintes órgãos públicos: SEURB, CODEM e IBGE. No entanto, há poucas informações acerca de muitos bairros de outros Distritos, nos órgãos supracitados, levando a pesquisadora a ampliar suas bases de pesquisas, buscando informações *in loco*, contando com a memória dos moradores mais antigos desses bairros.

4.1.1 Bairros que compõem o Distrito Administrativo de Belém – DABEL

O Distrito administrativo de Belém – DABEL, conforme mapa abaixo, é constituído por 9 (nove) bairros, os quais serão apresentados por sua origem toponímica e histórica.

Mapa 6 – Distrito Administrativo de Belém - DABEL



Fonte: SEURB, (2010). Base Cartográfica do IBGE, 2010

a) Batista Campos

O bairro de Batista Campos recebeu esse nome, de fato, com a inauguração da Praça Batista Campos. Era mais um projeto do intendente Antônio Lemos, no auge da economia da borracha na Amazônia e no período de grandes projetos urbanísticos que visavam ao futuro.

É uma homenagem ao cônego João Batista Gonçalves Campos, jornalista, advogado e um dos membros da Cabanagem, a principal revolta popular ocorrida no Brasil.

As ruas do bairro também são homenagens às etnias tradicionais. Assim como o bairro de Nazaré teve uma ocupação protagonizada pela parcela mais rica da população de Belém no final do séc. XIX e início do séc. XX. Os cenários do bairro começaram com casarões e plantações.

b) Campina

O nome Campina foi devido a antiga formação geográfica da região, que inicialmente compreendia um terreno alagado e quase sem árvores chamado igarapé do Piry ou pântano. Para que esta se tornasse apta a construções, foi necessário fazer vários aterramentos até que o solo ficasse firme, criando traçados tortuosos e desnivelados no bairro

É um bairro histórico situado na cidade de Belém, capital do estado do Pará. É o segundo bairro mais antigo, abrigando parte do centro histórico da capital paraense, criado após o então bairro Cidade na época da Capitania do Grão-Pará, assim muitos de seus casarões foram criados no período colonial, dispostos em quarteirões irregulares com ruas estreitas pavimentadas com pedras de lióz, além de possuir pontos turísticos como: o Theatro da Paz (uma das sete maravilhas brasileiras), a Estação das Docas, o Ver-o-Peso, a Academia Paraense de Letras. Este bairro abriga o centro comercial da cidade, preservando as características históricas desde o final do século XIX. Popularmente, é conhecido como Comércio, nome informal que aparece em algumas placas de ruas. No entanto, a denominação oficial do bairro continua sendo Campina.

Apesar de ser o segundo bairro mais antigo de Belém, Campina concentra o maior número de imóveis históricos da capital paraense, abrigando centenas de casarões e sobrados que datam dos séculos XVIII e XIX; juntamente com o bairro da Cidade Velha, formam um Conjunto Arquitetônico e Centro Histórico de Belém, considerado um dos maiores e mais íntegros conjuntos urbanos do país tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2011. O bairro destaca-se, também, pela grande quantidade de praças,

sendo o local com maiores áreas de lazer.

c) Cidade Velha

Parte de Belém onde os portugueses, sob o comando de Francisco Caldeira Castelo Branco, desembarcaram, construindo um forte de madeira e uma capela. Saindo do forte, os colonos abriram um caminho, que chamaram de rua do Norte, e foram se aventurando na construção de casas para moradia. Daí surgiu a Cidade, chamada posteriormente de Velha, permanecendo esta denominação até os dias presentes.

O bairro da Cidade Velha é o mais antigo de Belém e está intrinsecamente ligado à fundação da cidade. Originalmente, uma extensão residencial do antigo centro econômico, o Comércio, a Cidade Velha abrigava as principais atividades econômicas.

Na paisagem, os traços históricos são evidentes nas ruas estreitas e nas casas e prédios antigos que remontam aos séculos XVII e XVIII. Esse conjunto de patrimônios históricos torna o bairro um verdadeiro repositório do passado de Belém.

d) Nazaré

O nome do bairro presta homenagem à Nossa Senhora de Nazaré, cujo o Círio acontece anualmente, no mês de outubro. Durante a quinzena nazarena, muitos turistas e belenenses visitam a Basílica Santuário de Nazaré, que foi erguida no local onde o caboclo Plácido encontrou a imagem original de Nossa Senhora.

Em estilo predominantemente clássico, a Basílica de Nazaré é o monumento arquitetônico mais importante do bairro. O Centro Arquitetônico de Nazaré, construído em frente à Basílica – onde é celebrada missa todos os anos, depois da romaria do Círio de Nazaré – é um espaço de lazer para os moradores. Local privilegiado, dotado de segurança, com piso em mármore.

Nazaré é um bairro da elite. Não há baixadas e os serviços de infraestrutura e segurança são excelentes.

e) Reduto

O nome do bairro remete à origem de um antigo forte militar, conhecido como Reduto de São José, construído no ano de 1771 com objetivo de garantir a segurança da sede da colônia

e a conselho e experiência dos locais estratégicos do litoral à entrada da cidade. Entre 1806 e 1810 foi construído um semi-baluarte e uma muralha unindo a fortificação da Bateria de Santo Antônio com a de São José. Em 1832, essa muralha foi demolida para que fosse construída uma praça no lugar e as ruas poderem ser abertas. O terreno do Reduto de São José era situado em uma baixada com bastante irregularidades, sendo esta área utilizada como campo de instrução militares

O Reduto teve sua fundação no século XVIII, a partir de uma bateria militar localizada entre o Colégio Santo Antônio e o canal do Reduto, que passou por um processo de urbanização, mas existe até hoje. A Bateria do Reduto fazia parte do conjunto de baluartes militares daquela época: Forte do Presépio, Fortaleza São Pedro Nolasco, Fortaleza da Barra e a Bateria do Fortim.

Os dois principais recursos naturais que levaram o bairro à expansão, em 1910, foram o Igarapé das Armas, localizado onde foi construída a Avenida Doca de Souza Franco; e o Canal do Reduto, que fica entre a Avenida 28 de Setembro e a Praça Magalhães. O igarapé e o canal facilitavam o acesso de mercadorias transportadas em embarcações, o que levou aquele pedaço a se estabelecer como mais um bairro de Belém, que já dispunha da Cidade Velha e o Comércio, os dois primeiros bairros da capital paraense.

f) São Brás

O bairro de São Brás é homenagem a um Santo conhecido por auxiliar pessoas com doenças na garganta, que nunca teve uma igreja própria. Uma procissão era feita da Igreja da Mercês até o Largo de Nazaré, mas a devoção foi diminuindo com o tempo. A importância do bairro só cresceu, no entanto, desde a fundação no final do século XIX, com uma história sempre atrelada ao comércio e ao transporte.

Foi apenas uma área limítrofe de Belém e só quando a expansão da capital se intensificou, durante a gestão do intendente Antônio Lemos, é que se percebeu a necessidade de uma nova saída da cidade e de medida que fortalecessem o comércio. Com a expansão da Estrada de Ferro de Bragança, o Mercado de São Brás foi inaugurado com o propósito de escoar e receber mercadorias.

Uma das principais estações da ferrovia erguia-se onde hoje está o Terminal Rodoviário de Belém. A partir de 1883, esse núcleo foi chamado de Largo de São Brás, um território com 28 hectares.

g) Umarizal

O bairro começou a ser ocupado no século XVI, era apenas um terreno alagado, com mangues, capim e umarizeiros, a fruta que, abundante a época, deu nome ao bairro. Hoje não há mais registros de pés de Umari no Umarizal, nem a presença de pessoas negras, pobres e forte presença da cultura africana.

Quem começou a abrir ruas e iniciar o desenho do que mais ou menos o local é hoje, na década de 1880, foi o intendente José da Gama Malcher. Como era difícil desenvolver a área, tratava-se de um território onde pessoas mais pobres tentavam fixar residência, geralmente empregados das elites que ocupavam os bairros da Cidade Velha, Campina e Nazaré.

Descendente de escravos, na maioria, havia presença cultural de matriz africana, tanto na música quanto na religião, e vários terreiros e bares que mantinham viva essa tradição. Historiadores e urbanistas concordam que foi o intendente Antônio Lemos que planejou Belém para o futuro. Foi na gestão dele que a cidade e o Umarizal se transformaram, com a pauta de reproduzir o desenvolvimento de cidades europeias.

h) Marco

O bairro do Marco representa um momento importante na história de Belém. Foi chegar a primeira légua patrimonial da cidade, em franca expansão entre o final do século XIX e início do século XX. Próximo de onde essa métrica significativa estava, foi implantado um pequeno monumento: o Marco da Légua, hoje em frente ao Centro de Ciências Biológica e de Saúde da Universidade do Estado do Pará, na Avenida Almirante Barroso – onde, no passado, havia um manicômio.

Belém vivia o auge da economia da borracha. O desenvolvimento da cidade estava em ritmo acelerado desse limite histórico. Apesar do símbolo de progresso e expansão, o Marco ainda era considerado uma área afastada, por isso abrigou várias rocinhas, as casas elitizadas da população rica de Belém, e o perfil socioeconômico do bairro sempre manteve uma característica de classe média, segundo os moradores antigos.

O desenho atual do Marco é de um bairro central, cheio de entradas e saídas e ligações para outras áreas da cidade, assim como várias linhas de ônibus. É nele que fica a principal via troncal de Belém, Avenida Almirante Barroso, que um dia foi Tito Franco. Desde o início, as vias do bairro foram largas e pensadas para o futuro.

4.1.2 Bairros que compõem o Distrito Administrativo do Bengui – DABEN

O Distrito Administrativo do Bengui – DABEN é composto por 8 (oito) bairros, cuja ocupação do espaço iniciou na década de 1970. Nesse Distrito há bairros, relativamente, novos, formados, inicialmente, como extensão de outros bairros, toma-se por exemplo, São Clemente que faz parte do bairro maior, o Bengui.

Mapa 7 – Distrito Administrativo do Bengui - DABEN



Fonte: SEURB, 2010. Base Cartográfica do IBGE, 2010

a) Bengui

Denominação reconhecida pela população do local, originada de uma parada de trem ali criada, juntando o prenome de dois imigrantes, Benjamin e Guilherme.

O bairro do Bengui é considerado um dos maiores e mais populosos bairros de Belém. Mas é também um dos mais pobres e dos mais abandonados com relação aos demais bairros.

Ele está localizado na área de expansão urbana de Belém, logo após o Cinturão Verde formado pelas áreas sob jurisdição do Ministério da Marinha, mais precisamente dentro da antiga Fazenda Val de Cães.

A ocupação da área iniciou-se na década 1970 de forma desordenada como consequência do êxodo rural e da especulação imobiliária e foi incrementada com a chegada de contingentes populacionais de outras localidades não somente do Pará como de outros estados do norte e nordeste do país.

b) Cabanagem

O nome do bairro teve origem na ocupação espontânea da área, por conta de um monumento arquitetônico projetado por Oscar Niemeyer que homenageia o movimento popular da Cabanagem ocorrido na década de 1830, e foi responsável pela constituição do Pará como um país independente do restante do Brasil no Período Regencial. Neste monumento, denominado Memorial da Cabanagem, estão depositados os restos mortais de alguns dos líderes da Cabanagem. Seu reconhecimento oficial se deu por meio da Lei Municipal nº 7.806, de 30 de julho de 1996.

Por ser um bairro localizado na entrada e saída de Belém, apresenta um efervescente mercado atacadista, que por sua vez garante ao bairro um intenso movimento de caminhões pesados, pela sua condição de polo distribuidor de mercadorias para o restante da cidade.

Em 2010, foi feita uma série de operações policiais que conseguiram reduzir consideravelmente a criminalidade no bairro. Em dezembro de 2011, foi apresentado projeto de revitalização no bairro, principalmente onde se encontra o Monumento à Cabanagem.

c) Coqueiro

Denominação atribuída pelos moradores mais antigos, devido à farta plantação de coqueiros outrora lá existente.

O bairro do coqueiro é um dos mais antigos do município de Ananindeua. Sua paisagem era marcada por habitações modestas, com casas isoladas e quintais com árvores frutíferas, dentre as quais, o jameiro era a espécie marcante na paisagem.

No século XIX, as terras do atual conjunto habitacional Cidade Nova foram ocupadas por nordestinos, quando se teve início a grande derrubada da mata virgem (conhecida como as matas do 40 horas), visando ao fornecimento de postes para a instalação da rede de iluminação

de Belém e lenha para as locomotivas da Estrada de Ferro de Bragança e para as indústrias da capital.

Na década de 1950, além dos nordestinos com suas propriedades rurais, havia também as famílias descendentes de japoneses, que possuíam granjas e praticavam culturas de subsistência; na década de 1970, a Companhia de Habitação do Estado do Pará (COHAB-PA), compra as propriedades rurais dos nordestinos e japoneses para a implantação de um dos maiores conjuntos habitacionais já implantados pela COHAB no Pará.

Hoje os empreendimentos habitacionais estão diminuindo as áreas verdes do bairro, bem como, as características apontadas por Penteadó em 1968 ao descrever o povoado do Coqueiro que, naquela época, era um dos mais populosos de Ananindeua e bastante procurados para a instalação de retiros (sítios).

d) Parque Verde

Comumente chamado de “Nova Belém” o bairro Parque Verde foi criando corpo graças ao processo migratório de inúmeras famílias, que se deslocaram do centro para as regiões mais afastadas, em busca de conforto. Seu surgimento data dos anos de 1960.

O nome do bairro entrega sua própria motivação: a predominância de grandes áreas verdes, que perdurou por muitos anos, o que era associado à baixa densidade populacional – já que o crescimento absoluto do bairro veio a acelerar nas últimas três décadas. Com os fluxos migratórios, o aumento considerável da população motivou o surgimento de toda sorte de empreendimentos. A primeira leva foi a de 7 (sete) condomínios horizontais para as classes alta e média. Aos poucos, modelos prediais de habitação foram também se espalhando, o que levou à verticalização do espaço. Hoje, o Parque Verde conta com nove condomínios verticais.

e) Pratinha

O bairro da Pratinha é localizado ao lado do Aeroporto Internacional de Belém, o mesmo é cortado pela importante Rodovia Arthur Bernardes, que é a sua principal via e abriga diversas fábricas, especialmente na parte da rodovia que está à margem da Baía de Guajará, pois facilita a comunicação por meio de portos particulares. Pelo outro lado da rodovia proliferam conjuntos habitacionais bem como ocupações irregulares de famílias de baixa renda, com problemas de infraestrutura, saneamento deficiente (sendo o bairro onde menos houve atuação da prefeitura no respeitante à saneamento básico nos anos de 2001 a 2021) e déficit de segurança.

O bairro da Pratinha foi originalmente habitado por moradores humildes e/ou nordestinos. Naquela época, a alimentação era escassa, e os moradores costumavam pescar no igarapé do Mata-fome para encher suas “pratinhas” (um tipo de utensílio usado para servir comida), durante a chamada hora da “broca”. Aquele era um ponto de encontro para os que buscavam alimentos frescos.

Naquele local, construiu-se o tradicional CIABA (Centro de Instruções Almirante Brás de Aguiar), referência na formação de oficiais da Marinha Mercante do Brasil. A localidade também ficou conhecida por aqueles que se reuniam para formação do CIABA, conhecidos como os pracinhas. A partir das histórias contadas, o nome do bairro oscilou, por muito tempo, entre pracinha e pratinha).

f) São Clemente

São Clemente homenageia a antiga comunidade da área onde existiam uma igreja, um cemitério e uma estrada com o mesmo nome. A história e a memória desses lugares são preservadas pelos moradores, que têm um profundo respeito pelas raízes do bairro.

Em termos de legislação, a delimitação oficial do bairro São Clemente foi estabelecida pela Lei 7.806, de 30 de julho de 1996. Conforme essa lei, o bairro compreende a área envolvida pela poligonal que tem início na interseção da projeção da passagem.

Essa combinação de história, memória e regulamentação faz de São Clemente um bairro rico em significado e importância para seus habitantes. A preservação de seus marcos históricos e culturais é um testemunho do valor que a comunidade atribui ao seu passado.

g) Tapanã

Foi durante uma rápida retomada do ciclo da borracha – ocorrida entre 1942 e 1945, depois que o ciclo original na Amazônia se esvaíra, entre 1879 e 1912 – que o atual bairro do Tapanã começou a ser ocupado. Composto por grandes fazendas, era uma área conhecida como Pousado do Tapanã, onde uma propriedade em particular se destacava: Hospedaria Tapanã, que ficou conhecida como “Hospedaria do Diabo” ou “Hospedaria do Inferno”, por ser o lugar em que os soldados da borracha, a maioria nordestinos, sofreram todo o tipo de maus-tratos.

Como não havia espaço na hospedaria para todo mundo, logo os esquecidos soldados da borracha e suas famílias começaram um processo de ocupação dos arredores. Algumas fazendas foram invadidas e núcleos de habitação foram se formando. A ocupação do bairro do

Tapanã deve- se, em grande medida, à transformação da terra rural em terra urbana, a partir do interesse do capital imobiliário.

h) Una

É um bairro limítrofe da cidade de Belém do Pará com o município de Ananindeua. Sendo este localizado no extremo leste de Belém e, é um bairro tipicamente fabril e em parte residencial. Atualmente tem tido leve urbanização com recentes empreendimentos imobiliários e governamentais. Denominação adotada tradicionalmente pela comunidade, sendo a área parte da Bacia do Una e limitada pela estrada do mesmo nome. Seu reconhecimento oficial se deu por meio da Lei Municipal nº 7.806, de 30 de julho de 1996.

O bairro compreende a área delimitada pela poligonal: Inicia na Rua dos Comerciários com a Rodovia Mário Covas, segue por esta até a Rodovia Transcoqueiro. posteriormente até encontrar a Passagem Jarbas Passarinho (Rodovia Transcoqueiro). Uma das principais vias do bairro do Una é a Rodovia Mário Covas que acabou se tornando uma passarela de possibilidade dos que moram no bairro do Una.

Grandes obras de melhorias viárias têm sido feitas ao longo da região, como a abertura das Avenidas Independência e Centenário – interligando ao centro da cidade e a revitalização da Rodovia Mário Covas.

4.1.3 Bairros que compõem o Distrito Administrativo do Entroncamento – DAENT

Os bairros que compõem o Distrito Administrativo do Entroncamento – DAENT são 10 (dez) dentre, eles destacam Val de Cans, onde está localizado o Aeroporto Internacional de Belém e o Mangueirão, bairro em que se encontra o Estádio Olímpico do Pará – Jornalista Edgar Proença.

Mapa 8 – Distrito Administrativo do Entroncamento - DAENT



Fonte: SEURB, 2010. Base Cartográfica do IBGE, 2010

a) Curió-Utinga

É o maior bairro de Belém em espaço territorial e, curiosamente, é o que tem o menor número de moradores. É que somente 20% da área do bairro é habitada, 80% do bairro consiste numa Área de Preservação Ambiental (APA), onde está localizado o manancial do Utinga, composto pelos lagos Bolonha e Água Preta, que geram a água que abastece Belém, e; para proteger o manancial foi criado o Parque Ambiental do Utinga.

O nome Curió vem de um antigo morador da região, que possuía um sítio na estrada da CEASA, onde atualmente se encontra o Condomínio Itororó. Esse morador, fascinado por passarinhos silvestres, criava Curiós no seu terreno, e havia um igarapé no local que atraía moradores do bairro do Marco nos finais de semana e feriados.

O bairro era uma área de sítios e chácaras, onde também havia a vagaria do Exército e a granja do governador, que começou a ser ocupada por novos moradores a partir dos anos 40.

As primeiras áreas foram ocupadas por antigos funcionários dos sítios, que trouxeram familiares para morar nas vizinhanças. Mas a expansão do bairro se deu durante os anos 80. Entretanto, a característica de ser um bairro familiar permanece seis décadas depois.

b) Águas Lindas

O bairro tem sua fundação entre meados dos anos 1970 e anos 1980, a partir das ocupações irregulares e construção de conjuntos habitacionais por parte de projetos desenvolvidos entre a COHASPA (Companhia Habitacional dos Servidores Públicos da Amazônia), BNH, SUDAM e a COHAB.

O bairro recebeu essa denominação devido a quantidade de igarapés e fontes naturais de água cristalinas que o permeavam; localizado próximo ao Parque Ambiental do Utinga, possuem campos de futebol que servem para lazer.

Está no limite dos municípios de Belém e Ananindeua. Nas proximidades do bairro está o extinto Lixão do Aurá e, na entrada, estão condomínios luxuosos, bem como grandes empresas.

c) Aurá

Aurá é um bairro com uma história profundamente marcada pela presença do antigo Aterro Sanitário Metropolitano, popularmente conhecido como "lixão do Aurá". Instalado na região em meados dos anos 1990, o aterro funcionou por décadas como o principal destino dos resíduos sólidos urbanos de Belém e das cidades vizinhas. Esse local de descarte de lixo trouxe grandes desafios ambientais e sociais para a comunidade, bem como repercussões significativas na saúde e qualidade de vida dos moradores próximos.

Segundo Furtado (2010), até o ano de 1993, havia litígios sobre a divisão territorial do bairro entre os municípios de Belém e Ananindeua. Esses conflitos contribuíram para a complexidade da gestão do bairro e do aterro sanitário, além de afetar a implementação de políticas públicas na área. A situação foi se desenrolando ao longo dos anos, e o bairro se tornou um ponto central para discussões sobre a importância da gestão adequada de resíduos e a responsabilidade ambiental.

Localizado no Distrito Administrativo do Entroncamento (DAENT), Aurá está situado entre os bairros de Água Lindas e Curió-Utinga, na divisa entre Belém e Ananindeua. Hoje, o extinto aterro sanitário representa um capítulo importante na história do bairro e continua a ser

uma referência para iniciativas de revitalização ambiental e urbanística. A área tem potencial para ser requalificada e integrada à vida urbana de maneira sustentável, proporcionando um futuro mais saudável e equilibrado para seus moradores.

d) Castanheira

O bairro Castanheira, um dos mais jovens de Belém, serve como a entrada e saída da capital pela rodovia BR-316. Caracterizado pelo intenso trânsito e comércio quase permanente, o bairro possui um perfil socioeconômico misto, com tendência para uma população de renda mais baixa. Uma das marcas distintivas do bairro é uma obra do renomado arquiteto Oscar Niemeyer, conferindo-lhe um toque de sofisticação em meio à agitação cotidiana.

O nome "Castanheira" é uma homenagem a uma grande árvore de castanha que existia na BR-316, numa área conhecida como "curva da castanheira". Situada em frente ao Seminário Teológico Batista Equatorial, a árvore era visível para quem passava de trem pela Estrada de Ferro de Bragança. Este marco natural deixou uma lembrança duradoura na memória dos moradores e viajantes.

A "curva da castanheira" era um trecho de trânsito notoriamente perigoso, onde muitas pessoas perderam a vida durante os anos 1970. Devido à vibração do solo, poluição e falta de manutenção, a castanheira acabou morrendo. No entanto, a memória da árvore persistiu, inspirando o nome do segundo shopping center de Belém e, eventualmente, batizando todo o bairro. Hoje, o nome Castanheira é um tributo duradouro à árvore que um dia dominou a paisagem local.

e) Guanabara

O bairro da Guanabara, localizado no município de Ananindeua, tem seu nome em homenagem à Baía de Guanabara, no Rio de Janeiro. É uma das áreas mais urbanizadas do município, com cerca de 95% de suas ruas asfaltadas e drenadas. Considerado um bairro nobre, Guanabara se destaca como um dos melhores lugares para morar em Ananindeua, oferecendo uma ampla variedade de serviços comerciais, incluindo bancos, concessionárias de automóveis, residenciais fechados, supermercados, lojas de departamento, universidades, hospital e pizzarias. Além disso, o bairro está próximo de outros serviços, como o Shopping Center Castanheira.

A localização do bairro da Guanabara é estratégica, estando à margem da BR-316, a

principal via de acesso a Belém e à região metropolitana. Essa proximidade facilita a mobilidade dos moradores e visitantes, tornando o bairro ainda mais atrativo. Além disso, a presença da BR-316 contribui para a intensa atividade comercial e o desenvolvimento econômico da região, reforçando a importância do bairro no contexto urbano de Ananindeua.

O bairro da Guanabara também se beneficia do prolongamento da Avenida João Paulo II, o que cria expectativas animadoras quanto ao seu crescimento futuro. Essa expansão viária promete melhorar ainda mais a infraestrutura local e atrair novos investimentos, consolidando Guanabara como um polo de desenvolvimento e um excelente local para se viver.

O bairro reúne o charme de um ambiente urbano bem estruturado com a conveniência de serviços diversificados e uma localização privilegiada.

f) Mangueirão

Em referência ao apelido do estádio de futebol Edgar Proença, edificado no local, o bairro Mangueirão surgiu há cinco anos com a instalação de um complexo de prédios institucionais em seu eixo. Entre essas instituições estão o Planetário, o DETRAN, o Instituto Renato Chaves, a FEAPA, e, o mais imponente de todos, o Estádio Olímpico Mangueirão. Esse bairro foi desmembrado do extenso bairro do Bengui, do qual fazia parte anteriormente.

Apesar de existir de fato, o bairro Mangueirão ainda não possui um caráter jurídico reconhecido oficialmente. Para os moradores do Mangueirão, o bairro continua sob a jurisdição do Bengui, que ainda assume o caráter oficial da área. Isso cria uma situação única, onde a identidade do bairro é reconhecida pelos habitantes, mas não está formalmente estabelecida.

A principal avenida do Mangueirão, a Lameira Bittencourt, se estende desde a Transmangueirão até o final da linha do Bengui, simbolizando a conexão contínua entre os dois bairros. Esta via é fundamental para a circulação e o acesso aos serviços e instituições presentes na região, reforçando a importância do Mangueirão como um centro emergente, apesar da sua falta de reconhecimento jurídico oficial.

g) Marambaia

O bairro da Marambaia, localizado em Belém, começou a se formar nos anos 1950. As terras, pertencentes ao sr. João Baltazar, foram aforadas a diversas pessoas que ali construíram suas casas. Foi uma das primeiras ocupações em áreas menos firmes da cidade após a primeira légua patrimonial. Com o tempo, a área se expandiu e desenvolveu uma cultura própria,

tornando-se um dos bairros mais verdes de Belém e com maior vocação para o empreendedorismo culinário. A Marambaia também é um território de contrastes sociais muito visíveis, com moradias simples de um lado e condomínios de classe média de outro.

No início, o bairro praticamente não tinha comunicação com outros bairros e só era acessível de trem. Atualmente, é difícil imaginar Belém sem a Marambaia, que possui várias conexões com outros bairros e está ligada a vias troncais importantes, como as avenidas Augusto Montenegro, Júlio César, Tavares Bastos e Pedro Álvares Cabral. Essa rede de conexões faz da Marambaia uma parte integral da área de expansão da capital.

A Rua da Mata é considerada a primeira rua do bairro, marcando o início de seu desenvolvimento. No entanto, foi a Avenida Tavares Bastos que realmente colocou o bairro em evidência, trazendo infraestrutura e serviços que impulsionaram seu crescimento. Hoje, a Marambaia é um bairro dinâmico e conectado, essencial para a expansão e o desenvolvimento de Belém.

h) Souza

O povoado de Sousa foi fundado após a Corte de Madri atender às reclamações de Álvaro de Sousa, filho do governador geral, que alegava que Feliciano Coelho de Carvalho pretendia usurpar seu direito de posse. Este episódio histórico marcou o início do desenvolvimento do local, que posteriormente se transformou no bairro Souza, em Belém.

O bairro Souza, em Belém, tem seu nome derivado do sobrenome do líder das caravanas que, saindo de Bragança, paravam na região onde hoje está localizado o bairro. Com aproximadamente 44.000 habitantes, Souza é uma área densamente populada, com a Avenida Almirante Barroso como sua principal via. Essa avenida é um importante eixo de mobilidade e desenvolvimento, facilitando o acesso dos moradores a diversas partes da cidade.

Cercado por áreas militares, como o I COMAR e o 2º Batalhão de Infantaria de Selva, o bairro Souza possui uma identidade única que combina aspectos históricos e militares. A presença dessas instituições contribui para a segurança e infraestrutura do bairro, tornando-o um local estratégico e de importância significativa dentro do contexto urbano de Belém.

i) Val-de-Cans ou Val-de-Cães

O bairro Val-de-Cans possui pelo menos duas origens aceitas por historiadores, ambas ocorrendo quase no mesmo período. Este bairro é repleto de histórias e marcado pela presença

de militares ao longo de seu desenvolvimento. Graças às áreas preservadas pelas forças armadas, Val-de-Cans mantém uma considerável cobertura vegetal e, por muito pouco, não se tornou um distrito de Belém, assim como Mosqueiro, Outeiro e Icoaraci.

As possíveis origens do bairro remontam ao século XVII, relacionadas à geografia da região que recebeu o nome de "vale" (val). Uma das versões sugere que o nome oficial vem de uma comunidade de negros idosos, onde o envelhecimento, em latim, é associado à palavra "canus", dando origem a "cans". Outra versão fala de uma grande propriedade rural da Ordem das Mercês, que mantinha canis na área. Inicialmente chamado de Val-de-Cães, o nome foi alterado para Val-de-Cans, pois as elites locais consideravam mais elegante morar no "vale dos idosos" do que no "vale dos cachorros".

Essa fazenda foi deixada aos padres mercedários por uma mulher chamada Maria Mendonça em 1675, e as terras foram tomadas pelo estado português no século XVIII. Em 1934, o general Gaspar Dutra determinou a escolha de uma área para a instalação de um aeroporto. Com o tempo, Val-de-Cans se organizou em conjuntos habitacionais, apresentando um perfil socioeconômico diverso, com áreas humildes e elitizadas, como os conjuntos Paraíso dos Pássaros, Marex e Cristal Ville, além de vilas militares. O bairro reflete essa diversidade e importância dentro da expansão urbana de Belém.

j) Universitário

O bairro Universitário, como o próprio nome sugere, é fortemente marcado pela presença de instituições acadêmicas e culturais. Entre elas, destacam-se a Universidade Federal do Pará (UFPA), a Faculdade de Ciências Agrárias do Pará (FCAP) e o Museu Emílio Goeldi (CPATU). Essas instituições não apenas formam o caráter educacional do bairro, mas também promovem uma intensa movimentação de estudantes e acadêmicos, que conferem vida e dinamismo à região.

Além das áreas institucionais, o bairro Universitário possui uma infraestrutura voltada para atender às necessidades da comunidade acadêmica. Isso inclui bibliotecas, livrarias, cafeterias, restaurantes e outros serviços que facilitam a vida dos discentes e docentes. A presença de espaços verdes e áreas de convivência também contribui para um ambiente agradável e propício ao estudo e à pesquisa.

O bairro Universitário é um exemplo de como a educação e a cultura podem transformar e enriquecer uma comunidade. A interação constante entre estudantes, professores e pesquisadores gera um ambiente de troca de conhecimentos e ideias, fazendo do bairro um polo

de inovação e desenvolvimento. A proximidade com importantes instituições de ensino e pesquisa não apenas eleva o padrão de vida dos moradores, mas também atrai investimentos e oportunidades, consolidando o Universitário como um dos bairros mais importantes de Belém.

4.1.4 Bairros que compõem o Distrito Administrativo do Guamá – DAGUA

Os bairros que compõem o Distrito Administrativo do Guamá – DAGUA são 6 (seis), dentre eles, destaca-se o bairro do Guamá por ser o mais populoso.

Mapa 9 – Distrito Administrativo do Guamá - DAGUA



Fonte: SEURB, 2010. Base Cartográfica do IBGE, 2010

a) Canudos

O nome do bairro é uma homenagem à presença da força policial do Pará na campanha de Canudos, contra os cangaceiros, quando os paraenses obtiveram magníficos triunfos, que possibilitaram a queda do derradeiro reduto rebelde. Canudos é o menor bairro de Belém.

Os índices de criminalidade neste bairro se dão pela proximidade com os bairros suburbanos Guamá e Terra Firme considerados de alta periculosidade, com forte presença de famílias de baixa renda, moradoras do entorno do canal da Gentil, embora esta última realidade esteja mudando devido ao crescimento econômico do bairro e constantes investimentos em urbanismo por parte dos governos.

Canudos tem menos de 2 km quadrados de área total, o que seria algo em torno de 150 hectares de área pertencente ao bairro, possivelmente, segundo o IBGE, é um dos menores bairros do mundo pertencente a grandes cidades como é o caso de Belém. A parte alta do bairro é a mais antiga, povoada no início do século XX; a mais baixa, urbanizada com o forte crescimento populacional da cidade a partir de 1970, aproxima do Rio Tucunduba que corta o bairro. Canudos seria comparável a um enclave urbano, parte integrante de um conjunto de bairros: São Brás, Guamá, Montese e Marco.

b) Condor

O nome do bairro Condor em Belém é uma homenagem ao Sindicato Condor, uma empresa aérea alemã que operava um aeroporto onde hoje se encontra a Praça Princesa Isabel. Esse bairro, assim como Guamá e Jurunas, foi originalmente ocupado por ribeirinhos em busca de oportunidades. Apesar da chegada da moderna empresa de hidroaviões, o desenvolvimento no entorno foi mínimo. Próximo dali o Iate Clube do Pará atraía a elite local.

O Sindicato Condor, subsidiária da Lufthansa, começou a operar em Belém em abril de 1936. Mesmo antes de sua chegada, a empresa já era vista como revolucionária no transporte aéreo, o que explica a homenagem ao nome do bairro. A pronúncia correta, seguindo o sotaque alemão, é "Côn-dor" e não "con-dôr" como o nome do pássaro. A empresa, junto com seus aviões, era uma grande atração na cidade.

Ali perto, um bar com o mesmo nome foi aberto, atraindo muitos curiosos. O bairro Condor tem, portanto, uma origem ligada ao pioneirismo no transporte aéreo e um papel importante na integração de Belém com o Brasil e o mundo.

c) Cremação

O bairro Cremação tem sua origem no antigo Forno Crematório construído durante o mandato de Antônio Lemos – de 1897 a 1911 – à época prefeito de Belém. Esse Forno Crematório, inaugurado em 1901, foi o primeiro da América Latina e, junto a ele, várias

medidas de saneamento básico foram concluídas na cidade.

Herança da Belle Époque, esse forno tinha a finalidade de queimar lixo para manter a cidade sempre limpa. A antiga Usina de Cremação de Lixo de Belém foi inaugurada em 1901 e edificada no final de uma avenida recentemente aberta (na época 22 de Junho e, hoje, Alcindo Cacela) e ainda despovoada. À época, marcava o limite da expansão sul da cidade. A área da usina passou por várias transformações ao longo de quase um século de existência.

A Cremação hoje – atualmente, o forno crematório encontra-se desativado e, em torno dele, surgiu a Praça Dalcídio Jurandir, mais conhecida como “Praça do Forno Crematório”. A praça foi construída no ano de 2000, como uma reivindicação deliberada através do Orçamento Participativo, da Prefeitura Municipal de Belém. Na época, a antiga Usina de Cremação de Lixo encontrava-se em precário estado de conservação e sua modificação proporcionou a revitalização do espaço, priorizando o desenvolvimento de atividades culturais.

d) Guamá

É um bairro que possui pouco mais de 100 mil habitantes, considerado, assim, o mais populoso da capital de acordo com Censo 2010. Localizado às margens do Rio Guamá, na zona sul de Belém. No bairro, está situada a Cidade Universitária Prof.º José da Silveira Netto, campus principal da Universidade Federal do Pará (UFPA) e o Hospital Universitário João de Barros Barreto, também vinculado a UFPA. Além disso, existem alguns portos de carga ao longo da Avenida Bernado Sayão, que são muito importantes, bem como algumas casas para shows.

No início do século XIX, nascia um abrigo para os hansenianos que se misturavam com a população sadia da capital. Era o primeiro leprosário da Amazônia: o “Hospício dos Lázaros do Tucunduba”. Muitos fugiram das péssimas condições de atendimento, alimentação e maus-tratos. Assim acelerou-se a precária ocupação do bairro do Guamá.

Lentamente, o bairro do Guamá foi se formando, ao passo que ganhou mais condições de vida, ainda que precárias. Mas até hoje é um reflexo de pobreza, políticas públicas não executadas ou mal executadas.

e) Jurunas

O Jurunas é um dos bairros mais populosos de Belém. É um dos que mais retrata a diversidade da capital paraense desde a fundação da cidade. É um lugar ocupado por uma

população que descende de etnias tradicionais (algumas dão nomes de bairros e vias), ribeirinhos, famílias de classe média dos séculos XVII e XVIII e trabalhadores mais pobres da época. Uma terra de esperança, que marca o afeto dos moradores até hoje. Apesar de próxima de bairros como Nazaré e Batista Campos, foi uma região que contou com menos intervenções urbanísticas do intendente Antônio Lemos. Assim como Guamá e Condor, o Jurunas começou a fundação pelas margens do rio Guamá. Registros históricos apontam a presença de muitas etnias tradicionais paraenses morando na região por onde passava o igarapé do Piry, um braço do rio.

Mesmo não sendo urbanisticamente atrativo, o então futuro bairro do Jurunas tinha terrenos de tamanho razoável e preços baixos. Quem não tinha como investir em terrenos nos bairros de Nazaré e Batista Campos, por exemplo, encontrava lá uma oportunidade de construir uma das muitas características rocinhas da época.

No século XIX, o aterramento do igarapé do Piry deu origem ao primeiro esquema de vias do bairro, interligando os demais bairros da época. Uma das principais vias do bairro fazia menção a uma etnia tradicional que deu nome a região: a travessa dos Jurunas.

f) Terra Firme

Inicialmente, o bairro era formado por uma extensa área alagada pelo igarapé do Tucunduba e seus vários braços, que deram origem a canais. Não havia como ocupar aquele território se não com construções no formato de palafitas. Algumas existem até hoje. Essa ocupação começou em meados da década de 1940 e, em 1996, o nome Montese foi dado ao território em caráter oficial, em homenagem à Batalha de Montese, ocorrida na Segunda Guerra Mundial entre os dias 14 e 17 de abril de 1945, como parte da Campanha da Itália na Ofensiva Aliada Final, travada pela Força Expedicionária Brasileira contra tropas nazistas.

Devido à situação precária do bairro alagado, os próprios moradores usavam do bom humor como forma de protesto, chamando a área onde moravam de "Terra Firme". Esse deboche afrontoso contra as mazelas do bairro é histórico. No início, as próprias pessoas é que colocavam aterros improvisados para tentar deixar a terra firme de fato, porque era um terreno difícil de se construir. A prática de aterrar permaneceu, numa tentativa de vencer as enchentes e tapar buracos que se abriam constantemente.

Quando o nome Montese foi imposto, com pouquíssima participação popular, a massa de moradores defendeu o nome que reconheciam. Foi uma longa resistência. Por algum tempo, qualquer forma de referência ao bairro era "Montese ou Terra Firme". Eventualmente, a

população desistiu de Montese, ficando apenas com a nomenclatura de Terra Firme até hoje.

4.1.5 Bairros que compõem o Distrito Administrativo de Icoaraci – DAICO

São 9 (nove) os bairros que compõem o Distrito Administrativo de Icoaraci – DAICO, embora já habitados desde a década de 80, todos só se tornaram bairros oficialmente, na década de 90.

Mapa 10 – Distrito Administrativo de Icoaraci - DAICO



Fonte: SEURB, 2010. Base Cartográfica do IBGE, 2010

a) Águas Negras

Águas Negras recebeu esse nome devido à cor escura da água do igarapé que delimita o bairro. Localizado na periferia do Distrito de Icoaraci, o bairro está situado entre a confluência da Rodovia Augusto Montenegro com a Estrada da Maracacuera. A população local passou a denominar o bairro de Águas Negras por causa da coloração da água.

O bairro é cortado por ruelas tortuosas, muitas sem pavimento, resultado de ocupações irregulares por famílias de baixa renda. Contudo, também há alguns conjuntos habitacionais e vilas que formam o núcleo de classe média, localizados principalmente às margens da rodovia pavimentada. Essa diversidade de ocupações reflete a evolução do bairro ao longo do tempo.

Em Águas Negras, encontra-se a representação em Belém do SEST e SENAT, com um complexo recreativo, educacional e de saúde. Esse complexo atende aos associados e à comunidade do bairro, do distrito e de Belém, proporcionando importantes serviços e atividades para a população local.

b) Agulha

O bairro Agulha deve seu nome ao aparelho chamado agulha, utilizado para a troca de trilhos e manobra dos trens que circulavam pela área. Essa denominação reflete a história e a importância das ferrovias na região, que contribuíram para o desenvolvimento do bairro ao longo dos anos.

Atualmente, o bairro é conhecido por abrigar o Hospital Estadual Abelardo Santos, a única unidade hospitalar de Icoaraci. Este hospital tem uma importância estratégica para o atendimento à saúde pública no Pará, oferecendo serviços essenciais à comunidade local. A presença desse hospital destaca-se como um elemento crucial de infraestrutura no bairro.

Além do hospital, o bairro Agulha também conta com uma escola de música, extensão da Fundação Carlos Gomes em Icoaraci. Essa escola oferece educação musical à população, promovendo a cultura e proporcionando oportunidades de desenvolvimento artístico para os moradores. A combinação de saúde e cultura faz do bairro Agulha um local vibrante e essencial para a região.

c) Campina de Icoaraci

É o primeiro bairro após o núcleo original de onde o distrito se expandiu em direção a rodovia Augusto Montenegro. É essencialmente residencial de classe média, suas ruas são na sua maioria estreitas e de traçado irregular, diferente do núcleo original de Icoaraci com suas vias dispostas em tabuleiro. Possui um comércio incipiente, mas movimentado e disperso com algumas feiras para o provimento local.

Historicamente, é marcado pela presença de um matadouro que abastecia de carne todo o distrito, mas desativado nos anos 80. Atualmente, no mesmo local, funciona o Corpo de

Bombeiros de Icoaraci e um Batalhão de Polícia.

Compreende a área que integrava as terras do matadouro e se destacava por suas pastagens. Segundo a Lei 7.806, de 30 de julho de 1996, o bairro compreende a área envolvida pela poligonal que tem início na interseção da Rodovia.

d) Cruzeiro

O bairro Cruzeiro deve seu nome ao cruzeiro localizado na ponta de terra entre o Rio Maguari e a Baía do Guajará, sendo um dos mais antigos referenciais da antiga Vila Pinheiros. Situado na parte central do Distrito de Icoaraci, o bairro compreende o trapiche de onde mercadorias como peixe, farinha e açaí são descarregadas para serem vendidas no Mercado Municipal de Icoaraci.

No bairro do Cruzeiro encontram-se a sede da Agência Distrital de Icoaraci, o Cartório de Notas e Ofícios, o Fórum de Icoaraci, além de agências bancárias e um variado centro comercial com lojas de departamentos, clínicas e laboratórios. Esses órgãos administrativos e comerciais tornam o bairro um centro vital para a região, proporcionando serviços essenciais à comunidade.

A Igreja Matriz de São João Batista, localizada no bairro, é o ponto de partida da romaria anual, o Círio de Nossa Senhora das Graças, comemorado todo mês de novembro. O bairro também abriga a Praia do Cruzeiro, com seus quiosques e restaurantes ao longo da orla, passando pelo anfiteatro e a Praça do Pontão, até a pequena Igreja de São Sebastião. A praça de São Sebastião possui um centro de venda de vasos indígenas em cerâmica, e o trapiche oferece travessias para a bucólica Ilha de Cotijuba e a Ilha do Marajó.

e) Maracacuera

O bairro Maracacuera origina-se da ocupação ao redor da antiga fazenda Maracacuera, que deu nome à estrada de acesso ao local. A ocupação da área ocorreu de maneira gradual, à medida que as terras foram sendo utilizadas para moradia e atividades econômicas. Esse desenvolvimento ao redor da fazenda resultou na formação do bairro que conhecemos hoje.

Segundo a Lei nº 7.806, de 30 de julho de 1996, o bairro de Maracacuera compreende a área envolvida pela poligonal que tem início na interseção da Estrada de Maracacuera com a Passagem. Essa delimitação legal define os limites geográficos e administrativos do bairro, garantindo uma organização territorial e urbana adequada para a região.

Maracacuera é um bairro que carrega em seu nome a história e a herança da antiga fazenda que marcou a ocupação inicial do território. A legislação vigente assegura a preservação dessa identidade e contribui para o desenvolvimento ordenado da área, proporcionando melhores condições de vida para seus habitantes.

f) Paracuri

O bairro Paracuri deve seu nome à tribo indígena que desenvolvia a cerâmica marajoara na região, originando as primeiras olarias ao redor do igarapé de mesmo nome. A produção artesanal do bairro é de grande importância, com vasos indígenas feitos artesanalmente e exportados para diversas partes do mundo, especialmente os estilos Tapajônico e Marajoara.

O bairro abriga o Liceu Escola de Artes e Ofícios do Paracuri "Mestre Raimundo Cardoso", criado na década de 1990 para transmitir e preservar as técnicas de produção dos artefatos cerâmicos. Embora o bairro tenha uma rica tradição artesanal, a urbanização tem ocorrido lentamente, mantendo aspectos bucólicos em plena zona metropolitana. O igarapé que corta o bairro fornece a argila usada na produção dos artefatos.

A população de Paracuri, em sua maioria pobre, tenta viver com dignidade por meio da produção artesanal e do pequeno comércio local. A cerâmica marajoara continua sendo uma importante fonte de renda e identidade cultural para os moradores, que buscam preservar essa tradição enquanto o bairro se desenvolve gradualmente.

g) Parque Guajará

O bairro Parque Guajará deve seu nome ao projeto do Parque Ecológico Guajará, que está localizado na área. Esse bairro encontra-se entre a Rodovia Augusto Montenegro e a Estrada do Tapanã, posicionando-se estrategicamente, em uma região que tem visto um crescimento significativo nos últimos anos.

No bairro, estão localizados diversos conjuntos habitacionais, como Eduardo Angelim, Parque Amazônia, Café Liberal e Tocantins. Esses conjuntos habitacionais proporcionam opções de moradia para diferentes perfis de famílias, contribuindo para a diversidade e dinamismo da comunidade local.

Mesmo sendo um bairro relativamente novo, Parque Guajará vem se desenvolvendo rapidamente, com projetos que visam à melhoria da qualidade de vida dos moradores e a preservação do meio ambiente. A presença do Parque Ecológico Guajará é um fator chave para

o desenvolvimento sustentável da região, proporcionando um espaço verde para lazer e convivência.

h) Ponta Grossa

O bairro Ponta Grossa, segundo algumas versões, recebeu essa denominação por causa do alargamento dos trilhos do trem no trajeto Belém-Icoaraci. Esse detalhe ferroviário histórico marcou o desenvolvimento da região e contribuiu para a definição do nome do bairro.

Dois importantes órgãos previdenciários mantêm postos no bairro para atender ao Distrito de Icoaraci e regiões próximas. Um deles é a agência do INSS (Instituto Nacional de Seguridade Social), representando a Previdência Federal, e o outro é o IPAMB (Instituto de Previdência do Município de Belém), ligado à Prefeitura de Belém. Além disso, o bairro abriga um terminal e depósito de cimento, uma fábrica de juta e outra de sabão, destacando sua diversidade industrial.

O restante do bairro Ponta Grossa é essencialmente residencial, proporcionando um ambiente tranquilo para seus moradores. A combinação de serviços previdenciários, infraestrutura industrial e áreas residenciais faz do bairro um lugar com diversas facetas, atendendo às necessidades tanto dos habitantes locais quanto das regiões adjacentes.

i) Tenoné

O bairro Tenoné deve seu nome à antiga estação de trem do Tenoné, localizada na área. De acordo com a Lei nº 7.806, de 30 de julho de 1996, o bairro compreende a área delimitada pela poligonal que tem início na interseção da rodovia. Essa definição legal estabelece os limites geográficos e administrativos do bairro, contribuindo para uma organização territorial adequada.

Atualmente, o bairro do Tenoné vem perdendo gradativamente seu aspecto rural. Inicialmente, surgiram conjuntos de casas, e mais recentemente, condomínios de prédios têm mudado a paisagem para um aspecto cada vez mais urbano. A chegada de importantes órgãos governamentais aumentou a relevância do bairro e dinamizou o comércio local, contribuindo para o crescimento econômico da região.

Em contraste com esse processo de urbanização, muitos terrenos no bairro foram ocupados irregularmente por famílias de baixa renda em áreas sem saneamento básico, resultando em extensas favelas, especialmente a partir dos anos 80. Esse cenário evidencia a

necessidade de políticas públicas eficazes para melhorar as condições de vida dos moradores e promover um desenvolvimento urbano mais equilibrado e inclusivo.

4.1.6 Bairros que compõem o Distrito Administrativo de Mosqueiro – DAMOS

A falta de informações detalhadas sobre os bairros que compõem o Distrito Administrativo de Mosqueiro (DAMOS) pode ser atribuída a vários fatores. Primeiramente, a documentação e a divulgação de dados sobre áreas periféricas e distritos administrativos são menores, muitas vezes, recebem menos atenção em comparação com regiões centrais e mais desenvolvidas. Isso pode resultar em uma menor quantidade de informações disponíveis publicamente.

Além disso, a infraestrutura e os recursos destinados à coleta e manutenção de dados em áreas como Mosqueiro podem ser limitados. A falta de investimentos em pesquisa e documentação pode contribuir para a escassez de informações detalhadas sobre os bairros do distrito.

A própria natureza das áreas insulares e periféricas pode dificultar a coleta de dados precisos e atualizados. A dispersão geográfica e a diversidade das comunidades locais podem representar desafios adicionais para a obtenção de informações abrangentes e precisas, daí as dificuldades encontradas para mostrar o histórico dos 19 (dezenove) bairros que compõem o Distrito Administrativo de Mosqueiro (DAMOS).

Por fim, tudo o que se conseguiu em termos de informações sobre os bairros que compõem o Distrito Administrativo de Mosqueiro foi fruto de uma entrevista feita com o Senhor Aldo César dos Santos de 54 anos, nativo da ilha, criado com o avô Cermindo Dias Pinheiro oriundo da Colônia Chicano do Tauá, um nômade que morou por toda a região e conhecia-lhe a história e a contava nas rodas de conversa aos vizinhos e amigos, dentre esses, a escutar calado, pois, segundo o Sr. Aldo, “Naquela época, criança só ouvia sem se meter na conversa de adultos”- O menino cresceu ouvindo e reproduzindo as histórias do avô e hoje as reconta usando as expressões do mais velho, mas com o colorido das lembranças adquiridas na infância.

Mapa 11 – Distrito Administrativo de Mosqueiro - DAMOS



Fonte: SEURB, 2010. Base Cartográfica do IBGE, 2010

a) Aeroporto

O bairro Aeroporto deve sua origem à ocupação da área onde estava localizado o antigo aeroporto, uma reivindicação da comunidade local. A pista do aeroporto tornou-se um marco importante na história do bairro, simbolizando a transição de uma área de aviação para um espaço residencial e comunitário. A transformação do antigo aeroporto em um bairro reflete a capacidade da comunidade de se adaptar e reutilizar espaços de maneira criativa e funcional.

Embora as informações sobre o bairro Aeroporto sejam limitadas, é possível imaginar que a presença do aeroporto tenha influenciado o desenvolvimento da infraestrutura local. A pista e as instalações associadas ao aeroporto provavelmente serviram como base para a construção de novas residências e estabelecimentos comerciais, atraindo moradores e investidores para a área. A reivindicação da comunidade pela área do aeroporto demonstra o desejo dos moradores de criar um espaço que atenda às suas necessidades e aspirações.

Hoje, o bairro Aeroporto é um exemplo de como a reutilização de espaços pode

contribuir para o crescimento e a revitalização de uma comunidade. A história do antigo aeroporto continua a ser uma parte importante da identidade do bairro, lembrando os moradores de suas raízes e da importância da colaboração comunitária. O bairro Aeroporto é um testemunho da resiliência e da capacidade de adaptação da comunidade local.

b) Ariramba

Ariramba, uma ave de bico longo que adora as margens dos rios, é o nome dado a este bairro na ilha de Mosqueiro. O nome reflete a forte presença dessas aves na praia local, onde podiam ser vistas em abundância. Historiadores afirmam que este local marca o início da primeira fase de colonização e penetração na ilha de Mosqueiro, sendo um ponto de grande importância histórica.

No passado, o bairro de Ariramba era uma área elevada, situada em um barranco. Esta localização peculiar era o habitat de muitas aves, mas as arirambas eram as que mais se destacavam, voando em revoadas e dominando a paisagem. Os moradores locais se lembram das aves como parte inseparável do cenário natural, contribuindo para a rica biodiversidade da região.

O domínio das arirambas, na verdade, revelava um grande ninhal, que servia de lar para essas aves. A presença constante das arirambas no bairro tornou-se uma característica marcante do local, deixando uma impressão duradoura na história e no coração dos moradores. Essa relação simbiótica entre a ave e o bairro é um testemunho do vínculo profundo entre natureza e comunidade em Mosqueiro

c) Baía do Sol

O bairro Baía do Sol recebeu seu nome devido à sua localização, sendo banhado pela Baía do Sol. Desde tempos antigos, as atividades de pesca sempre foram parte essencial da vida local, sustentando as comunidades originárias, Bacuri e Fazenda. Estas comunidades herdaram técnicas de pesca passadas de geração em geração, mantendo vivas suas tradições e cultura.

Quando os portugueses aportaram na região, foi em uma baía bem em frente ao sol, um local pitoresco e de grande beleza natural. Durante a colonização portuguesa, baía do Sol se tornou uma área estratégica devido à sua posição frente ao oceano, facilitando o acesso a Belém. Este ponto estratégico permitia aos colonizadores portugueses estabelecerem uma conexão eficiente com a cidade, promovendo o desenvolvimento e a integração da área.

Hoje, Baía do Sol é um bairro que celebra sua herança histórica e cultural. As comunidades de Bacuri e Fazenda ainda desempenham um papel importante na preservação das tradições locais, enquanto acolhem as mudanças e o progresso. A combinação de práticas antigas com novas influências resulta em um bairro vibrante e diversificado, onde a história e a modernidade convivem harmoniosamente.

d) Bonfim

O nome do bairro Bonfim origina-se da antiga Granja do Bonfim, que serviu como o ponto de partida para a ocupação da área e a definição de sua identidade. A granja foi um marco na história local, e sua presença influenciou significativamente o desenvolvimento do bairro, tanto em termos de infraestrutura quanto de comunidade.

Com o passar do tempo, quando as autoridades iniciaram a pavimentação e a organização do bairro, notaram a presença de antigos moradores da velha granja ainda residindo no local. Essa continuidade de habitação reforçou os laços da comunidade com suas raízes históricas, mantendo vivas as memórias e tradições associadas à Granja do Bonfim.

Eventualmente, o nome do bairro foi simplificado para Bonfim, refletindo a evolução da área ao longo dos anos. Hoje, Bonfim é um bairro que honra suas origens enquanto se adapta às novas necessidades e desafios da vida moderna. A influência da antiga granja ainda pode ser sentida nas histórias e na cultura local, que celebram a resiliência e a unidade da comunidade.

e) Carananduba

O bairro de Carananduba recebe seu nome da palavra indígena "Caranã-Grande", que significa uma palmeira semelhante ao açazeiro. Seu fruto é utilizado para preparar uma bebida similar ao açaí, e a ocupação da área é tão antiga quanto a própria vila. A história do bairro está intimamente ligada à presença dessas palmeiras, que têm grande importância tanto cultural quanto econômica para a comunidade local.

No período de colonização, era comum avistar muitas dessas palmeiras altas quando as embarcações passavam pela região. Os pescadores da época encontraram uma maneira prática de encurtar a distância entre as áreas de pesca e a vila, utilizando os caranãs como pontos de referência. Essas palmeiras se tornaram essenciais na rotina dos pescadores, facilitando a navegação e a localização dos melhores pontos de pesca.

Ao longo do tempo, a combinação das palavras "caranãs" (referindo-se às palmeiras

altas) e "duba" (que pode estar associada a um lugar onde essas palmeiras são encontradas) formou o nome Carananduba. Hoje, o bairro mantém viva essa conexão histórica com a natureza, valorizando suas origens indígenas e preservando as tradições associadas ao cultivo e uso dos frutos dessas palmeiras. É um exemplo da rica herança cultural e natural que define a ilha de Mosqueiro.

f) Caruara

Caruara é um bairro cuja denominação foi atribuída pela população local e está enraizada na cultura indígena. O nome Caruara significa "duendes que fazem adormecer a quem frequenta sua praia", uma referência às lendas e crenças tradicionais. A praia do Paraíso, encantada pelos duendes, é um local mágico onde os antigos habitantes acreditavam que as criaturas místicas faziam parte do ambiente, induzindo sono em quem por lá passasse.

A crença nos duendes continua viva até hoje na fala dos nativos de Caruara, refletindo a rica herança cultural do bairro. Esta lenda se tornou ainda mais evidente quando houve a abertura da fazenda TABA, pertencente à companhia de aviação Transportes Aéreos da Bacia Amazônica. A fazenda era uma ocupadora antiga de toda a região do Caruara, e sua presença ajudou a consolidar a identidade do bairro e suas histórias místicas.

Hoje, Caruara é um bairro que valoriza sua tradição e seu folclore, mantendo a magia e as lendas vivas nas narrativas dos moradores. A influência dos duendes, parte integrante da história local, continua a ser uma característica distintiva do bairro. As lendas que envolvem Caruara contribuem para a sua singularidade, fazendo dele um lugar especial na ilha de Mosqueiro.

g) Chapéu Virado

O bairro Chapéu Virado recebeu sua denominação dos frequentadores do antigo Mosqueiro. A força dos ventos na região era tão intensa que virava constantemente a aba dos chapéus das pessoas que passavam por ali. Este fenômeno peculiar acabou por dar nome ao bairro, tornando-se uma característica marcante e reconhecida por todos que visitavam ou moravam na área.

Com o tempo, os moradores e frequentadores de Chapéu Virado começaram a dobrar a aba de seus chapéus de propósito, transformando o incômodo causado pelo vento em um símbolo de charme e estilo. Esta prática se tornou tão popular que, ao irem a outros locais da

ilha, as pessoas logo eram identificadas como residentes do Chapéu Virado por conta dessa característica distintiva. Esse detalhe tornou-se uma marca registrada dos moradores do bairro.

Hoje, Chapéu Virado é um bairro que preserva essa tradição única, celebrando a criatividade e o espírito dos antigos frequentadores. A história do bairro reflete a adaptação e o engenho dos moradores, que transformaram uma simples peculiaridade natural em um emblema de identidade local. Chapéu Virado continua a ser um símbolo de orgulho para seus habitantes, mantendo viva a memória e o charme do passado.

h) Farol

O bairro Farol deve seu nome à presença de um farol que orienta os navegadores pela região. Este farol, de grande extensão e um charme especial, sempre foi um ponto de referência importante para os antigos moradores. A Praia do Farol, localizada nas proximidades, era o refúgio predileto dos botos, tornando-se uma parte essencial da identidade do bairro.

A partir do farol, era possível ver quem entrava no rio Pará pela Baía de Santo Antônio, evidenciando sua importância estratégica. Embora a época exata da construção do farol não seja clara, é provável que tenha sido erguido durante o período colonial, dada sua localização estratégica. O farol não só ajudava na navegação, mas também desempenhava um papel crucial na segurança dos navegadores que adentravam a região.

Hoje, o bairro Farol mantém viva a memória de sua história náutica, celebrando o legado do farol e sua influência na comunidade local. A praia, ainda um refúgio para os botos, continua a atrair visitantes e moradores que apreciam sua beleza natural e significado histórico. Além disso, no bairro do Farol, há a Rua Bateria, onde fica o CRAS-FUNPAPA. Esta rua recebeu seu nome porque, em tempos antigos, era onde se encontrava a bateria de guerra, a artilharia bélica para a defesa local antes que qualquer invasor pensasse em chegar a Belém. Farol é um exemplo de como a tradição e a modernidade coexistem harmoniosamente, refletindo a rica herança cultural de Mosqueiro.

i) Mangueiras

O bairro Mangueiras recebeu esse nome devido à abundância de mangueiras que adornam a área, especialmente ao longo da atual Avenida 16 de Novembro, também conhecida como Rua das Mangueiras. Estas árvores majestosas têm sido uma característica marcante do bairro, oferecendo sombra e um ambiente agradável para os moradores e visitantes.

Paralela à Avenida 16 de Novembro está a Rua Dr. Camilo Salgado, que também é rica em mangueiras centenárias. Estas árvores não apenas embelezam o local, mas também são fontes generosas de frutos durante a safra de manga. Andar por essas vias, especialmente pela Rua Dr. Camilo Salgado, é uma experiência encantadora, com o perfume das mangas maduras no ar e a presença imponente das árvores centenárias.

Hoje, o bairro Mangueiras continua a celebrar sua conexão com essas árvores incônicas. As mangueiras são uma parte integral da identidade local, lembrando a todos da riqueza natural e da tradição que caracterizam a área. A presença dessas árvores não embeleza o bairro, mas também serve como um símbolo de continuidade e respeito pela natureza.

j) Maracajá

O bairro Maracajá recebeu sua atual denominação em homenagem ao felino comum na área, o gato maracajá. A principal artéria do bairro, Travessa Maracajá, também carrega esse nome. No passado, o bairro era coberto por densa mata, proporcionando um habitat ideal para esses felinos. A presença dos maracajás tornou-se uma característica marcante do local, refletindo a biodiversidade e a riqueza natural da região.

Antigamente, a Travessa Maracajá servia como limite entre a área urbana e a fábrica Bitar, conhecida por sua produção de pneumáticos. A travessa era uma passagem frequente para os gatos-maracajá, que se moviam livremente pela região. Os moradores locais ainda lembram das pegadas deixadas pelos felinos no caminho e, ocasionalmente, alguns têm a sorte de avistar esses animais enquanto passeiam pelo bairro.

Hoje, o bairro Maracajá preserva a memória dos tempos em que os felinos eram comuns na região. A Travessa Maracajá continua a ser um símbolo do bairro, lembrando os moradores da rica herança natural que define a área. A presença histórica dos gatos-maracajá contribui para a identidade única do bairro, celebrando a ligação entre a comunidade e a natureza.

h) Murubira

O nome do bairro Murubira origina-se de uma tribo indígena que habitava a área, e em sua linguagem, "Murubira" ou "Morobira" significa "homem forte" ou "homem de pedra". Este nome reflete a força e a resiliência dos habitantes originais da região, que viveram em harmonia com a natureza ao longo dos séculos. A presença desta tribo é um marco importante na história do bairro, que mantém viva a memória de seus primeiros moradores.

Durante a época da colonização portuguesa, os colonizadores precisavam construir um farol na área para facilitar a navegação. Ao explorarem a região, encontraram um local adequado, mas perceberam a presença da tribo Murubira. Para evitar confrontos com os indígenas, que não pareciam muito amigáveis, os portugueses decidiram construir o farol o mais distante possível dali. Assim, a área passou a ser conhecida pelo nome da tribo, que também deu nome ao bairro.

Hoje, Murubira é um bairro que honra suas raízes indígenas e celebra a herança cultural dos seus primeiros habitantes. A história do bairro é marcada pela coexistência pacífica entre os colonizadores e a tribo Murubira, um exemplo de respeito mútuo e adaptação. O nome Murubira continua a ser um símbolo de força e resiliência, lembrando a todos da importância de preservar e valorizar as tradições e a cultura da comunidade.

i) Natal do Murubira

O bairro Natal do Murubira surgiu como resultado dos apelos da comunidade local, que desejava uma identidade própria para a área. O bairro é limitado de um lado pelo loteamento Jardim Natal e do outro pelo rio Murubira, sendo atravessado pela Rua Natal do Murubira. Essa localização singular ajudou a definir a identidade do bairro e a diferenciá-lo das outras áreas da ilha de Mosqueiro.

Historicamente, existiam duas comunidades distintas em Natal do Murubira: os nativos ribeirinhos e os veranistas. Para organizar melhor a área e evitar conflitos, foi criada uma rua que separava as duas comunidades. A partir dessa divisão, o loteamento Jardim Natal passou a ser predominantemente ocupado pelos veranistas, enquanto Natal do Murubira permaneceu como o lar dos nativos ribeirinhos, mantendo suas tradições e modo de vida.

Atualmente, Natal do Murubira continua a refletir essa divisão histórica, mas as comunidades coexistem em harmonia, respeitando suas respectivas origens e contribuindo para a riqueza cultural do bairro. A presença do rio Murubira e a conexão com a natureza são aspectos valorizados por todos os moradores, tornando o bairro um exemplo de como a diversidade e a história podem conviver de maneira positiva.

j) Paraíso

O bairro Paraíso recebeu este nome devido à sua associação fácil com um lugar calmo, florescente e de grande beleza natural. Os antigos ocupantes da área foram os responsáveis por

denominar o bairro, refletindo o ambiente sereno e encantador que encontraram. Paraíso é conhecido por sua tranquilidade, proporcionando um refúgio pacífico para os moradores e visitantes.

A fazenda Taba, localizada na ponta da área, desempenhou um papel importante na história do bairro. Durante a década de 1970, a praia de Paraíso era conhecida como uma praia de nudismo, devido à sua localização retirada e original. A distância da praia em relação às áreas mais movimentadas permitia um ambiente reservado, onde as pessoas podiam desfrutar da natureza em sua forma mais pura e autêntica.

Hoje, Paraíso continua a ser um bairro que celebra sua beleza natural e tranquilidade. A herança deixada pelos antigos ocupantes e as lembranças da fazenda Taba ainda são presentes na memória dos moradores. O bairro é um exemplo de como a preservação da natureza e a valorização da história local podem criar um ambiente harmonioso e acolhedor.

k) Porto Arthur

O bairro Porto Arthur deve seu nome ao português Arthur Pires Teixeira, um dos primeiros moradores da área e grande amante das belezas e da paz da ilha de Mosqueiro, no início do século XX. O legado de Arthur Teixeira é evidente na região, começando com a construção do “Chalet Porto Arthur”, um marco significativo que deu início ao desenvolvimento do bairro. Apaixonado pela ilha, Arthur Teixeira também contribuiu com diversas melhorias, incluindo a construção de uma capela, um mercado e um cinema.

As edificações erguidas por Arthur Teixeira ainda existem no bairro, embora tenham sido ampliadas e modificadas ao longo dos anos. Essas estruturas não apenas servem como testemunho da visão e dedicação de Teixeira, mas também como um lembrete constante da rica história e do progresso do bairro. O “Chalet Porto Arthur” foi a primeira construção erguida na Praia do Covão, tornando-se um ponto de referência para a comunidade local.

Posteriormente, a área da Praia do Covão passou a ser conhecida como “Porto Arthur” em homenagem ao grande benfeitor de Mosqueiro, Arthur Pires Teixeira. O bairro continua a celebrar seu passado histórico e a honrar a memória de Teixeira, refletindo sua paixão e amor pela ilha. Porto Arthur é um exemplo brilhante de como a influência de um indivíduo pode moldar e enriquecer uma comunidade, deixando um legado duradouro.

l) Praia Grande

O bairro Praia Grande recebeu seu nome devido aos fenômenos naturais que ocorreram ao longo dos séculos. Grandes enchentes formavam enormes despraiados de seixos rolados, que, por obra da natureza, acabavam por criar uma vasta praia. Com o tempo, moradores começaram a se estabelecer ao redor dessa grande praia, dando origem ao bairro. A Praia Grande, em seu auge, era maior do que as praias do Farol e Chapéu Virado juntas, atraindo muitos visitantes e moradores para a região.

No entanto, com o passar dos anos, o nível da água subiu tanto que a areia foi gradualmente desaparecendo. Esse aumento no nível da água resultou na redução da extensão da praia, tornando-a muito mais estreita do que antes. Atualmente, a Praia Grande conta com uma orla de apenas 70 a 80 metros de largura, mas ainda mantém seu charme e importância histórica para a comunidade local.

Apesar das mudanças na paisagem, o bairro Praia Grande continua a ser um local querido pelos moradores e visitantes. A história e a beleza natural da região permanecem como pontos de destaque, e a comunidade valoriza as memórias e tradições associadas à grande praia que deu nome ao bairro. Hoje, Praia Grande é um exemplo de resiliência e adaptação às transformações naturais, mantendo vivo o espírito de sua história.

m) São Francisco

O bairro São Francisco recebeu seu nome devido à capela do Cemitério de São Francisco, outrora localizada na área. Esta capela, que dava nome à praia, foi assumida pela comunidade, tornando-se um marco importante na região. A presença do cemitério e da capela teve um impacto significativo na formação da identidade do bairro, refletindo a importância desses locais sagrados para os moradores.

Na parte do rio Cajueiro, existia uma área dedicada ao cemitério São Francisco e sua capela. A capela estava situada à beira da estrada, sendo um ponto de referência para os viajantes e moradores locais. Mesmo após muitos anos, o nome São Francisco foi mantido, preservando a história e a tradição associadas ao local. Há relatos de moradores que ainda encontram vestígios do cemitério, como objetos e lembranças, ao explorarem a área.

Hoje, o bairro São Francisco continua a celebrar sua rica herança histórica e cultural. A memória do cemitério e da capela São Francisco permanece viva na comunidade, lembrando a todos da importância de preservar e valorizar o patrimônio histórico. O bairro é um exemplo de

como a história e as tradições podem coexistir com a modernidade, enriquecendo a vida dos moradores e fortalecendo os laços comunitários.

n) Sucurijuquara

O bairro Sucurijuquara deve sua denominação à área cercada pelo Igarapé de mesmo nome, que significa "morada de Sucuriju", um termo de origem Tupi-Guajajara. Esse nome reflete a rica herança cultural e a conexão profunda com as tradições indígenas da região. O igarapé que banha a área é um elemento essencial da identidade do bairro, formando um elo entre a natureza e a comunidade local.

O rio que atravessa Sucurijuquara é estreito, mas possui uma grande profundidade, o que o torna um curso d'água singular na região. De acordo com os nativos, essa profundidade não é obra da natureza, mas sim resultado da passagem de uma grande sucuri que desceu da terra e formou o rio. Esta lenda indígena enriquece a história do bairro, trazendo um elemento místico e simbólico para a paisagem local.

Hoje, Sucurijuquara é um bairro que celebra sua conexão com a natureza e suas raízes indígenas. A presença do igarapé e a lenda da grande sucuri são partes integrantes da identidade do bairro, tornando-o um lugar especial e único na ilha de Mosqueiro. A comunidade valoriza e preserva essas histórias, mantendo vivo o espírito e a tradição dos ancestrais.

o) Vila

De acordo com historiadores, Vila foi o primeiro povoado de Mosqueiro e desempenhou um papel crucial no desenvolvimento da ilha. Este bairro serviu como ponto de chegada e partida para todos os visitantes e moradores, facilitando o fluxo de pessoas e bens pela região. A importância estratégica de Vila ajudou a estabelecer as bases para o crescimento e a prosperidade de Mosqueiro.

Vila é o principal bairro comercial da ilha, diferindo dos bairros de veraneio, que são mais conhecidos por suas praias. A presença de diversas lojas, mercados e estabelecimentos comerciais faz de Vila o coração econômico de Mosqueiro. A infraestrutura comercial do bairro atende às necessidades dos moradores e turistas, garantindo que todos encontrem o que precisam sem sair da ilha.

Curiosamente, o bairro Vila foi criado precisamente para proporcionar acesso às praias de Mosqueiro. A localização central do bairro facilita a movimentação dos visitantes que

desejam explorar as belas praias da região. Hoje, Vila continua a ser um ponto vital na vida econômica e social da ilha, preservando seu legado histórico enquanto abraça a modernidade.

p) Marahú

O bairro Marahú recebeu seu nome por ser um porto onde as antigas embarcações que seguiam rumo a Belém atracavam. As embarcações eram amarradas nos "marás", que eram varas enfiadas na beira dos rios especificamente para esse fim. Essa prática deu origem ao nome do local, que posteriormente foi adotado para o bairro. Marahú reflete a importância histórica do porto como ponto de conexão e passagem para a capital, Belém.

Além do porto, existia também um sítio chamado Marahú e uma praia com o mesmo nome. Esse sítio e a praia eram pontos de encontro e lazer para os moradores e visitantes da região. Com a ocupação e o crescimento da população, o nome Marahú foi mantido, preservando a memória das práticas ancestrais e da importância do local como ponto estratégico e social.

Hoje, Marahú é um bairro que valoriza sua rica herança cultural e histórica. A preservação do nome e das tradições associadas ao porto, ao sítio e à praia reforça o sentido de identidade e comunidade entre os moradores. Marahú continua a ser um lugar que celebra seu passado enquanto se adapta às mudanças e ao desenvolvimento moderno, mantendo viva a conexão com suas origens.

4.1.7 Bairros que compõem o Distrito Administrativo de Outeiro – DAOUT

O Distrito Administrativo de Outeiro – DAOUT é composto por apenas 4 bairros a saber: Água Boa, São João do Outeiro, Itaiteua e Brasília.

Mapa 12 – Distrito Administrativo de Outeiro - DAOUT



Fonte: SEURB, 2010. Base Cartográfica do IBGE, 2010

a) Água Boa

O bairro Água Boa recebeu esse nome devido à presença do igarapé Água Boa e da praia de mesmo nome na área. Essas características naturais foram determinantes para a escolha do nome, refletindo a ligação intrínseca do bairro com seu ambiente aquático e suas belezas naturais.

O igarapé Água Boa e a praia proporcionam um cenário pitoresco, atraindo visitantes e moradores que buscam lazer e contato com a natureza. A presença desses elementos naturais contribui para a identidade do bairro, destacando sua importância ecológica e turística na região. Além das atrações naturais, o bairro Água Boa abriga uma comunidade que valoriza a preservação ambiental e o desenvolvimento sustentável. A harmonia entre o ambiente natural e a vida cotidiana dos moradores faz do bairro um exemplo de convivência respeitosa com a natureza.

b) Brasília

O bairro Brasília tem sua origem na antiga posse Sítio Redentor, que sofreu uma ocupação espontânea nos últimos anos. A comunidade local, ao se estabelecer na área, decidiu denominar o bairro de Brasília, em referência à capital do país.

Essa ocupação recente transformou a paisagem do Sítio Redentor, que passou a ser habitada por uma população que buscava um lugar para se estabelecer e construir suas vidas. As características do bairro refletem essa ocupação espontânea, com construções residenciais e a formação de uma comunidade coesa.

Com o tempo, o bairro Brasília vem se desenvolvendo e ganhando infraestrutura, proporcionando melhores condições de vida para seus moradores. Apesar de ser uma comunidade recente, a identidade do bairro está fortemente ligada à história de ocupação e à luta por um espaço para viver dignamente.

c) Itaiteua

O bairro Itaiteua, localizado no distrito de Outeiro em Belém, tem suas raízes históricas quando várias de suas áreas serviam como cemitérios para os indígenas, antes mesmo da fundação de Belém. A colonização de Outeiro começou em 1893 com o assentamento de retirantes de vários países. Tradicionalmente, a população atribuiu o nome Itaiteua, que em tupi significa "lugar de pedras ou metais grandes", refletindo a importância geográfica e cultural da região.

Segundo a Lei nº 7.806, de 30 de julho de 1996, o bairro Itaiteua compreende a área envolvida pela poligonal que tem início na interseção do Rio Maguari com o Igarapé Itaiteua. Essa delimitação legal define os limites territoriais do bairro, proporcionando uma organização administrativa e urbana adequada para o desenvolvimento da comunidade.

O bairro Itaiteua é um exemplo da rica herança cultural e histórica de Belém. Sua denominação revela a ligação profunda com as tradições indígenas e a geografia local. Com o tempo, Itaiteua continua a se desenvolver, preservando suas raízes e integrando-se ao tecido urbano da cidade de Belém.

d) São João do Outeiro

O bairro São João do Outeiro deve seu nome à antiga posse São João de Outeiro e às suas características físicas e geológicas, marcadas por muitas falésias em sua orla. Esse bairro central da ilha de Caratateua desempenha um papel significativo na história e na formação da identidade da região, sendo conhecido informalmente como Outeiro.

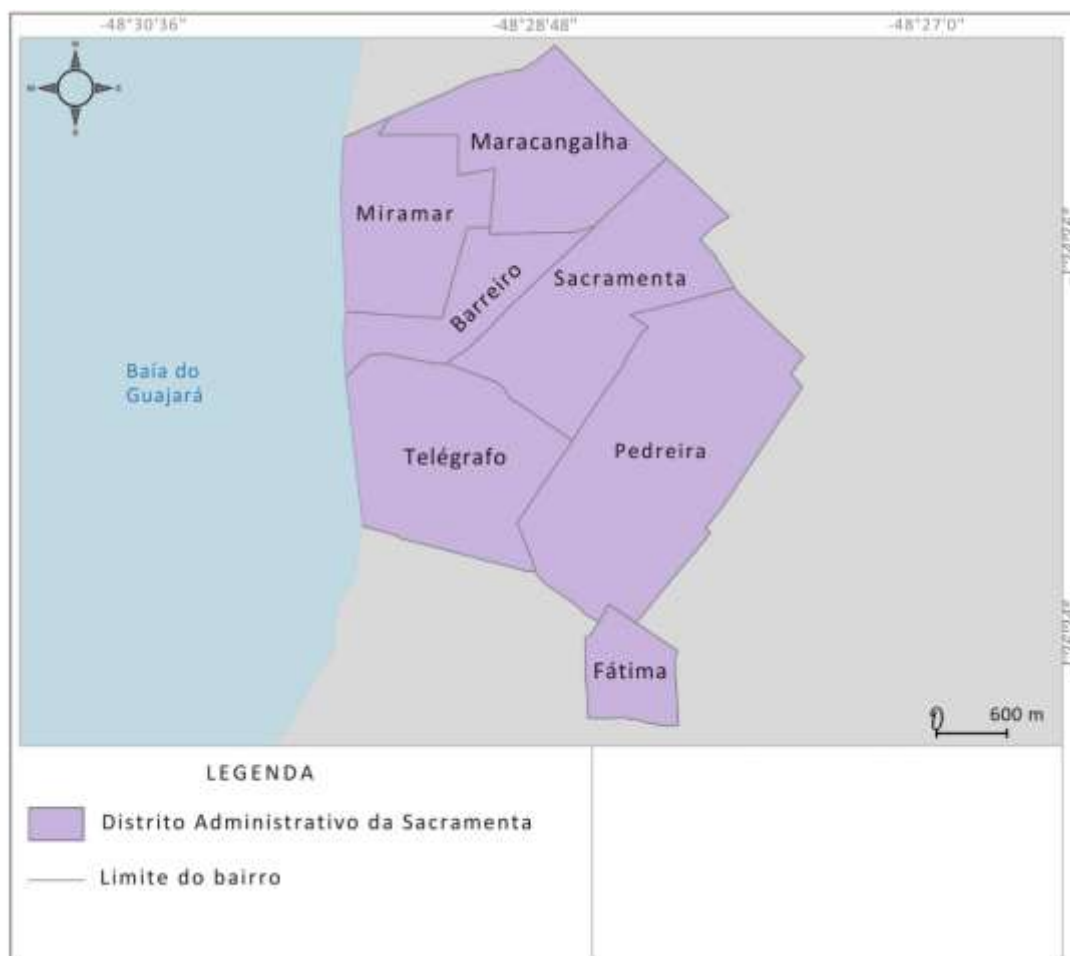
As falésias que compõem a orla do bairro são um dos seus traços mais distintivos, conferindo um cenário natural impressionante que atrai visitantes e enriquece a paisagem local. Essa formação geológica única destaca-se como um elemento importante para a definição do bairro e reflete a interação entre a comunidade e o meio ambiente.

Além de suas características geográficas, São João do Outeiro é um centro vital para a ilha de Caratateua, abrangendo áreas residenciais e comerciais que sustentam a vida cotidiana dos moradores. A conexão histórica e a beleza natural do bairro fazem dele um lugar especial e fundamental para a comunidade local.

4.1.8 Bairros que compõem o Distrito Administrativo da Sacramento – DASAC

São em número de 7 (sete) os bairros que compõem o Distrito Administrativo da Sacramento – DASAC e a maior parte destes está na microbacia hidrográfica do Una, sendo entrecortado por diversos afluentes da Baía de Guajará.

Mapa 13 – Distrito Administrativo da Sacramento - DASAC



Fonte: SEURB, 2010. Base Cartográfica do IBGE, 2010

a) Barreiro

O bairro Barreiro tem sua origem ligada à grande quantidade de barro que era extraída da área no passado. O nome "barreiro" se refere a um lugar onde existe barro ou de onde se retira o barro. Além disso, o termo também pode ser utilizado para descrever um terreno salitroso onde o gado e animais de caça se nutrem de sal, ressaltando a importância histórica e econômica do barro na região.

A extração de barro no bairro Barreiro contribuiu para o desenvolvimento da área e, ao longo do tempo, tornou-se um elemento característico do local. Essa prática moldou a paisagem e a cultura da comunidade, deixando um legado significativo que ainda é lembrado pelos moradores.

Hoje, o bairro Barreiro continua a preservar sua identidade histórica enquanto se desenvolve e se integra ao contexto urbano de Belém. O conhecimento popular sobre a origem

do bairro serve como um testemunho da relação íntima entre a comunidade e seu ambiente natural, refletindo a importância do barro tanto para a economia quanto para a cultura local.

b) Fátima

O bairro Fátima, inicialmente conhecido como Alto do Bode, recebeu esse nome devido à origem de um ponto elevado da cidade onde portugueses criavam bodes. Esse nome, entretanto, era pouco conhecido pelos moradores. Durante as décadas de 1960 e 1970, a região possuía uma grande quantidade de matagal, o que levou os moradores a chamarem o bairro de Matinha.

Com o tempo, e especialmente após a conclusão das obras do Santuário de Fátima, o bairro passou a ser chamado de Fátima. A construção do santuário foi um marco importante para a comunidade, consolidando o novo nome e refletindo a transformação do bairro em um local mais desenvolvido e organizado.

Hoje, o bairro Fátima é conhecido por sua história rica e pelas mudanças que moldaram sua identidade ao longo dos anos. A transição de Alto do Bode para Matinha e, finalmente, para Fátima, demonstra a evolução da área e a influência significativa do Santuário de Fátima na definição do bairro.

c) Pedreira

O bairro Pedreira foi o local escolhido pelo brigadeiro Francisco Andrea para o desembarque das tropas imperiais que iriam combater os rebeldes cabanos que haviam tomado Belém. Esse fato histórico marcou a região como um ponto estratégico durante a Revolta dos Cabanos, destacando a importância militar do bairro naquele período conturbado da história brasileira.

O nome Pedreira está supostamente ligado às pedras que existiam nas imediações, refletindo a geografia do local. Originalmente, o bairro era chamado de Pedreira do Guamá, em referência à proximidade com o rio Guamá e às características geológicas que definem a região. A abundância de pedras na área deu origem à denominação que persiste até hoje.

Com o passar dos anos, o bairro Pedreira evoluiu e se transformou em uma área urbana vibrante, mantendo sua relevância histórica e cultural. A combinação de seu passado estratégico e suas características geográficas únicas continua a moldar a identidade do bairro, tornando-o um lugar especial dentro da cidade de Belém.

d) Maracangalha

Maracangalha é um bairro localizado em Belém, conhecido por sua rica história e biodiversidade. O nome "Maracangalha" tem origem indígena e é formado pelas palavras "mara" (mancha), "acanga" (cabeça) e "ayra" (pequenino), referindo-se a um pequeno macaco com uma mancha na cabeça que habita as matas ao redor do aeroporto Val-de-Cans. Este bairro é um exemplo de como a cultura e a natureza se entrelaçam na formação dos nomes e identidades locais.

A região de Maracangalha é caracterizada por sua vegetação densa e fauna diversificada. As matas ao redor do aeroporto são um refúgio para várias espécies de animais, incluindo o macaco que dá nome ao bairro. Além disso, a área é importante para a manutenção do equilíbrio ecológico e serve como um lembrete da importância da preservação ambiental em áreas urbanas.

Maracangalha também é um ponto de interesse cultural e histórico. A influência indígena no nome do bairro reflete a presença e o legado das comunidades indígenas na região. Além disso, a proximidade com o aeroporto Val-de-Cans torna Maracangalha um local estratégico e de fácil acesso, o que contribuiu para o desenvolvimento econômico e social da área. A combinação de natureza, história e cultura faz de Maracangalha um lugar único em Belém.

e) Miramar

Miramar é um bairro de Belém que possui uma história marcada pela presença de importantes infraestruturas energéticas. O nome "Miramar" se originou a partir do complexo de Usinas de Luz, anteriormente conhecido como Pará Elétrica / Força e Luz. Esse complexo desempenhou um papel crucial no fornecimento de energia para a cidade, contribuindo significativamente para o seu desenvolvimento econômico e social. A presença da Usina de Miramar, utilizada como porto de descarga de petróleo e derivados, reforça a importância estratégica do bairro na logística e distribuição de recursos energéticos.

A história de Miramar está intimamente ligada ao crescimento industrial e urbano de Belém. O complexo de Usinas de Luz e a Usina de Miramar representaram avanços tecnológicos e infraestruturais que impulsionaram a modernização da cidade. A localização estratégica do bairro, próxima a importantes vias de acesso e ao porto de descarga, facilitou a

movimentação de produtos e recursos, tornando Miramar um ponto chave para o desenvolvimento regional.

Além de sua relevância econômica e histórica, Miramar também se destaca por sua importância social. O bairro, ao longo dos anos, tornou-se uma área residencial e comercial vibrante, oferecendo qualidade de vida e serviços essenciais para seus moradores. A combinação de história, infraestrutura e desenvolvimento urbano faz de Miramar um bairro emblemático e significativo na cidade de Belém.

f) Sacramenta

O bairro da Sacramenta teve sua origem por volta dos anos 1920 e seu nome provém da antiga rampa da Sacramenta, localizada às margens da Baía do Guajará. Originalmente pensado como um bairro residencial, foi construído sobre terrenos alagadiços e começou a se desenvolver urbanisticamente com a instalação de empresas como FACEPA, Gelar, Saveiro e Guaraná Simões, que produzia suas próprias garrafas. A primeira rua do bairro foi a Pedro Miranda, por onde a linha de ônibus passava até a Travessa Lomas Valentina, levando os trabalhadores ao centro da cidade.

O desenvolvimento urbano da Sacramenta foi impulsionado pela presença dessas indústrias, que contribuíram para a economia local e o crescimento do bairro. A expansão das linhas de transporte público facilitou o deslocamento dos moradores e trabalhadores, integrando a Sacramenta ao restante da cidade de Belém. Este período de crescimento também trouxe melhorias na infraestrutura, proporcionando melhores condições de vida aos residentes.

Durante a ditadura militar e, especialmente na década de 1980, a Sacramenta se destacou como um dos bairros mais mobilizados em movimentos sociais urbanos. A população local lutava por melhores condições de vida na periferia, demonstrando um forte senso de comunidade e engajamento social. Esses movimentos tiveram um papel fundamental na conquista de direitos e na melhoria das condições de vida dos moradores da Sacramenta, refletindo a força e a resiliência da sua população.

A análise detalhada dos bairros de Belém revela não apenas a diversidade toponímica existente na cidade, mas também a riqueza histórica e cultural que permeia esses nomes. Ao examinar as motivações, origens e características dos topônimos presentes nos diferentes distritos administrativos, o capítulo evidencia como esses elementos podem ser transformados em potenciais recursos educacionais e culturais. Nesse sentido, emerge a necessidade de uma ferramenta didática inovadora que dê vida a esses conteúdos, permitindo que alunos,

professores e a comunidade em geral explorem a toponímia de forma acessível e envolvente.

A transição para o Capítulo V se dá naturalmente a partir dessa valorização dos nomes dos bairros como instrumentos de identidade local e conhecimento histórico. Assim, a criação de um aplicativo tecnológico surge como resposta prática e pedagógica à pesquisa, conectando teoria e ação ao promover o ensino da Língua Portuguesa por meio da toponímia belenense.

CAPÍTULO V

BNCC APLICADA AO TECNOLÓGICO

5.1 A Tecnologia na BNCC: Cultura Digital e Inovação na Educação Contemporânea

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece a tecnologia como um elemento estruturante da educação contemporânea, integrando-a de forma transversal às áreas do conhecimento e às competências gerais da Educação Básica. Longe de ser apenas uma ferramenta, a tecnologia é concebida como um componente essencial para o desenvolvimento integral dos estudantes, promovendo a cultura digital e preparando-os para os desafios da sociedade conectada.

Entre as dez competências gerais estabelecidas pela BNCC, destaca-se a **Cultura Digital**, que enfatiza a importância de compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de maneira crítica, significativa, reflexiva e ética. Essa competência incentiva o uso das tecnologias como instrumentos para a aprendizagem, comunicação, produção de conhecimento, resolução de problemas e exercício do protagonismo estudantil.

A BNCC propõe uma articulação entre os recursos tecnológicos e os demais saberes escolares, considerando os contextos sociais, culturais e históricos em que os estudantes estão inseridos. Nesse sentido, busca-se desenvolver habilidades relacionadas ao pensamento computacional, à linguagem de programação, à análise de dados e ao uso ético e responsável das tecnologias digitais.

No âmbito da **Educação Infantil**, a BNCC também contempla o uso da tecnologia, ressaltando seu papel no enriquecimento das experiências das crianças. As tecnologias digitais podem promover a interação, a exploração do mundo e a construção de conhecimento, desde que equilibradas com atividades fundamentais como o brincar, o contato com a natureza e as relações interpessoais. Além disso, contribuem para o desenvolvimento da autonomia e da criatividade dos pequenos.

A interação com recursos digitais torna o processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico e envolvente, favorecendo o engajamento dos estudantes e a retenção da atenção. Essa conexão entre os conteúdos escolares e a realidade dos alunos promove uma aprendizagem mais significativa. O uso consciente da tecnologia pode estimular competências como o raciocínio lógico, a resolução de problemas e o trabalho colaborativo, além de facilitar o acesso à informação e aprimorar a comunicação entre alunos, professores e famílias.

Para que a integração da tecnologia à prática pedagógica ocorra de forma eficaz, é

fundamental que os professores estejam preparados e engajados. A formação continuada, o domínio de diferentes ferramentas digitais e a capacidade de adaptar as estratégias de ensino ao contexto dos estudantes são aspectos essenciais. O uso intencional e pedagógico da tecnologia pode potencializar a aprendizagem e contribuir para a formação de cidadãos críticos, criativos e preparados para a sociedade contemporânea.

Sob a perspectiva construtivista de **Jean Piaget**, o conhecimento é construído por meio da ação e da experiência. Essa abordagem dialoga com os princípios da BNCC ao valorizar o protagonismo dos estudantes e o uso de tecnologias como mediadoras da aprendizagem ativa. Piaget acreditava que as crianças desenvolvem suas habilidades cognitivas ao se engajarem em experiências práticas, o que inclui o contato com recursos tecnológicos que estimulem a exploração e a construção do conhecimento (Saxena *et al.*, 2020).

A inserção de tecnologias digitais no ambiente educacional possibilitou a criação de espaços de aprendizagem mais interativos e personalizados. Plataformas de ensino online, softwares educacionais, realidade virtual e aumentada, e recursos multimídia tornaram-se ferramentas fundamentais para a inovação pedagógica. A relação entre tecnologia e inovação é intrínseca: enquanto a tecnologia viabiliza novas práticas educativas, a inovação impulsiona o uso estratégico desses recursos para aprimorar o processo de ensino-aprendizagem.

Apesar dos inúmeros benefícios, o uso da tecnologia na educação também apresenta desafios, como a dependência digital e a necessidade de capacitação contínua dos docentes. Tecnologias como vídeos educativos, jogos pedagógicos e simulações virtuais facilitam a compreensão de conceitos complexos e tornam o aprendizado mais envolvente. Além disso, plataformas digitais democratizam o acesso ao conhecimento, contribuindo para a redução das desigualdades educacionais.

Ferramentas adaptativas permitem identificar as necessidades individuais dos alunos, oferecendo um ensino sob medida. O uso de tecnologias em sala de aula estimula habilidades essenciais para o século XXI, como pensamento crítico, criatividade, colaboração e comunicação. Ao explorar recursos digitais, os estudantes desenvolvem maior autonomia, aprendem a gerenciar seu próprio ritmo de estudo e se preparam para o uso profissional e cotidiano das tecnologias.

O uso das tecnologias na educação deve ser concebido como um complemento às práticas pedagógicas tradicionais, fortalecendo o papel do professor como mediador do conhecimento. Nesse contexto, o aplicativo digital desenvolvido nesta tese alinha-se diretamente às diretrizes da BNCC, ao promover a cultura digital, estimular o protagonismo estudantil e favorecer o desenvolvimento de competências como o pensamento crítico, a

resolução de problemas e a autonomia. Por meio de recursos interativos, personalizados e acessíveis, o aplicativo contribui para tornar o processo de ensino-aprendizagem mais significativo, conectando os conteúdos escolares à realidade dos estudantes e ampliando as possibilidades de inovação pedagógica. Assim, a proposta tecnológica apresentada não apenas responde às demandas contemporâneas da educação, como também materializa os princípios da BNCC em práticas concretas e transformadoras.

5.2 A importância da tecnologia para a educação

No cenário educacional moderno, a tecnologia emergiu como uma força poderosa, redefinindo completamente a maneira como a aprendizagem acontece. Desde a ascensão dos computadores pessoais até a proliferação de dispositivos móveis e aplicativos educacionais, a integração da tecnologia na sala de aula tem sido um catalisador para a mudança positiva.

Os softwares educacionais desempenham um papel crucial nesse processo, oferecendo ferramentas interativas e adaptativas que atendem às necessidades individuais dos docentes e dos discentes.

Dentro do escopo atual deste estudo, a criação tecnologia de um aplicativo desempenha um papel fundamental no apoio ao ensino da taxonomia e lexicografia, duas áreas essenciais para a compreensão e estruturação da linguagem. A tecnologia oferece ferramentas avançadas para a organização e classificação de informações. Isso é crucial na taxonomia, que se preocupa em categorizar e classificar elementos em grupos significativos.

O aplicativo toponímico criado visa produzir mnemônicos² simples para a obtenção do conteúdo proposto, através da orientação em estilos visuais nos mapas, conteúdos disponibilizados através das áreas de estudo e reforço à revisão e fixação através da “gamificação” do processo de provas por meio do quiz, estes fatores visam tornar a dinâmica de habituar o aluno aos testes avaliativos em um processo assertivo.

5.3 Material didático em interface com a tecnologia: o letramento escolar como prática mediadora

Nesta seção, apresentamos uma discussão acerca de materiais didáticos a partir da tecnologia e suas contribuições para o letramento escolar. É, com isso, um momento importante

² Nome relativo à memória, que serve para desenvolver a memória e facilitar a memorização; fácil de ser lembrado, de fácil memorização.

ao entedimento deste trabalho, considerando que o letramento escolar é evidenciado junto à proposta.

5.3.1 Materiais Didáticos (ferramenta tecnológica)

Estamos chamando de Materiais Didáticos todas as ferramentas utilizadas para viabilização das práticas de ensino e de aprendizagem em sala de aula. Nesse caso, desempenham função catalisadora, uma vez que colaboram para o desenvolvimento de práticas de leitura, escrita, compreensão e interpretação da linguagem para além dos muros escolares (Rojo, 2008; Rojo, 1998; Rojo, 1995).

O termo “catalisação” está sendo empregado neste trabalho a partir da sua acepção nos estudos aplicados da linguagem. Este, por sua vez, indica a natureza potencializadora dos Materiais Didáticos, uma vez que podem agilizar o processo de letramento escolar junto aos alunos. Em outras palavras, funcionam como ferramentas pedagógicas que, uma vez bem utilizadas, conseguem ampliar as práticas de leitura, compreensão e interpretação de textos de múltiplas linguagens, sendo, pois, essenciais às práticas de letramento (Pereira, 2016; Signorini, 2006).

Assim, os Materiais Didáticos são vistos como ferramentas pedagógicas diretamente associadas às práticas de letramento escolar. Este, por sua vez, é visto nesta tese como uma ramificação dos estudos do letramento que problematiza a função social do saber construído dentro da escola enquanto entidade ideológica. Em outras palavras, trata-se de uma perspectiva linguístico filosófica de entendimento das práticas sociais desenvolvidas no contexto da escola básica, em que os saberes (re) construídos são vistos como indicativos da origem cultural e social do aluno (Silva, 2012).

Nesta perspectiva, a tecnologia apresenta-se como eixo basilar ao entendimento das práticas sociais, especialmente na realidade do séc. XXI, em que os saberes tecnológicos passam a ser figurativizados como pilares para o ensino. Isso porque a escola tem procurado se adaptar às condições da sociedade emergente, em que o saber tecnológico passa a ser considerado essencial à sobrevivência coletiva (Andrade, 2011; Nunes, 2015).

A importância da tecnologia na elaboração de materiais didáticos tem sido bastante discutida no âmbito da investigação científica. Isso porque a linguagem tecnológica abre um leque de possibilidades de sugestões a serem aplicadas na sala de aula. Nesse sentido, pensar o letramento escolar a partir desta ferramenta pedagógica é, contudo, considerar desde a elaboração deste material até a sua execução, o que reforça o princípio do letramento como

processo, prática social. Isso, por sua vez, deve ser planejado, uma vez que, para fins de pesquisa, o resultado obtido é tão importante quanto o procedimento de elaboração e aplicação da ferramenta (Rojo, 2008; Rojo, 1998; Rojo, 1995).

5.3.2 Construção de Materiais Didáticos para o Ensino de Língua Materna

No que se refere à elaboração de materiais didáticos para o ensino de língua materna, é importante levar em consideração aspectos sociais e culturais deste aluno que fará uso da referida ferramenta. Em outras palavras, é importante que o docente entenda o seu aluno, saiba de onde vem e o contexto de vida que o educou para, com isso, dar início à elaboração deste material. Trata-se, portanto, de uma premissa basilar ao sucesso de aplicação da ferramenta tanto no sentido cognitivo, quanto no sentido pedagógico (Rojo, 2008; Rojo, 1998; Rojo, 1995).

Quando nos referimos ao sucesso cognitivo do material didático estamos nos referindo ao seu poder catalisador, o qual já mencionamos na subseção anterior. Trata-se, portanto, da tentativa de desempenho das habilidades ligadas à prática de leitura, escrita e interpretação da Língua Portuguesa. Portanto, o material deve oferecer condições de construção de sentidos que possam colaborar no entendimento do aluno acerca do seu próprio contexto de vida. Neste caso, estamos nos referindo ao favorecimento das práticas de letramento escolar, uma vez que isso deve levar o aluno a entender o mundo fora da escola, especialmente os domínios sociais que costuma frequentar de maneira mais assídua (Rojo, 2008; Rojo, 1998).

Já no que compete ao sucesso pedagógico, estamos nos referindo aos aspectos formativos de natureza ativa que o material didático deve permitir ao aluno. Em outras palavras, é necessário que o aluno tenha condições de se formar a partir da autonomia e da sua posição enquanto protagonista, o que significa dizer que há uma necessidade de colaborar para a formação de um discente mais crítico e reflexivo acerca do seu próprio uso linguístico. Dessa forma, a tecnologia exerce função precípua na libertação de pensamento do aluno, uma vez que o coloca em contato direto com o universo extraescolar a partir de uma relação de causa e efeito (Rojo, 1995).

Elaborar um Material Didático a partir dos saberes toponímicos nos ajuda a pensar justamente a partir desta proposta. Isso porque os topônimos que foram utilizados na elaboração do aplicativo descrito nesta tese fazem parte da região belenense em que os participantes de pesquisa vivem e se relacionam. Logo, refletem diretamente o contexto social e cultural deste aluno, que tende a se reconhecer neste material didático.

5.3.3 Toponímia em Materiais Didáticos: aplicativo tecnológico

A presença da Toponímia na elaboração de materiais didáticos ainda é algo que está sendo paulatinamente discutido e ampliado. Por ora, podemos dizer que existe um número pequeno de pesquisas acadêmicas que problematizam esse tipo de objeto de investigação, principalmente quando pesquisamos acerca da relação entre Toponímia e ensino a partir de usos de ferramentas digitais (Andrade, 2012; Andrade, 2011; Nunes, 2015).

Neste caso, estamos falando especificamente da tecnologia na elaboração destes materiais, o que muito tem relação com a linguística de corpus e com os estudos sobre letramento digital aplicados à realidade escolar. Estes Materiais Didáticos apontam para indicadores geoespaciais que podem ajudar na compreensão geográfica, mas sobretudo no entendimento dos valores históricos e culturais que ajudam na construção da anatomia linguística.

No caso desta tese, o aplicativo tecnológico que foi proposto nesta investigação parte do princípio de que facilitará tanto o trabalho do professor, com relação aos estudos sobre as várias disciplinas ligadas ao ensino da Língua Portuguesa, quanto para o aluno que, de formas lúdicas, navegará pelo aplicativo criado, buscando praticamente por si, o conhecimento sobre sua terra natal.

5.4 Desenvolvimento e criação do aplicativo digital

Dada a importância crescente da tecnologia para o desenvolvimento da sociedade atual, surgiu a necessidade de criar uma ferramenta que atendesse às demandas educacionais de forma simples, promovendo o engajamento dos alunos por meio da curiosidade e da exploração. Esses fatores foram fundamentais para a idealização de um aplicativo — uma plataforma virtual que pode ser desenvolvida para dispositivos móveis, desktops e a web, sendo essa possibilidade incorporada durante o processo de desenvolvimento.

A pesquisa inicial destacou a relação entre o uso de eletrônicos, especialmente mapas e guias, e a forma como estes moldam a navegação pelas cidades, facilitando e agilizando o deslocamento dos usuários. Embora essa tecnologia traga inúmeros benefícios, ela pode ser expandida para o campo educacional, associando o conhecimento histórico e lexicográfico aos aspectos de navegação anteriormente mencionados. Esse conceito orientou a estrutura do aplicativo, que visa criar uma simulação das aplicações de navegação com um foco educacional.

Com a ideia inicial definida, teve início o processo de prototipação do aplicativo, no

qual uma visão gráfica foi desenvolvida, de modo a tornar visível o escopo do projeto e assegurar características de design de projeto, cruciais para todo o futuro desenvolvimento. Para tal feito, foi utilizado o software Figma, em associação com o estudo de requisitos definidos pelo cliente, gerando a necessidade de alguns fatores, como o design minimalista e o foco nas informações.

Figura 5 – Capa do Protótipo



Fonte: Figma, 2024

Figura 6 – Menu Distrital



Fonte: Figma, 2024

Figura 7 – Menu de Opções

Fonte: Figma, 2024

Figura 8 – Visão Mapa

Fonte: Figma, 2024

Com o protótipo finalizado, as características essenciais como: A apresentação de “Cards” (Cartões contendo informações) distribuídos através dos mapas como o foco do aplicativo foram definidas e foi iniciado o processo de programação do aplicativo.

5.4.1 Programação do aplicativo digital

Para atender as necessidades multiplataforma dos usuários, viu-se como necessária a utilização de uma linguagem de programação e subseqüentes bibliotecas de código que pudessem entregar uma experiência adequada de forma híbrida.

Visando que os aspectos definidos na elaboração anterior sejam atendidos em conjunto com um desenvolvimento multiplataforma, se viu como necessária a utilização de uma linguagem de programação e subseqüentes bibliotecas de código que pudessem entregar uma experiência adequada de forma híbrida. Ao se verificar estes requisitos, foi iniciada a programação na linguagem “Dart”, com adição da biblioteca Flutter, ambos voltados à criação de aplicações móveis e *Desktop*.

Figura 9 – Arquivo de desenvolvimento inicial

```

1 // ignore_for_file: unused_import
2
3 import 'package:flutter/material.dart';
4 import 'package:ipqessenoma/Screens/Quiz/Add_quiz.dart';
5 import 'screens/landing.dart';
6 import 'package:flutter_native_splash/flutter_native_splash.dart';
7
8 Run [Debug] Profile
9 void main() {
10   runApp(const MyApp());
11 }
12
13 You, 11 months ago | 1 author (0)
14 class MyApp extends StatelessWidget {
15   const MyApp({super.key});
16   @override
17   Widget build(BuildContext context) {
18     return const MaterialApp(
19       debugShowCheckedModelBanner: false,
20       title: 'Por que Esse Nome',
21       home: Landing(),
22     ); // MaterialApp
23 }

```

Fonte: Autoria própria, 2024

Em primeira análise, o foco às funções centrais tornou a jornada de criação centrada em aplicar os conceitos propostos de modo fluído, em detrimento da adição de uma quantidade maior de possibilidades, que reduziriam o aspecto conciso, e tornariam o ciclo de feedback desnecessariamente longo.

Em segunda análise, tal modo de construção trouxe à tona, de forma natural, funções adjacentes aos conceitos centrais, como a presença de testes rápidos para verificar a eficácia do método de ensino presente, além da presença de premiações que visam estimular a melhoria e a criação do hábito durante a utilização. O desenvolvimento destes fatores provou-se uma tarefa de alto valor para o projeto como um todo.

Figura 10 – Menu de Tópicos



Fonte: Autoria própria, 2024

5.4.2 Utilização do aplicativo digital

Durante o processo de utilização do aplicativo, o aluno pode escolher começar diretamente através do botão “começar”, que o levará aos distritos, onde terá a opção de aprender sobre cada um dos locais, suas lexicografias, suas toponímias e suas taxonomias. Além destas, há a opção “Mapa”, função principal do aplicativo, no qual é possível navegar através do distrito selecionado, encontrando seus bairros como pontos geográficos a serem visitados, com suas imagens, curiosidades e histórias.

Além destas opções, o aluno pode iniciar com o botão “tutorial”, no qual será guiado através das diversas opções do aplicativo de modo interativo, com explicações concisas sobre o que irá encontrar em cada local e em cada opção.

Para finalizar, há a opção “medalhas”, que irá abrigar o espaço para as conquistas em cada um dos testes “Quiz”, presente em cada um dos distritos. O aluno terá a opção de enfrentar estes testes em qualquer momento, sendo incentivado à maestria através de um sistema de ranking e de tempo obtidos ao final de cada teste. Para as eventuais falhas e pontuações médias, há a presença de mensagens encorajadoras, para estimular o aluno à tentar novamente, de forma a obter pontuações sempre melhores e aprofundar seu conhecimento.

Figura 11 – Capa do Aplicativo

Fonte: Arquivo de Demonstração Flutter, 2024

5.4.3 Manual de Utilização

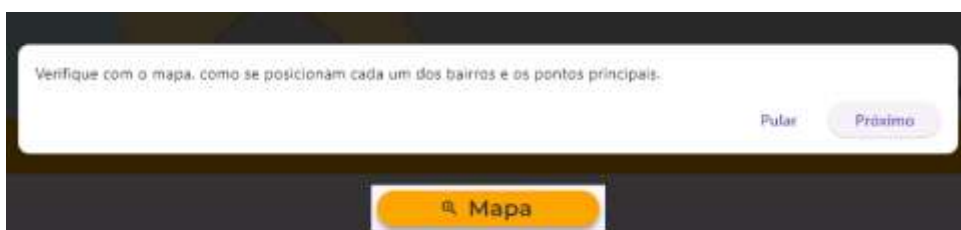
O aplicativo está disponível digitalmente, através do endereço web: <https://pqessenomewebapp.web.app/>. O mesmo pode ser acessado em tela cheia na aba do navegador, porém seguindo o formato “Mobile” algumas informações serão mais facilmente encontradas, é possível realizar as seguintes funcionalidades:

- Começar.
- Medalhas.
- Tutorial.

Figura 12 – Tela inicial

Fonte: Aplicativo Digital, 2025

Destas opções, é recomendado acessar o tutorial, uma instrução das funcionalidades presentes no aplicativo:

Figura 13 – Tutorial

Fonte: Aplicativo Digital, 2025

Abrindo-a, surgirão diversas dicas de como alcançar e utilizar áreas do aplicativo. Dentro deste o exemplo utilizado é do menu principal da região DABEL.

Retornando a tela inicial, as demais opções serão exibidas dentro do botão “COMEÇAR”, que exibirá os demais distritos, além da opção Taxonomias. Recomenda-se explorar os distritos primeiro, o exemplo utilizado será “DABEL”. Ao se clicar nesta opção, serão exibidas as diversas opções disponíveis para o mesmo:

- Mapa.
- Quiz.

- Lexicografias.
- Taxonomias.
- Topônimos.

Figura 14 – Menu DABEL



Fonte: Aplicativo Digital, 2025

Todos os distritos seguem este formato, contendo os mesmos recursos e opções, com seu conteúdo relevante sendo referente ao distrito atual. A opção “Mapa” é a mesma exibida no menu de tutorial, ao acessa-la, é exibido um mapa da região, que pode ser controlado através de cliques simples.

Figura 15 – Mapa DABEL

Fonte: Aplicativo Digital, 2025

Neste, ao clicar nos pontos marcados com a logo do aplicativo, encontram-se informações resumidas sobre o local, além da opção “Ver Mais”, que levará o usuário a área específica do bairro, contendo descrições maiores sobre cada aspecto anterior.

Figura 16 – Informações do Bairro Umarizal

Fonte: Aplicativo Digital, 2025

Após a exploração do mapa e subsequentes detalhes, é possível retornar ao menu do distrito para acessar as demais opções.

Ao acessar a opção “Lexicografias”, encontra-se a presença de todos os bairros, que podem ser abertos para a exibição de informações sobre a origem de seu nome.

A opção “Topônimos” segue o formato anterior, para que suas informações (relacionadas a cada um dos topônimos estudados), sejam absorvidas através da associação, o topônimo apresentado pertencente ao bairro do distrito solicitado.

Para finalizar a opção Quiz, é recomendado que seja acessada após as outras, para que todos os conhecimentos presentes estejam sob domínio antes de serem testados.

Figura 17 – Quiz Lexicográfico DABEL



Fonte: Aplicativo Digital, 2025

Ao finalizar o quiz, a nota alcançada será exibida por meio de estrelas e uma medalha, parabenizando a pontuação máxima no tempo dado. Pontuações menores e eventuais falhas serão incentivadas a tentar novamente através de uma mensagem de apoio. A última pontuação alcançada está disponível na aba “MEDALHAS” do menu principal do aplicativo.

Finalizadas as opções do menu específico de distrito, é possível acessar no menu contendo todos os distritos, a opção “TAXONOMIAS”, que irá apresentar todos os topônimos presentes no aplicativo, separadas de seus bairros, para que seja possível visualizá-los um a um.

Figura 18 – Menu de Taxonomias



Fonte: Aplicativo Digital, 2025

Ao acessar um topônimo, a opção “Quiz” retornará, direcionando o usuário ao quiz que testará suas habilidades de memorização dos topônimos. Também é possível acessar a opção “Flashcards” que contém cartões contendo perguntas relacionadas a topônimos de um lado e suas respostas do outro, permitindo que o usuário teste seu conhecimento sem a presença do cronometro e avaliação, permitindo uma revisão que não pressiona o mesmo, baseada no técnica de memorização de nome flashcards (cartões flash, no português).

Ao apresentar a criação do aplicativo tecnológico toponímico, este capítulo traduz em inovação prática todo o percurso teórico e metodológico construído nos capítulos anteriores. A proposta do app, com seus recursos interativos como mapa, Quiz, flashcards e visualização por taxonomias, representa mais do que uma ferramenta digital — é uma ponte entre os saberes locais e o letramento escolar, promovendo o conhecimento da língua portuguesa a partir da identidade territorial.

O uso da tecnologia evidencia um movimento transformador: tornar a toponímia não apenas objeto de estudo, mas prática educativa dinâmica, envolvente e acessível. A abordagem lúdica, aliada ao rigor científico, permite que alunos e professores explorem os nomes dos bairros de Belém como expressões vivas da cultura, da história e da sociedade.

Com isso, o trabalho se encaminha naturalmente para suas considerações finais, onde se refletirá sobre os impactos, contribuições e possíveis desdobramentos dessa iniciativa, reafirmando a relevância de integrar linguagem, território e tecnologia no processo educativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa toponímica realizada para compor esta tese, teve como objetivo geral apresentar a toponímia dos bairros da metrópole Belém, para fins educativos, por meio de uma ferramenta digital, com o propósito de identificar as motivações capazes de vincular os topônimos à origem histórica da formação dos 71 bairros, estruturados em oito Distritos Administrativos.

À medida que a pesquisa se desenvolvia; as mais surpreendentes descobertas linguísticas, culturais, históricas e geográficas eram feitas. Nos aspectos linguísticos, conhecer a origem dos nomes dos bairros de Belém trouxe à baila uma língua que se esconde em muitos deles: o Tupinambá ou Tupi de Belém, que denominou os bairros “Una”, “Aurá”, “Curió-Utinga”, “Paracuri”, e “Murubira”.

Na busca pela etimologia das palavras, que toponimizam os bairros da capital do Pará, surgiram traços culturais e históricos que fazem parte do contexto paraense há séculos, cuja presença se dilui no cotidiano da capital, sem que o habitante perceba que a História e a Cultura são praticadas, por exemplo, no bairro de Nazaré, onde se vai para rezar aos pés de uma imagem secular ou comer as iguarias típicas preparadas do mesmo modo que os antepassados faziam e que o bairro do Marco, antigo Marco da Légua, um marco regulatório que demarcava a primeira légua patrimonial de Belém é tombado pelo DPHAC, por sua importância histórica

Nos aspectos geográficos, descobriu-se que Pedreira, Barreiro, Campinas, Terra Firme. Água Boa, São João do Outeiro são nomes que trazem características dos terrenos onde surgiram e, embora o povo não se dê conta disso, é preciso ensinar aos mais jovens que o local onde nasceram, vivem e/ou por onde transitam traz tantas informações importantes as quais fazem muito sentido quando se lhe declina o nome.

Transformar todo o material pesquisado em um aplicativo digital, bem a gosto dos educandos da Geração Z, permitiria o conhecimento de informações, antes restritas aos órgãos públicos; o reconhecimento do espaço do qual fazem parte, aprendendo, de forma prática, o significado de pertencer a uma comunidade que se identifica por elementos, características, situações e nomes peculiares.

Para que se chegasse a esse ponto, foi preciso mapear os topônimos que denominam os bairros de Belém; identificando as motivações para tais denominações, dentre tantas, perceberam-se a religiosidade do povo, a influência dos indígenas que alicerçaram a História local; a colonização portuguesa tão presente nas ruas, nos costumes, nos falares do paraense.

De posse de tantas informações, pensou-se em como viabilizá-las e até expandi-las, e

então surgiu a ideia da criação de um aplicativo que propunha um “Quiz” com perguntas e alternativas de respostas referentes a cada Distrito Administrativo e seus bairros, levando em conta a lexicografia, taxonomia e toponímia dos bairros.

O aplicativo em questão foi denominado “Por que esse nome?”. Ele mostra, de forma lúdica sobre a etimologia das palavras que denominam os topônimos e permite acessar informações relacionadas a cada Distrito Administrativo e seus respectivos bairros, verificando, assim, o quanto o educando possa ter aprendido acerca dos conteúdos ministrados e, ao mesmo tempo, se divertindo estudando, de maneira interdisciplinar, envolvendo a um só tempo estrutura e processos de formação de palavras, tópicos de morfologia em Língua Portuguesa, Geografia, História, Sociologia, entre outras disciplinas sem se dar conta.

A escolha da Toponímia como tema para a pesquisa e para a criação do aplicativo em questão deu-se por ser esta uma disciplina de conteúdo interdisciplinar, estando sempre presente na grande área dos estudos lexicais, permitindo aos docentes viabilizarem trabalhos diversificados endereçados ao aprendizado dos discentes, por meio de novas tecnologias digitais, propiciando assim; aulas mais dinâmicas, envoltas pelo (re)conhecimento dos processos históricos, geográficos, culturais relativos aos bairros onde vivem, mantendo, assim, uma relação identitária entre o lugar, o nome recebido e seus habitantes numa interação consciente dos elementos importantes na construção socio espacial.

Ao finalizar o trabalho e rever o passo a passo de como ele foi construído, voltamos à problemática que deu origem à pesquisa: Como a criação de um aplicativo toponímico dos bairros do Município de Belém (Pa) pôde viabilizar o ensino mais eficiente e eficaz de língua portuguesa como língua materna, numa realidade que se baseava no ensino tradicional de língua portuguesa?

Havia, inicialmente, a hipótese de que se fosse possível ensinar língua portuguesa por meio dos topônimos mapeados em Belém e que, para isso, fosse possível materializar aspectos culturais, sociais, históricos refletindo diretamente no funcionalismo da língua portuguesa, enquanto Língua materna; os educandos aprenderiam com mais facilidade e dariam um retorno por meio do aplicativo digital usado em forma “jogo”.

A hipótese inicial se confirmou quando o aplicativo foi utilizado, em caráter de teste, com uma turma do primeiro ano do Ensino Médio de uma Instituição Estadual, após a aula de língua portuguesa com os assuntos “Estrutura e Processos de Formação de Palavras”, no campo da Morfologia e da Semântica; usou-se, em um laboratório de Informática o já referido aplicativo, que mostrou o bom desempenho dos discentes pelas medalhas recebidas de cada participante na conclusão das etapas propostas no aplicativo digital “Quiz”.

Partindo do que se encontrou em termos de conhecimento, ao se buscar a toponímia dos bairros de Belém e da criação/teste do aplicativo digital, para trabalhar tais Topônimos, pensou-se em Moreira e Hespanhol (2007, p. 8) ao dizerem que “quando se propõe contextualizar sobre o lugar, vem à tona abordar a memória do indivíduo em relação ao lugar. Isso porque a memória traz a possibilidade de resgatar o lugar”.

Dessa forma, é possível resgatar a história social do nome de um bairro, estabelecendo a conexão da memória com o objetivo dos estudos onomásticos da toponímia, pois, ao se nomear um determinado bairro de um dos Distritos Administrativos que compõe a Metrópole Belém, um topônimo é criado para identificá-lo e diferenciá-lo dos demais, fazendo surgir no habitante local o orgulho de viver naquele lugar.

Ainda que toponímia e linguística sejam áreas distintas, é possível estudar a toponímia sob o olhar da sociolinguística, pelo fato de os falantes de uma língua criarem nomes para os lugares e utilizá-los em um determinado contexto, seja histórico, cultural ou mesmo social.

Por vezes, olham-se os topônimos pelo viés da Sociolinguística, quando variações fonético fonológicas são observadas no decorrer da história do vocábulo que foi toponimizado, embora não fosse esse o viés da pesquisa, porém ao serem recolhidos dados históricos, como no caso do bairro belenense “Bengui”, percebeu-se a ocorrência da variante na pronúncia dos fonemas da sílaba final do referido topônimo, em que se pronunciam todos os fonemas da sílaba /-gui /, quando, historicamente, este topônimo surgiu a partir da junção das sílabas iniciais dos antopônimos Benjamim e Guilherme, logo, no nome do Bairro, o / w / da sequência /-gui / não deveria ser pronunciado. É possível que outrora, o referido bairro fosse chamado pelos primeiros moradores Bengui, pronunciando a segunda sílaba como dígrafo e só muito mais tarde, os falantes passassem do dígrafo ao ditongo, fato que a sociolinguística pode explicar, oferecendo insights sobre a lei do menor esforço, sugerindo que as pessoas tendem a reduzir o esforço necessário para falar, o que pode levar à simplificação de fonemas, supressão de sons proeminentes ou fundindo sons semelhantes. Tem-se aqui uma contribuição aos estudos fonéticos e fonológicos a partir da Toponímia ligada à sociolinguística.

O presente trabalho, com bases na Toponímia, se mostra diferente dos demais até então publicados, não pelos referenciais teóricos, que são praticamente os mesmos, mas pela busca etimológica dos topônimos estudados e pela criação de um aplicativo digital com fins didáticos que pode ser utilizado em laboratórios de informática ou mesmo baixado em notebook ou celular, para a sala de aula ou para o recesso do quarto, ou onde o usuário possa ou queira buscar o conhecimento.

Neste trabalho, foram aplicadas, além das categorias taxonômicas elaboradas por Dick

(1990), outras que foram criadas mediante a necessidade de melhor se explicarem os topônimos relativos aos bairros de Belém. Durante a análise dos dados pesquisados, para a classificação da taxonomia, tornou-se necessário a criação de um Quadro de Taxonomia de Natureza Mista, formado por dez nomes de bairros, em que apresentam relações entre duas naturezas do topônimo, surgindo novas taxonomias: Historiocardinotopônimo; Cromocardinotopônimo; Zootofitotopônimo; Antropohistoriotopônimo; Acuculaergotopônimo; Zooetnotopônimo; Etnolitotopônimo, para que pudéssemos contemplar de fato a origem do nome dos referidos bairros.

O fato de se ter recorrido à criação de novas taxonomias, mesmo que partindo de duas outras propostas por Dick, foi pelo fato de os topônimos que denominam os bairros de Belém não terem conseguido encaixe nas taxonomias já existentes, por terem os referidos topônimos uma etimologia diferenciada, baseada no tupi de Belém.

Dick (1990) ressalta a necessidade de ordenação e catalogação dos topônimos, para depois aplicar, neles, um tratamento de caráter científico, daí os topônimos serem catalogados em fichas lexicográfico-toponímicas.

De acordo com os topônimos dos 71 bairros que compõem os oito Distritos Administrativos de Belém, *corpus* deste trabalho, foram encontrados elementos linguísticos mesclados de palavras indígenas, latinas, entre outras origens, com a maior predominância de topônimos de origem latina. Em relação ao elemento indígena, foi possível perceber a sua marcante presença nesse território, tanto no aspecto descritivo que se reflete nos nomes dos lugares de origem indígena, os quais revelam a característica iconográfica concernente ao léxico toponímico, como também na íntima relação que o indígena mantinha com a natureza.

Os topônimos indígenas encontrados nessa análise revelaram aspectos linguísticos, palavras que não se encontram, comumente, em dicionários de língua portuguesa, mas nos etimológicos e nos de línguas indígenas, que puderam explicar os topônimos compostos somente por morfemas de origem tupi – Una, Aurá, Curió-Utinga, Guanabara, Marambaia, Jurunas, Maracacuera, Paracuri, Ariramba, Carananduba, Caruara, Maracajá, Marahú, Murubira, Sucurijuquara, Guamá, Maracangalha, e Itaiteua – e que são utilizados pela população, mas não são identificados como de origem indígena.

Além, dos topônimos de origem indígenas, percebemos também a presença mesmo mínima, de topônimos de origem germânica, hebraica, pré-romana, portuguesa, italiana, árabe, francesa, castelhana e grega, mostrando assim, as diversidades toponímicas na constituição dos bairros que compõe a Metrópole Belém.

Considerando esses pontos, destaca-se a relevância do desenvolvimento do já citado

aplicativo digital voltado à elaboração de mnemônicos simples, que são técnicas poderosas para melhorar o aprendizado porque ajudam a organizar e recuperar informações de forma mais eficiente. Eles funcionam associando conceitos a elementos familiares, como palavras, imagens ou padrões estruturados. Essas técnicas facilitam a memorização, ao transformar informações complexas em associações simples e intuitivas, os mnemônicos tornam o conteúdo mais fácil de lembrar. Também ativam diferentes áreas do cérebro, pelo uso de imagens, sons e padrões, envolvendo múltiplos sentidos, tornando o aprendizado mais envolvente. Os mnemônicos melhoram a retenção a longo prazo, ajudando a reforçar conexões entre conceitos, eles tornam o conhecimento mais duradouro e aceleram a recuperação de informações, pois quando um aluno precisa recordar um conteúdo, um mnemônico bem estruturado permite acessar a informação rapidamente.

A abordagem pedagógica adotada fundamenta-se na utilização de estilos visuais nos mapas, tornando a apresentação dos conteúdos mais intuitiva e acessível. Além disso, os materiais são disponibilizados por meio das áreas de estudo, garantindo um suporte eficiente para a compreensão e assimilação dos conceitos. O processo de revisão e fixação é reforçado por estratégias de gamificação, com destaque para o uso do Quiz, que transforma o aprendizado em uma experiência interativa e dinâmica. Esses recursos não apenas aprimoram a adaptação do aluno aos testes avaliativos, como também contribuem para um desenvolvimento mais assertivo, reduzindo possíveis impactos negativos e incentivando um aprendizado contínuo e motivador.

Finalizamos essas considerações partindo da ideia de que a criação de um aplicativo digital nesta pesquisa, guiada por ações pedagógicas, estarão sustentados no que postulam as competências gerais da educação descritas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), especificamente, no que versa sobre “valorizar e utiliza os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, no desenvolvimento do seu conhecimento” (Brasil, 2017, p. 9).

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Arthur da Costa. Das origens da Belém seiscentista e sua herança Tupinambá. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, ano 05, ed. 10, vol. 03, pp. 146-160. Outubro de 2020.
- ANDRADE, K. dos S. Os nomes de lugares em rede: um estudo com foco na Interdisciplinaridade. **Revista Eletrônica de Linguística Domínios de Linguagem**, v. 6, n. 1, p. 205- 225, mar./jun 2012.
- ANDRADE, K. dos S. Toponímia e ensino: uma interface interdisciplinar. In: PINHO, M. J.; ANDRADE, K. S.; RAMOS, D. V. **Ensino de língua e literatura: reflexões e perspectivas interdisciplinares**. Goiânia: PUC, 2011.
- ANDRADE, K. dos S.; DICK, M. V. de P. do A. A interdisciplinaridade no contexto da toponímia: reflexões iniciais de uma proposta aplicada ao ensino. In: **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**, volume VI. Campo Grande: Editora da UFMS, 2012. p. 193-207.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC): **Educação é a base**. Brasília, DF: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 23 mar. 2023.
- BOURDIEU, Pierre. Espaço social e espaço simbólico. In.: **Razões práticas**. Sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papirus, 2002.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: estratégia de ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- CAGLIARI, L. C. A Respeito de Alguns Fatos do Ensino e da Aprendizagem da Leitura e da Escrita pelas Crianças na Alfabetização. In.: ROJO, R. (org). **Alfabetização e Letramento: Perspectivas Linguísticas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 61-86.
- CAMPEIZ, Ana Flavia; DE OLIVEIRA, Wanderlei Abadio; FONSECA, Luciana Mara Monti; DE ANDRADE, Luciane Sá; SILVA, Marta Angélica Iossi. A escola na perspectiva de adolescentes da geração Z. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 19, 2017.
- CARVALHO, Moacyr Ribeiro de, **Dicionário tupi (antigo) português/ Moacyr Ribeiro de Carvalho – Salvador**, 1987.
- CUNHA, Antônio Geraldo da, **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Ed. Lexicon, 4. ed., 2010.
- Dicionário Tupi Antigo – Português, Biblioteca Digital, Nimuendajú, Curt. **Dicionário Ilustrado Tupiguarani**, pág. 196, Tupiguarani.com.br. Portal São Francisco. Acesso em: 02 jul. 2023, às 19:30h
- DICK, M. V. de P. do A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Arquivo do estado de SP, 1990.
- DICK, M. V. de P. do A. **A Motivação Toponímica: Princípios Teóricos e Modelos Taxionômicos**. São Paulo: FFLCH/USP, 1990.
- DICK, M. V. de P. do A. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de Estudos. 2.ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990.
- DICK, M. V. de P. do A. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos

- na onomástica brasileira. In.: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. (orgs.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande (MS): UFMS, 2004, p. 121-130.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura/Terry Eagleton**. Tradução Sandra Castello Branco; revisão técnica Cezar Mortari. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- FERNANDO, EMP. 2020. **Geoffroca in Flora do Brasil, 2020**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB18596>. Acesso: 14/07/23, 18:46h
- FISCHER, A.; DIONÍSIO, M. L. Perspectivas sobre Letramento(s) no Ensino Superior: Objetos de estudos em pesquisas acadêmicas. **Atos de Pesquisa em Educação**, n. 1, v. 6, p. 79-93, jan./abr. 2011.
- HEINSFELD, Bruna; NASCENTES DA SILVA, Maria Paula Rossi. As Versões da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Papel das Tecnologias Digitais: conhecimento da técnica *versus* compreensão dos sentidos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 18, n. 2, p. 668-690, maio/agosto 2018.
- HOLZER, W. O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea, **Geografia -Ano V** – n. 10, p.113-123, 2003.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. **Tabela da Divisão Distrital de Belém**. 2020. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/23701-acesso-ao-produto>. Acesso em: 10 nov. 2023.
- JACQUES, Thiago Carvalho; PEREIRA, Gilberto Braga; FERNANDES, Adriana Lopes; OLIVEIRA, Daysa Andrade. Geração Z: peculiaridades geracionais na cidade de Itabira-MG. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 9, n. 3, 2015.
- KLEIMAN, A. B. Letramento na Contemporaneidade. **Bakhtiniana**, São Paulo, n. 9, v. 2, p. 72-91, ago./dez. 2014.
- LEA, M. R.; STREET, B. O Modelo de “Letramentos Acadêmicos”: Teoria e aplicações. **Filol. Linguíst. Port.**, São Paulo, n. 2, v. 16, p. 477-493, jul./dez. 2014.
- LINNE, Joaquín. Duas gerações de nativos digitais. **Revista Intercom-Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 37, n. 2 de 2014.
- MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.
- MEC. **Dicionário Escolar Latino – Português**, Campanha Nacional de Material de Ensino. Rio de Janeiro, 3. ed., 1962
- MOREIRA, E. V., & HESPANHOL, R. A. de M. (2011). O lugar como uma construção social. **Formação** (Online), v, 2, n. 14, p. 8, 2007.
- NASCENTE, Antenor. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, 1955
- NUNES, V. R. **Toponímia e ensino**: estudo dos nomes de lugares de origem Indígena no livro didático de geografia. 2015. 114f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Língua e Literatura) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2015.
- PENTEADO, Antonio Rocha. **Belém**: estudo de geografia urbana. Belém: UFPA, 1968. 2.v.
- PEREIRA, B. G. **Relocalização de Saberes Acadêmicos na Construção de Vozes de Professores em Formação Inicial na Escrita Acadêmica Convencional e Reflexiva**. 2016. 350 f. Tese (Doutorado em Ensino de Língua e Literatura) – Universidade Federal do Tocantins,

Araguaína, 2016.

PRENSKI, Marc. **Nativos digitais, imigrantes digitais**. Tradução cedida por Roberta de Moraes Jesus de Souza. De On the Horizon (NCB University Press, Vol. 9 No. 5, Outubro 2001)

RODRIGUES, Eliene Jaques. **Banidos da cidade e unidos na condição**: Cidade Nova, espelho de segregação social em Belém. Belém: UFPA/NAEA, 1998.

ROJO, R. O Letramento Escolar e os Textos da Divulgação Científica: A apropriação dos Gêneros nos Estudos da Escola. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, v. 8, n. 3, p. 581-612, set./dez. 2008.

ROJO, R. O Letramento na Ontogênese: Uma perspectiva socioconstrutivista. In.: ROJO, R. (org). **Alfabetização e Letramento**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 1998.

ROJO, R. Concepções não-valorizadas de Escrita: A escrita como “um outro modo de falar”. In.: KLEIMAN, A. B. (org). **Os Significados do Letramento**: uma perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas/SP: Mercado de Letras, 1995. p. 65-90.

SARAIVA, F. R. dos Santos. **Dicionário Latino Português**, Editora Garnier, 2019

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. 5. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2000.

SANTOS, M. **Da Totalidade ao Lugar**. São Paulo: EDUSP, 2008.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. São Paulo: BestBolso, 2009.

SIGNORINI, I. Prefácio. In.: SIGNORINI, I. (org). **Gêneros Catalisadores**: Letramento e Formação do Professor. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 7-18.

SILVA, W. R. **Letramento e Fracasso Escolar**: o ensino de língua materna. Manaus/AM: UEA Edições, 2012.

SYMOES, Carlos. **O Tupi de Belém** – Dicionário Tupinambá – Português. Amazon.com, 2020

SOARES, M. B. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2011.

STREET, B. V. **Letramentos Sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo/SP: Parábola Editorial, 2014.

STREET, B. V. Eventos de Letramento e Práticas de Letramento: Teoria e prática nos Novos Estudos do Letramento. In.: MAGALHÃES, I. (org). **Discursos e Práticas de Letramento**: pesquisa etnográfica e formação de professores. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2012. p. 69-93.

STREET, B. V. **Literacy in the Theory and Practice**. Cambridge University Press, 1984.

TAYASSU, C. Alfabetização e Letramento: Condições de Inclusão Social. In.: GONÇALVES, A. V.; PINHEIRO, A. S. (orgs): **Nas Trilhas do Letramento**: entre teoria, prática e formação docente. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 17-48.

ANEXOS

ANEXO A – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 01-04

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro 01
TOPÔNIMO: Batista Campos	
TAXONOMIA: Antropotopônimo	NATUREZA: Antropocultural
ORIGEM: Híbrido (Grego + Latim)	
HISTÓRICO: O histórico do bairro Batista Campos, em Belém do Pará, está intrinsecamente ligado à Praça Batista Campos, um espaço que começou como o Largo da Salvaterra, propriedade de Maria Manoela de Figueira e Salvaterra. Após sua morte, tornou-se a Praça Sergipe e, em 1897, foi renomeada em homenagem a Batista Campos, um líder da Cabanagem.	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T. C. Mas [Adj. sing + S. pl]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: *Batista Adj. mas. sing. do gr. baptizo que significa mergulhar *Campos S. mas.pl. do lat. campi	
CONTEXTO: Em 1897, sob o governo de Antônio Lemos, o local foi renomeado para Praça Batista Campos, em honra a João Batista Gonçalves Campos	
FONTE: CODEM – IBGE - SEURB	
REFERÊNCIA: * NASCENTE, Antenor. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. p. 66 e p. 92	
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso	
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena	

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro 02
TOPÔNIMO: Campinas	
TAXONOMIA: Fitotopônimo	NATUREZA: Física
ORIGEM: Latim	
HISTÓRICO: Campinas é um bairro histórico situado na cidade paraense de Belém do Pará; é o segundo mais antigo abrigando parte do centro histórico da capital paraense, que foi criado após o então bairro Cidade na época da Capitania do Grão-Pará	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. pl..	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: *Campina S. Fem. Sing. - Extensão de terrenos pouco acidentados e sem árvores	
CONTEXTO: Lei nº 7.806/1996 é a que estabelece a delimitação do bairro de Campinas dentro da estrutura de bairros de Belém.	
FONTE: CODEM – IBGE - SEURB	
REFERÊNCIA: * NASCENTE, Antenor. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, p. 92	
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso	
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena	

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	03
TOPÔNIMO: Marco		
TAXONOMIA: Historiocardinotopônimo	NATUREZA:	Física e
A: Antropocultu ral		
ORIGEM: Germânica (Marka)		
HISTÓRICO: O bairro do Marco em Belém deve seu nome à implantação do Marco da Légua, um monumento que assinala a extensão da primeira légua patrimonial da cidade, doada por ordem régia.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. masc. [S. Sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Marco subst. masc. Sing., forma variante de Marca do Germ. Marka, sinal, fronteira, cfr. Al. Mod. Merken, Marcar.		
CONTEXTO: A legislação municipal, como a <u>Lei Ordinária 7245 de 1984</u> e o <u>Plano Diretor de 2008</u> , foi que formalizou e delimitou a área do bairro e as diretrizes urbanísticas, dando origem ao bairro como o conhecemos hoje.		
FONTE: CODEM – IBGE - SEURB		
REFERÊNCIA: A: Portuguesa, p. 317	NASCENTE, Antenor.	Dicionár Etimológico da Língua io
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	04
TOPÔNIMO: Nazaré		
TAXONOMIA: Hagiotopônimo	NATUREZA: Antropocultural	
ORIGEM: Hebraica – Nitzaret > Natzráth		
HISTÓRICO: A origem do bairro de Nazaré em Belém está diretamente ligada ao achado da imagem de Nossa Senhora de Nazaré, em 1700, por um caçador caboclo chamado Plácido, nas margens do igarapé que viria a ser o local da atual Basílica.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. Fem. [S. Sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Nazaré: subst.. fem. Sing.; significados: <ol style="list-style-type: none"> 1. Consagrar-se a Deus 2. Segundo a Bíblia, Nazaré é a cidade onde o anjo Gabriel anunciou à Virgem Maria que ela teria um filho pelo Espírito Santo e também onde Jesus teria passado sua infância. 		
CONTEXTO: No final do século XVIII, o caboclo Plácido encontrou uma pequena imagem de Nossa Senhora de Nazaré às margens de um igarapé, onde hoje se localiza a Basílica de Nazaré.		
FONTE: CODEM – IBGE - SEURB		
REFERÊNCIA: * NASCENTE, Antenor. Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, p. 320 <ul style="list-style-type: none"> • Bíblia Sagrada; Lucas 1:26-38, Mateus: 1:20-25 		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

ANEXO B – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 05-08

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	05
TOPÔNIMO: Reduto		
TAXONOMIA: Historiotopônimo	NATUREZA: Antropocultural	
ORIGEM: Latina : reductus, -a, -um		
HISTÓRICO: A origem do bairro do Reduto, em Belém, está ligada à construção do Forte de São José no século XVIII, que deu nome à área. Inicialmente uma fortificação para a defesa da colônia, o local foi efetivamente ocupado e transformou-se com a economia da borracha no século XIX, tornando-se um centro comercial e, posteriormente, um importante polo industrial..		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S Masc. [Adj. Sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: do Latim reductus: a) Part. Pass. De reduco b) Adj. I- Sentido Próprio: reconduzido, conduzido para trás, e daí: retirado, afastado. II- Sent. Figurado: afastado, distante Subs. Masc. – refúgio, abrigo, recinto		
CONTEXTO: A Lei que delimitou a área atual do bairro do Reduto, em Belém, é a Lei Ordinária nº 7.806, de 1996, que estabelece os limites de todos os bairros do município e revoga leis anteriores.		
FONTE: CODEM – IBGE - SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Escolar Latino – Português. Campanha Nacional de Material de Ensino – MEC, 3ª Ed. Rio de Janeiro 1962 – Pág 850		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairros	06
TOPÔNIMO: São Brás		
TAXONOMIA: Hagiotopônimo	NATUREZA: Antropocultural	
ORIGEM: Latim		
HISTÓRICO: O bairro de São Brás em Belém do Pará originou-se no final do século XIX e início do século XX como uma área limítrofe, que se tornou um ponto estratégico para a expansão da cidade durante a gestão do intendente Antônio Lemos		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.C. Masc. [Adj. Sing + S. Sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Deriva do Latim blaesius (prenome) > blaesus (gago). Evolução: blaesius > blaesus > Brás. São Brás – Santo padroeir		
CONTEXTO: Lei Ordinária 7.245 de 1984, que delimitou a área do bairro de São Brás e outras áreas que compõem a cidade.		
FONTE: CODEM – IBGE - SEURB		
REFERÊNCIA: Dic. Latino-Português, pág. 139		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	07
TOPÔNIMO: Umarizal		
TAXONOMIA: Fitotopônimo	NATUREZA: Física	
ORIGEM: Indígena – Y-mori		
HISTÓRICO: O Umarizal, um bairro que outrora foi uma área rural e periférica em Belém, deu origem ao nome devido à abundância de árvores de umari na época de sua colonização. Sua transformação de um bairro popular e alagado, com forte presença da cultura africana e moradias de baixa renda, para um bairro nobre e verticalizado ocorreu a partir do século XX, impulsionada pelo ciclo da borracha		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. masc. [S. sing. + cons. de ligação + sufixo]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Umari ou Mari têm origem em Y- mori, palavra indígena, cujo significado é árvore que verte água, em referência à característica da planta em verter água pelos brotos, no início da estação chuvosa, ao ponto de molhar a terra; Umarizal – grande quantidade de Umaris, próximos uns dos outros.		
CONTEXTO: A Lei Ordinária nº 7.806, de 30 de julho de 1996, é a legislação que delimitou as áreas que compõem o bairro do Umarizal e outras partes de Belém, estabelecendo sua configuração geográfica oficial		
FONTE: CODEM – IBGE - SEURB		
REFERÊNCIA: FERNANDO, EMP. 2020. Geoffroca in Flora do Brasil, 2020. JardimBotânico do Rio de Janeiro. Disponível: < http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB18596 >. Acesso: 14/07/23, 18:46h		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	08
TOPÔNIMO: Bengui		
TAXONOMIA: Antropotopônimo	NATUREZA: Antropocultural	
ORIGEM: Palavra Valise – Aglutinação de Benjamim e Guilherme		
HISTÓRICO: O bairro surgiu a partir de um dos pontos de parada da estrada de ferro Belém – Bragança, que fazia rota até Icoaraci. Os meninos Benjamim e Guilherme moravam na Augusto Montenegro e pegavam o trem para estudar em Castanhal. O maquinista sempre parava no ponto onde hoje é a entrada do Bairro para pegar os meninos, os quais fizeram uma placa para si “Ben” e “Gui” para sinalizar o local. Assim, surgiu o nome do Bairro.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.C. masc. [S. sing. + S. sing]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:		
CONTEXTO: Não existe uma única "lei que deu origem" ao bairro do Bengui, que surgiu a partir de ocupações desordenadas e especulação imobiliária a partir da década de 1940, o que o fez crescer em tamanho e população.		
FONTE: CODEM – IBGE - SEURB		
REFERÊNCIA: Relatos de antigos moradores		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

ANEXO C – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 09-12

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	09
TOPÔNIMO: Cabanagem		
TAXONOMIA: Historiotopônimo	NATUREZA: Antropocultural	
ORIGEM: Do Latim – Tradução “Capanna”		
HISTÓRICO: O nome da Cabanagem, um bairro em Belém, tem origem na Cabanagem, um movimento popular histórico ocorrido na Província do Grão-Pará entre 1835 e 1840, e não se refere a uma construção original atual do bairro em si.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. masc. [S. sing. + sufixo]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: habitação precária e rústica, moradia dos cabanos – membro da facção política que houve durante a Regência em 1899, em alguns estados do Norte do Brasil; a revolta recebeu, por isso, a denominação “Cabanagem”.		
CONTEXTO: Não existe uma única "lei" que tenha originado o bairro da Cabanagem, pois o bairro se desenvolveu a partir do movimento histórico da Revolta da Cabanagem (1835-1840)		
FONTE: IBGE, SEURB, CODEM		
REFERÊNCIA: Dicionário Etimológico, pág. 107		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	10
TOPÔNIMO: Coqueiro		
TAXONOMIA: Fitotopônimo	NATUREZA: Física	
ORIGEM: De origem (controversa) Portuguesa		
HISTÓRICO: O Bairro do Coqueiro, em Belém do Pará, tem sua origem ligada à sua paisagem original, caracterizada por abundantes palmeiras de coqueiro, o que lhe deu o nome.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. masc. [S. sing. + sufixo]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Palmeira que tem o coco como fruto, o qual se assemelha às figuras de cabeça que assustavam as crianças, “os papões”		
CONTEXTO: Não existe uma única "lei de criação" do bairro do Coqueiro em Belém, mas sim uma série de leis que regulam o desenvolvimento urbano e a organização territorial do município, como o Plano Diretor da Cidade (Lei nº 8.655, de 2008), que estabelece as diretrizes para a ocupação do espaço.		
FONTE: IBGE, CODEM, SEURB		
REFERÊNCIA: CUNHA, Dicionário Etimológico, pág. 159 e 179		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	11
TOPÔNIMO: Parque Verde		
TAXONOMIA: Dimensiotopônimo	NATUREZA: Física	
ORIGEM: Do Francês “parc”, derivado do baixo Latim “parricum” + viridis		
HISTÓRICO: O nome do bairro remete às suas grandes áreas verdes, que caracterizaram a localidade por muitos anos, embora o bairro tenha passado por um crescimento populacional e verticalização nos últimos anos.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.C. masc. [S. sing. + Adj. sing]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: S. masc. – bosque cercado onde há caça, terreno arborizado que circunda uma propriedade, “jardim público”.		
CONTEXTO: A Lei Ordinária nº 7.806, de 30 de julho de 1996, sancionada pela Prefeitura de Belém, foi a responsável por definir os limites do bairro do Parque Verde, em Belém do Pará, transformando a área conhecida como "Parque Verde" em bairro oficial do município		
FONTE: IBGE, SEURB, CODEM		
REFERÊNCIA: CUNHA, Dicionário Etimológico, pág. 470 e 673		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	12
TOPÔNIMO: Pratinha		
TAXONOMIA: Hodotopônimo	NATUREZA: Antropocultural	
ORIGEM: Latim vulgar “platta”		
HISTÓRICO: O nome do bairro faz referência à Colônia do Prata que fazia parte de uma política de controle e ajuda aos hansenianos, criada em Igarapé-açu. As pacientes da Colônia, quando pariam, tinham os filhos afastados e levados para uma área distante do centro de Belém pela estrada do Prata para o Educandário Eunice Wiver.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. masc. [S. sing. + sufixo]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: S. fem. Diminutivo; elemento químico de nº atômico 47, metálico, denso, branco, brilhante, maleável e dúctil, utilizado em numerosas ligas preciosas.		
CONTEXTO: Não existe uma única "lei que deu origem" ao bairro da Pratinha, visto que a delimitação oficial dos bairros de Belém é feita por leis municipais que tratam da <u>regionalização administrativa</u> e organização territorial da cidade.		
FONTE: IBGE, CODEM SEURB		
REFERÊNCIA: CUNHA, Dicionário Etimológico, pág. 515 – site: Globoplay.globo.com		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

ANEXO D – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 13-16

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	13
TOPÔNIMO: São Clemente		
TAXONOMIA: Hagiotopônimo	NATUREZA: Antropocultural	
ORIGEM: Do Latim ‘Clemens + entis’		
HISTÓRICO: A instalação da Área Missionária sugere que este é o local onde o nome São Clemente é mais associado na cidade.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.C. masc. [Adj. sing. + S. sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: S. masc. Aquele que tem disposição para perdoar; que tem indulgência. Faz referência ao Santo de prenome Clement.		
CONTEXTO: Não há uma única "lei que deu origem" ao bairro de São Clemente, pois sua formação está ligada a um processo histórico, mas sim à Lei Ordinária nº 7.806, de 1996, que delimitou os bairros da cidade de Belém		
FONTE: IBGE, CODEM, SEURB		
REFERÊNCIA: CUNHA, Dicionário Etimológico, pág. 156		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	14
TOPÔNIMO: Tapanã		
TAXONOMIA: Hodotopônimo	NATUREZA: Antropocultural	
ORIGEM: Indígena – significa: (Sol Verano ou Sol do Verão)		
HISTÓRICO: Era uma área, inicialmente, composta por grandes fazendas. E uma propriedade particular, era muito conhecida: a hospedaria Tapanã, que ficou conhecida como hospedaria do diabo ou do inferno, pelos maus tratos infligidos aos “soldados da borracha” naquele lugar.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S [S. sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:		
CONTEXTO: Não existe uma única lei que "deu origem" ao bairro do Tapanã em Belém, pois sua formação é um processo histórico-social que se desenvolveu ao longo do tempo, influenciado por fenômenos como a migração populacional e a urbanização		
FONTE: IBGE, CODEM, SEURB		
REFERÊNCIA: https://www.oliberal.com > Belém. Acessado em 04/07/23, às 00:50’		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	15
TOPÔNIMO: Una		
TAXONOMIA: Cromocardiopônimo	NATUREZA: Física	
ORIGEM: Tupinambá – (ou Tupi de Belém) Significado: Preto		
HISTÓRICO: A origem do bairro Una, em Belém, está ligada ao crescimento urbano de Ananindeua na década de 1970, com a expansão da malha urbana da região, que originou áreas como Una, Jaderlândia e Guanabara		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. masc. [S. sing]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Bairro limítrofe da cidade de Belém com o município de Ananindeua, sendo parte da Bacia do Igarapé Una, que leva esse nome pela cor de suas águas.		
CONTEXTO: O reconhecimento oficial e a delimitação geográfica do bairro do Una em Belém do Pará ocorreram através da Lei Municipal nº 7.806, de 30 de julho de 1996		
FONTE: IBGE, CODEM, SEURB		
REFERÊNCIA: Gallois, Dominique Tilkin, Mairi revisitada, NHII/USP/FAPESP – São Paulo, 1994. Symões Carlos, O Tupi de Belém – Dicionário Tupinambá – Português Amazon.com 2020		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	16
TOPÔNIMO: Águas Lindas		
TAXONOMIA: Hidrotopônimo	NATUREZA: Física	
ORIGEM: Latim – aqua + límpidus / legitimus		
HISTÓRICO: O bairro de Águas Lindas em Belém não tem um histórico de origem documentado, mas sim é resultado de ocupações irregulares e da construção de conjuntos habitacionais entre as décadas de 1970 e 1980		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.C. fem. [S. pl. + Adj. pl.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Água S.f. líquido incolor, inodoro e insípido, essencial à vida. Lindas Adj. legítimo, autêntico, puro, bom, bonito, belo; pode também ter vindo através de * lídmo (lindeza)		
CONTEXTO: Não existe uma única lei que tenha "criado" o bairro de Águas Lindas, em Belém do Pará, uma vez que ele surgiu de forma orgânica a partir da ocupação da área, que se consolidou após a definição dos limites político-administrativos entre Belém e Ananindeua pela <u>Lei Estadual Nº 5.778/1993</u>		
FONTE: IBGE, CODEM, SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Etimológico Cunha, págs. 19 e 390		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

ANEXO E – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 17-20

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	17
TOPÔNIMO: Aurá		
TAXONOMIA: Hidrotopônimo	NATUREZA: Física	
ORIGEM: Tupi = falsa pintura		
HISTÓRICO: A origem do bairro do Aurá está intrinsecamente ligada ao antigo lixão que ali foi instalado, ainda em meados da década de 1990, e ao rio de mesmo nome.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. masc. [S. sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: NT		
CONTEXTO: A Lei Ordinária nº 7.245, de 1984 é um exemplo importante, pois foi responsável por delimitar oficialmente as áreas que compõem os bairros da cidade, estabelecendo o Aurá como um deles.		
FONTE: IBGE, CODEM, SEURB		
REFERÊNCIA: Symões, Carlos. O Tupi de Belém. Dicionário Tupinambá – Português Amazon.com 2020		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	18
TOPÔNIMO: Castanheira		
TAXONOMIA: Fitotopônimo	NATUREZA: Física	
ORIGEM: Do Latim “castânea” – derivada do Grego “kastanea”		
HISTÓRICO: O nome do bairro Castanheira, em Belém do Pará, tem origem em uma grande e histórica castanheira que se localizava na BR-316, na área conhecida como "Curva da Castanheira", um ponto de referência para a Estrada de Ferro de Bragança		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. fem. [S. sing. + sufixo]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: S. fem. Planta da família das fagáceas, cujo o fruto é a castanha.		
CONTEXTO: A Lei Ordinária nº 5.778, de 15 de dezembro de 1993, sancionada pela Assembleia Legislativa do Pará e homologada pelo governador Jader Barbalho, estabeleceu a redefinição dos limites político-administrativos entre Belém e Ananindeua,		
FONTE: IBGE, CODEM, SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Etimológico, Antenor Nascente, pág. 134		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	19
TOPÔNIMO: Curió-Utinga		
TAXONOMIA: Zootofitotopônimo	NATUREZA: Física	
ORIGEM: Curió (Tupi) , Una + tinga (Tupinambá)		
HISTÓRICO: O bairro Curió-Utinga, em Belém, foi fundado em 1996, ao unir o nome do antigo engenho Fazenda do Utinga, que hoje é o Parque Estadual do Utinga, e o de um morador chamado Francisco Curió, um amante da natureza e das áreas verdes da região.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.C. masc. [S. sing. – S. sing. + S. sing]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Curió – amigo do homem. Utinga (una + tinga), encontro de dois igarapés: Una (água preta); tinga (água clara)		
CONTEXTO: Não existe uma única "lei que deu origem" ao bairro Curió-Utinga, mas sim um processo de sua oficialização em 1996.		
FONTE: IBGE, CODEM, SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Tupi Antigo – Português, Biblioteca Digital, Nimuendajú, Curt. Dicionário Ilustrado Tupiguarani, pág. 196, Tupiguarani.com.br. Po		
rtal São Francisco. Acesso 02/07/23, às 19:30h		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	20
TOPÔNIMO: Guanabara		
TAXONOMIA: Hidrotopônimo	NATUREZA: Física	
ORIGEM: Tupi (Gua – ã – bará = mar semelhante à baía ou baía – mar)		
HISTÓRICO: O bairro Guanabara de Belém não é um bairro da capital, mas sim uma das áreas que surgiram em Ananindeua durante a expansão urbana na década de 1970, ao lado de bairros como Una e Jaderlândia, que se consolidaram com a instalação do Parque Industrial de Ananindeua na época.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: TC. fem. [S. sing. + S. sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:		
CONTEXTO: A Lei Ordinária Nº 7.806, de 30 de julho de 1996, publicada pelo município de Belém, é a responsável por delimitar as áreas que compõem os bairros da cidade, incluindo o bairro de Guanabara		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi. Autor: Luís Caldas Tibiriça, 1985 FUNAI – ISA Instituto Sócio - Ambiental ELB – Enciclopédia das Línguas do Brasil (Museu do Índio)		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

ANEXO F – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 21-24

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	21
TOPÔNIMO: Mangueirão		
TAXONOMIA: Fitotopônimo	NATUREZA: Física	
ORIGEM: Do Malaiala - mangã derivado do Latim manica, ae (manga) + sufixos eira + ão		
HISTÓRICO: A origem do bairro do Mangueirão, em Belém do Pará, está diretamente ligada à construção do Estádio Olímpico do Pará, o Mangueirão, que foi inaugurado em 1978 para a realização da Copa do Mundo de Futebol daquele ano, e que foi construído numa área militar próxima a um manguezal, dando nome ao bairro.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. masc. [S. sing + sufixo + sufixo]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Subst. masc., que faz referência ao Estádio Estadual que homenageia o jornalista Edgar Proença, conhecido como Estádio Olímpico do Pará, popularmente chamado de Mangueirão, o qual acabou emprestando o nome ao bairro.		
CONTEXTO: A aprovação da Lei Ordinária 7682/94 definiu a regionalização administrativa do município, estabelecendo os limites territoriais dos distritos e bairros, o que incluiu o Mangueirão		
FONTE: IBGE – CODEM SEURB		
REFERÊNCIA: Site: belem.pa.gov.br - http:// www.belem.pa.gov.br > bairros (acessado em 30/06/23, às 23h.		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	22
TOPÔNIMO: Marambaia		
TAXONOMIA: Dimensiotopônimo	NATUREZA: Física	
ORIGEM: Tupi – guarani		
HISTÓRICO: O bairro da Marambaia, em Belém, teve sua origem como uma área predominantemente rural e afastada, com características de interior, que começou a ser ocupada na década de 1960 através da construção do conjunto habitacional Nova Marambaia		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.C. fem. [S. sing. + S. sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: “Mbara – mbai” = cerco do mar ou caminho do mar ou restinga		
CONTEXTO: Não existe uma única lei que criou ou deu origem ao bairro da Marambaia, pois ele surgiu de um processo de expansão urbana e de loteamento de terras na década de 1960.		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Ilustrado Tupiguarani Tupiguarani.com.br (Acessado em 30/06/23 – às 23:15h) Portal São Francisco.		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	23
TOPÔNIMO: Souza		
TAXONOMIA: Antropohistoriotopônimo	NATUREZA: Antropocultural	
ORIGEM: Latim		

HISTÓRICO: A origem do nome do bairro Souza, em Belém do Pará, está ligada ao sobrenome de um líder de caravanas que faziam paradas na região, provenientes de Bragança, no estado do Pará
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. masc. [S. sing.]
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Subs. masc. Sobrenome toponímico de origem Portuguesa, referência às terras de Sousa, junto ao rio homônimo em Foz de Sousa, próximo à cidade do Porto em Portugal. (Saza ou Saxa = seixos, pedras, rochas) figurado: duro (como pedra), insensível
CONTEXTO: Não há uma única "lei que deu origem" ao bairro do Souza, em Belém, mas sim um processo de evolução e regulamentação que resultou na sua delimitação e reconhecimento oficial, como a <u>Lei Ordinária nº 7245/1984</u>
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB
REFERÊNCIA: Dicionário Latim – Português, pág. 520
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	24
TOPÔNIMO: Universitário		
TAXONOMIA: Sociotopônimo	NATUREZA: Antropocultural	
ORIGEM: Latim – “Universitas”		
HISTÓRICO: O bairro Universitário em Belém do Pará teve sua origem na década de 1950, com a criação da Universidade Federal do Pará (UFPA) em 1957, que visava reunir faculdades dispersas pela cidade num único espaço		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T. S. masc. [S. sing. + Sufixo]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Universalidade, totalidade. Denominação proposta por ser composto das universidades UFPA, UFRA, CPATU (Museu Emílio Goeldi)		
CONTEXTO: A lei que deu origem formal ao Bairro Universitário em Belém, definindo os seus limites, é a Lei nº 7.806, de 30 de julho de 1996, que estabeleceu os limites dos bairros da cidade.		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: belem.pa.gov.br. – http://www.belem.pa.gov.br . > bairros Acessado em 30/06/23 – às 23:30h		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

ANEXO G – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 25-28

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	25
TOPÔNIMO: Val de Cans		
TAXONOMIA: Historiotopônimo	NATUREZA: Antropocultural	
ORIGEM: Latim : Vale – Vallis (depressão entre montanhas) Cães – Canis (cachorros)		
HISTÓRICO: A origem do bairro Val-de-Cans está ligada a uma antiga fazenda dos padres Mercedários, que mantinham canis, daí o nome "Vale de Cães" que evoluiu para Val-de-Cans		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.C. masc. [S. sing + prep. + S. pl.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Sua denominação deve-se à existência de áreas militares onde se realizava treinamento de cães, sendo conhecido como Vale dos Cães.		
CONTEXTO: A Lei que delimitou o bairro Val-de-Cans foi a <u>Lei Ordinária nº 7.806, de 30 de julho de 1996,</u>		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Etimológico – Cunha (pág. 667) Site: belem.pa.gov.br. (acesso em 30/06/23 – às 23:40h		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	26
TOPÔNIMO: Canudos		
TAXONOMIA: Historiotopônimo	NATUREZA: Antropocultural	
ORIGEM: Do Moçárabe “gannút” derivado de uma forma hispânica “cannutus”, semelhante à cana (do Latim canna, ae		
HISTÓRICO: Homenagem à presença da força policial do Pará na campanha de Canudos contra os cangaceiros, quando os paraenses triunfaram e possibilitaram a queda do reduto rebelde.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. masc. [S. pl.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: S. masc. pl. = tubo geralmente grande		
CONTEXTO: A definição atual dos limites do bairro Canudos ocorreu com a Lei Ordinária nº 7.806, de 30 de julho de 1996		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Etimológico – Cunha (pág. 123)		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	27
TOPÔNIMO: Condor		
TAXONOMIA: Zootopônimo	NATUREZA: Física	
ORIGEM: Do Casteliano – “Cóndur”, derivado do quíchua “kúntur”		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. masc. [S. sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Ave falconiforme, da família dos catartídeos		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Etimológico – Cunha (pág. 170)		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	28
TOPÔNIMO: Cremação		
TAXONOMIA: Historiotopônimo	NATUREZA: Antropocultural	
ORIGEM: Do Latim – “cremātiōōnis”		
HISTÓRICO: Área onde foi instalado o forno crematório de Belém.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. fem. [S. sing. + sufixo]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: S. fem. Incinerar, queimar (cadáveres)		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Etimológico – Cunha (pág. 188)		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

ANEXO H – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 29-32

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	29
TOPÔNIMO: Jurunas		
TAXONOMIA: Etnotopônimo	NATUREZA: Antropocultural	
ORIGEM: Juruna do troco Tupi – “yudijá”		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.C. masc. [S. pl. + Adj. pl.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: bocas pretas, pois era essa a cor usada pelos indígenas dessa tribo para pintar a boca.		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Tupinamba (pág. ?)		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	30
TOPÔNIMO: Terra Firme		
TAXONOMIA: Litotopônimo	NATUREZA: Físico	
ORIGEM: Do Latim – terra, ae Latim vulgar – firmis (seguro, fixo, estável)		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.C. fem. [S. sing. + Adj. sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: território, região, solo, chão		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Etimológico – Cunha (pág. 631 e 294)		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	31
TOPÔNIMO: Águas Negras		
TAXONOMIA: Hidrotopônimo	NATUREZA: Física	
ORIGEM: Do Latim – aqua + niger		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.C. fem. [S. pl. + Adj. pl.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: N.T.		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Latim – Português (pág. 19 e 448)		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	32
TOPÔNIMO: Agulha		
TAXONOMIA: Ergotopônimo	NATUREZA: Antropocultural	
ORIGEM: Do Latim: acucula – diminutivo de acus, us		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. fem. [S. sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Que tem ponta, instrumento para coser, bordar, tecer, etc.		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Etimológico Antenor Nascente (pág. 119)		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

ANEXO I – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 33-36

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	33
TOPÔNIMO: Campina de Icoaraci		
TAXONOMIA: Fitotopônimo	NATUREZA: Física	
ORIGEM: Híbrida – Latim: Campus + pya (campina) – y (água, rio) + Kûarasy (sol) Tupi: Icoaraci = Sol do rio		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.C. fem. [S. sing. + sufixo + prep. - S. sing + S. sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: N.T.		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Latim – Português e Dicionário Tupi Antigo		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	34
TOPÔNIMO: Cruzeiro		
TAXONOMIA: Historiocardiopônimo	NATUREZA: Física e Antropocultural	
ORIGEM: Do Latim: crux, crucis + eiro		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. masc. [S. sing. + sufixo]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: N.T.		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Etimológico – Cunha (pág. 192)		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	35
TOPÔNIMO: Maracacuera		
TAXONOMIA: Ecotopônimo	NATUREZA: Antropocultural	
ORIGEM: Do Tupi: Maracá – mbaraká (chocalho) + cuera (hábil)		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. [S. sing.+ adj. Sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Aquele que sabe bem o seu ofício; aquele que toca bem o maracá		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Portal São Francisco. Dicionário Tupi Antigo		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	36
TOPÔNIMO: Paracuri		
TAXONOMIA: Etnotopônimo	NATUREZA: Antropocultural	
ORIGEM: Tupinambá ou Tupi de Belém + Tupi Antigo		
HISTÓRICO:		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.C. masc [S. sing. + S. sing]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Para (grande rio) + Curi (argila vermelha) = argila vermelha do grande rio		
CONTEXTO: N.T		
FONTE: CODEM, IBGE, SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Tupiguarani e Dicionário Tupi de Belém		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

ANEXO J – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 37-40

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	37
TOPÔNIMO: Parque Guajará		
TAXONOMIA: Dimensiotopônimo	NATUREZA: Física	
ORIGEM: Do Francês: parque – parc, derivado do baixo Latim: “parricum” Do Tupi – Guarani: Guajará – homem pintado (guajá + ra)		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.C. masc. [S. sing. + S. sing. + Adj. sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Parque – bosque cercado onde há caça, terreno arborizado que circunda uma propriedade, jardim público. Guajará – homem pintado guajá + rá; planta da família das sapotáceas do Tupi “Tuaja’ra”		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Etimológico – Cunha (pág. 478 e 326)		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	38
TOPÔNIMO: Ponta Grossa		
TAXONOMIA: Historiotopônimo	NATUREZA: Antropocultural	
ORIGEM: Do Latim: ponta – puncta, ae + grossa – grossus, a, um		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.C. fem. [S. sing. + Adj. sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: S. fem. ponta – a parte ou o ponto em que alguma coisa termina, extremidade; grossa – de grande diâmetro, sólido, denso, áspero, grave		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Etimológico – Cunha (pág. 511 e 325)		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	39
TOPÔNIMO: Tenoné		
TAXONOMIA: Etnotopônimo	NATUREZA: Antropocultural	
ORIGEM: Tupinambá – mais adiante		
HISTÓRICO: Origem do nome deve-se ao fato das pessoas que vinham a pé de Belém para Icoaraci (16Km), por um caminho paralelo ao trilho do ramal Icoaraci, da ferrovia Belém – Bragança. Onde sempre encontravam pessoas de um grupo de tapuyas que moravam nessa região e aí perguntaram: “Icoaraci ainda está longe?” e os Tapuias respondiam “Tenoné” – apontando para diante.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S.[Adv.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: “mais adiante”		
CONTEXTO: IBGE – CODEM – SEURB		
FONTE: N.T.		
REFERÊNCIA: Simões, 2020		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	40
TOPÔNIMO: Aeroporto		
TAXONOMIA: Historiotopônimo	NATUREZA: Antropocultural	
ORIGEM: Grego – aero (ar) + Latim – portus (porto)		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.C. masc. [S. sing. + S. sing]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICA: A palavra entrou no Português pelo Francês aéroport.		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Etimológico – Cunha (pág. 15)		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

ANEXO K – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 41-44

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	41
TOPÔNIMO: Ariramba		
TAXONOMIA: Zootopônimo	NATUREZA: Física	
ORIGEM: Tupi – “Uari ‘ rama”		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. fem. [S. sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: S. fem. – ave da família dos alcedínideos: garirama, arirama		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Etimológico - Cunha (pág. 56)		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	42
TOPÔNIMO: Baía do Sol		
TAXONOMIA: Hidrotopônimo	NATUREZA: Física	
ORIGEM: Do Francês – baie, derivado do Casteliano bahia e este do baixo. Latim – baia + sol do Latim: sol, is		
HISTÓRICO:		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.C. fem. [S. sing. + prep. + S. sing]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Baía – S. fem. Pequeno golfo de boca estreita, que se alarga para o interior + Sol – centro do Sistema Planetário em torno do qual giram a Terra e os demais planetas; estrela que é o centro de um sistema planetário.		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Etimológico – Cunha (pág. 76 e 603)		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	43
TOPÔNIMO: Bonfim		
TAXONOMIA: Ecotopônimo	NATUREZA: Antropocultural	
ORIGEM: Latim – bônus, a, um (bom) – finis, is		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.C. masc. [adj. sing. + S. sing]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: S. masc fim: termo, remate, acabamento		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Etimológico – Cunha (pág. 293)		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	44
TOPÔNIMO: Carananduba		
TAXONOMIA: Etnotopônimo	NATUREZA: Antropocultural	
ORIGEM: Tupi – Kara ‘ na + duba		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. [S. sing. + Sufixo]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: S. fem. – muita caranã, palmeira semelhante ao açazeiro de cujas frutas se prepara uma bebida como se faz o açai.		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Etimológico – Cunha (pág. 126)		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

ANEXO L – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 45-48

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	45
TOPÔNIMO: Caruará		
TAXONOMIA: Mitotopônimo	NATUREZA: Antropocultural	
ORIGEM: Tupi – “Karu àra”		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. fem. [S. sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: S. fem. Espécie de abelha		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Etimológico – Cunha (pág. 132)		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	46
TOPÔNIMO: Chapéu Virado		
TAXONOMIA: Meteorotopônimo	NATUREZA: Física	
ORIGEM: Latim Popular: chapéu – cappellus, diminutivo de cappa pelo Francês chapel (hoje chapeau) + virado = adjetivo (derivado do verbo virare) – viratus, a, um		
HISTÓRICO: Os colonos portugueses fabricavam chapéus com abas, que chamavam de beiras e a expressão usada era “chapéu beirado” com a pronúncia lusitana “chapéu birado” e mas tarde “chapéu virado”.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.C. masc. [S. sing + Adj. sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: chapéu – peça destinada a cobrir a cabeça; virado = mudar de um lado para o outro ou a posição.		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Etimológico – Cunha (pág. 145 e 679)		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	47
TOPÔNIMO: Farol		
TAXONOMIA: Historiocardiopônimo	NATUREZA: Física e Antropocultural	
ORIGEM: Do Casteliano “farol”, derivado do catalão antigo: faró e, este, do Grego pháros // faro – farol, do Latim pharus		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. [S. sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: S. masc. – construção na costa, provida de luz que emite sinais aos navegantes; lanterna; candeeiro.		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Etimológico – Cunha (pág. 286)		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	48
TOPÔNIMO: Mangueiras		
TAXONOMIA: Fitopônimo	NATUREZA: Física	
ORIGEM: Do Malaiala – mangã derivado do Latim: manica, ae + eiras		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. fem. [S. sing. + sufixo pl.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: S. fem., planta da família das anacardiáceas; árvore cujo fruto é a manga.		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Etimológico – Cunha (pág. 406)		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

ANEXO M – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 49-52

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	49
TOPÔNIMO: Maracajá		
TAXONOMIA: Zootopônimo	NATUREZA: Físico	
ORIGEM: Tupi “maraka’já”		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. masc. [S. sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: S. masc. – mamífero carnívoro da família dos felídeos, espécie de gato-do-mato.		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Etimológico Antenor Nascente (pág. 410)		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	50
TOPÔNIMO: Marahú		
TAXONOMIA: Etnotopônimo	NATUREZA: Antropocultural	
ORIGEM: Tupi – Mayra – hú		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. masc. [S. sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Marahú – por ter sido um porto onde as antigas embarcações que iam para Belém, quando atracadas, eram amarradas nos marás, vara enfiada na beira dos rios para este fim.		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: http:// pousadamarau.com.br > acessado: 01:58h, 21/07/23		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	51
TOPÔNIMO: Murubira		
TAXONOMIA: Etnotopônimo	NATUREZA: Antropocultural	
ORIGEM: Tupi – Morobira		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. masc. [S. sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: morobira – tribo que habitava o local, na linguagem indígena significa “homem forte” ou “homem de pedra”; corruptela: Murubira		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Tupi de Belém (autor e pág ?)		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	52
TOPÔNIMO: Natal do Murubira		
TAXONOMIA: Historiotopônimo		NATUREZA: Antropocultural
ORIGEM: Híbrido – Natal – do Latim: natalis = nascer Murubira - Tupi		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.C. masc. [S. sing. + prep. + S. sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: N.T.		
CONTEXTO: N.T		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Latim Português e Dicionário Tupi (pág. ?)		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

ANEXO N – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 53-56

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	53
TOPÔNIMO: Paraíso		
TAXONOMIA: Animotopônimo	NATUREZA: Antropocultural	
ORIGEM: Latim: paradisus, i – derivado do Grego, paradeisos, e, este, do Persa - pairidaeza		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. masc. [S. sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: S. masc. lugar de delícias, céu, éden		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Etimológico – Cunha (pág. 476)		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	54
TOPÔNIMO: Porto Arthur		
TAXONOMIA: Dimensiotopônimo	NATUREZA: Física	
ORIGEM: Do Latim: Porto > portus, -us Do Celta: Arthur		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.C. masc. [S. sing. + S. sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Porto – S. masc. lugar da costa ou em um rio, lagoa, etc, que, por oferecer às embarcações certo abrigo, lhes permite fundear e estabelecer contatos com a terra. Arthur – nome de origem incerta, a partir do termo “artwa”, literalmente, pedra; outra possibilidade seria: art + ur = urso grande		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Etimológico – Cunha (pág. 513), Dicionário Etimológico Antenor Nascente (pág. 87)		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	55
TOPÔNIMO: Praia Grande		
TAXONOMIA: Dimensiotopônimo	NATUREZA: Física	
ORIGEM: Do Latim tardio: “plagia” derivado do Grego plágia + Latim “ grandis”		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.C. fem. [S. sing. + Adj. sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: praia – S. fem. orla da terra, ordinariamente coberta de areia, confinando com o mar. Grande – adj.sing. – vasto, comprido, desmedido, numeroso.		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Etimológico – Cunha (pág. 515 e 322)		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	56
TOPÔNIMO: São Francisco		
TAXONOMIA: Hagiotopônimo	NATUREZA: Antropocultural	
ORIGEM: Do Latim: Santo > Sanctus, a, um + Francisco do Latim – Franciscus que veio do Germânico Frank (franco) + sufixo “isk” que denota nacionalidade.		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.C. masc. [Adj. sing. + S. sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Francisco (franco = line) Francês livre		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Etimológico – Cunha (pág. 580 e 301)		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

ANEXO O – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 57-60

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	57
TOPÔNIMO: Sucurijuquara		
TAXONOMIA: Etnotopônimo	NATUREZA: Antropocultural	
ORIGEM: Tupi – Guajará : “sukuri ‘ juua”		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.C. masc. [S. sing. + S. sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Deve sua denominação à área cercada pelo igarapé de mesmo nome e que significa “morada de Sucuriju – réptil ofídio da família dos boídeos		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Tupi Antigo		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	58
TOPÔNIMO: Vila		
TAXONOMIA: Historiotopônimo	NATUREZA: Antropoculturaç	
ORIGEM: Do Latim: Villa, ae		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. fem. [S. sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: S. fem. povoação, cidade		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Etimológico – Cunha (pág. 677)		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	59
TOPÔNIMO: Cidade Velha		
TAXONOMIA: Cronotopônimo	NATUREZA: Antropocultural	
ORIGEM: Latim: cidade > “civitas”, atis Latim: velha > “vetulus”, diminutivo de vetus, -eris		
HISTÓRICO: Parte de Belém onde os Portugueses, sob o comando de Francisco Caldeira Castelo Branco, desembarcaram, construindo um forte de madeira e uma capela. A praça de armas era defendida por uma Estaca de Madeira dentre da qual ficaram os primeiros colonizadores civis e militares. Saindo do Forte, os colonos abriram um caminho a que chamaram Rua do Norte e foram se aventurando na construção de casas para morarem. Daí surgiu a cidade chamada posteriormente de Velha, denominação que permanece até hoje. É a parte colonial que resta da Belém dos séculos XVI e XVII.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.C. fem. [S. sing. + Adj. sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: cidade: S. fem. complexo demográfico formado social e economicamente, por uma concentração populacional não agrícola + adj. sing. masc. “remoto, antigo, idoso, antiquado, gasto pelo uso.		

CONTEXTO: N.T.
FONTE: IBGE – C0DEM – SEURB
REFERÊNCIA: Dicionário Etimológico – Cunha (pág. 150 e 670)
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	60
TOPÔNIMO: Guamá		
TAXONOMIA: Hidrotopônimo	NATUREZA: Física	
ORIGEM: Tupi – rio que chove		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. masc. [S. sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Recebe essa nomenclatura por conta do Rio Guamá que fica situado à margem da área do bairro.		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – C0DEM – SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Tupi Antigo (pág. E autor)		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

ANEXO P – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 61-64

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	61
TOPÔNIMO: Água Boa		
TAXONOMIA: Hidrotopônimo	NATUREZA: Física	
ORIGEM: Latim: água > aqua, ae boa > bônus, a, um		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.C. fem. [S. sing. + Adj. sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: N.T.		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM - SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário do Latim Português		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro 62
TOPÔNIMO: Brasília	
TAXONOMIA: Coronotopônimo	NATUREZA: Antropocultural
ORIGEM: Italiana – “brasile”	
HISTÓRICO: N.T.	
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. fem. [S. sing. + sufixo]	
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Brasília significa natural do Brasil, brasileira aquela que provém de terras brasileiras. O nome Brasília é uma versão feminina do nome Brasil. Partilha do mesmo significado de brasilina, que significa “natural do Brasil”, brasileira, aquela que provém de terras brasileiras.	
CONTEXTO: N.T.	
FONTE: IBGE – CODEM - SEURB	
REFERÊNCIA: http://www.dicionariodenomesproprios . Acessado em 21/07/23, às 01:01h	
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso	
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena	

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	63
TOPÔNIMO: São João do Outeiro		
TAXONOMIA: Historiocardinotopônimo NATUREZA: Física e Antropocultural		
ORIGEM: Latim: São (Santo) – Sanctus + João do Hebraico yehokhanan + Iohanan, composto pelos elementos yah (Javé, Jeová, Deus), e hannah (graça) Latim: outeiro > altarius, de altus		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.C. masc. [S. sing. + S. sing. + prep. + S. sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: João significa Deus é gracioso, agraciado por Deus, a graça e misericórdia de Deus. Outeiro significa pequeno monte.		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM - SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionários de nomes próprios e Dicionário Etimológico – Cunha (pág. 466)		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	64
TOPÔNIMO: Barreiro		
TAXONOMIA: Litotopônimo	NATUREZA: Física	
ORIGEM: Pré-Romana		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. masc. [S. sing. + Sufixo]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: S, masc. que vem de barro – tipo de argila “substância usada no assentamento da alvenaria de tijolo em obras provisórias; barreiro – local onde há barro.		
CONTEXTO: N.T		
FONTE: IBGE -CODEM - SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Etimológico – Cunha (pág. 82)		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

ANEXO Q – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 65-68

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	65
TOPÔNIMO: Fátima		
TAXONOMIA: Hagiotopônimo	NATUREZA: Antropocultural	
ORIGEM: Árabe – a partir das palavras “Faatima” e “fats”		
HISTÓRICO: De acordo com as escrituras Fátima era filha do profeta Maomé, ela era uma mulher perfeita, física, moral e intelectualmente.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. fem. [S. sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: significa – jovem ou donzela ou cativante. Através do Persa Fatimat e do árabe Faatima, pode também significar “mulher que desmama seus filhos. No caso do bairro é clara alusão à Nossa Senhora de Fátima		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM – SEURB		
REFERÊNCIA:		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	66
TOPÔNIMO: Maracangalha		
TAXONOMIA: Zooetnotopônimo	NATUREZA: Físico e Antropocultural	
ORIGEM: Tupi – Mara (mancha) + acanga (cabeça) + ayra (pequenino)		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.C. masc. [S. sing. + S. sing. + Adj. sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Nome de um pequeno macaco com manchas na cabeça que vive nas matas ao redor do aeroporto de Val – de- Cães, sendo essa mata conhecida como Maracangalha.		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM - SEURB		
REFERÊNCIA: Symões, Carlos – O Tupi de Belém. Dicionário Tupinamba – Português Amazon.com.2020		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	67
TOPÔNIMO: Miramar		
TAXONOMIA: Hidrotopônimo	NATUREZA: Física	
ORIGEM: Latim: mira + mar – mirare (verbo mirar) + mare (subst. mar)		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.C. masc. verbo + S. sing]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Lugar de onde se pode ver o mar (
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Etimológico Celso Cunha		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	68
TOPÔNIMO: Pedreira		
TAXONOMIA: Litotopônimo	NATUREZA: Física	
ORIGEM: Latim: pedra, -ae + eira		
HISTÓRICO: Antes Pedreira do Guamá, lugar escolhido pelo general Francisco José de Souza Soares de Andreia para o desembarque das forças imperiais que combateram os cabanos. Pedreira deve seu nome as pedras que existiam em grande escala nas imediações.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. fem. [S. sing. + sufixo]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: Local de onde se tiram pedras		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM - SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Etimológico – Cunha (pág. 484 e história dos bairros de Belém		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

ANEXO R – FICHA LEXICOGRÁFICA - TOPONÍMICA 69-71

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	69
TOPÔNIMO: Sacramenta		
TAXONOMIA: Animotopônimo	NATUREZA: Antropocultural	
ORIGEM: Latim: “Sacramentum, i”		
HISTÓRICO: Antes “Rampa da Sacramenta” não se sabe ao certo se por sentimento religioso ou não que (Sacramentado) fosse de juramento ou de consagração.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. fem. [S. sing. + sufixo]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: S. masc. corruptela de sacramento o que é sacro, sagrado.		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM - SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário da Língua Portuguesa - Aurélio		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	70
TOPÔNIMO: Telégrafo		
TAXONOMIA: Historiotopônimo	NATUREZA: Antropocultural	
ORIGEM: Grego – têle = longe. Ao longe, longe de + grego “grafos”, escrita = pelo Francês “télégraphe”		
HISTÓRICO: Inspirado no telégrafo sem fio, ali instalado (antes, São João do Bruno).		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.C. masc. [S. sing. + S. sing.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: N.T.		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM SEURB		
REFERÊNCIA: ?		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		

MUNICÍPIO: Belém	AG: Humano – Bairro	71
TOPÔNIMO: Itaiteua		
TAXONOMIA: Etnolítotopônimo	NATUREZA: Física e Antropocultural	
ORIGEM: Tupi: Ita (pedra) + teua (muito (a) s		
HISTÓRICO: N.T.		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA: T.S. fem. [S. sing. + pron. Indef.]		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS: significado – muitas pedras		
CONTEXTO: N.T.		
FONTE: IBGE – CODEM - SEURB		
REFERÊNCIA: Dicionário Etimológico – Cunha (pág. 368). Dicionário Tupi de Belém		
PESQUISADORA: Denise Ramos Cardoso		
REVISORA: Waldinett Nascimento Torres Pena		